



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com atletas brasileiros medalhistas olímpicos e paraolímpicos de Pequim 2008

Palácio do Planalto, 1º de outubro de 2008

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,
Companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,
Nossa querida Maria Fernanda – fique em pé para as pessoas saberem quem é a Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal. Ficou com vergonha.

Meu caro amigo Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Meu caro Vital Severino Neto, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Minha querida Maurren Maggi, representante dos atletas olímpicos,
Meu querido Antônio Tenório da Silva, representante dos atletas paraolímpicos brasileiros,

Companheiros dirigentes esportivos,
Companheiros diretores da Caixa Econômica Federal,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu tinha dito ao Orlando que não ia fazer discurso, e não vou ler o meu discurso. Vou apenas dizer algumas poucas palavras. O meu medo de não ler é porque perco a noção do tempo. Meu querido Luciano do Valle, estou vendo você aí atrás, escondido. Eu estava pedindo para o Nuzman preparar uma olimpíada da terceira idade para 2016, aí eu e José Alencar entraríamos em campo para defender as cores do Brasil.



Uma coisa fantástica, Maurren, foi a emoção de estar na abertura das Olimpíadas. Vi muitas pela televisão, mas a sensação de estar num estádio, no lugar privilegiado em que os presidentes ficaram, com um calor insuportável... e eu pensando que deveria ir com o uniforme da Seleção Brasileira e de tênis, mas como me disseram que os chineses eram todos formais, eu falei: vou chegar lá, o Hu Jintao vai estar de terno e gravata, não vai ficar bem eu de tênis. Mas, para mim, foi uma emoção extraordinária, foi uma coisa fantástica. Acho que, por conta disso, o Brasil merece fazer uma.

Uma coisa que me deixa inquieto é que quando começa a competição, tem os comentaristas sérios, responsáveis, que fazem análise das possibilidades do Brasil, dos atletas do Brasil, das condições em que nós fomos para as Olimpíadas, e fazem críticas totalmente aceitáveis. Mas tem um tipo de gente que talvez tenha passado quatro anos sem dar uma palavra sobre os nossos atletas, e quando não acontece o que ele imaginava que deveria acontecer, que seria o ouro, ele passa a fazer críticas. Passa a criticar, que não tem organização, que não tem preparação. Durante quatro anos não se lembrou dos atletas. Mas no dia em que os atletas entram para fazer a sua disputa, são quatro anos de preparação para alguns minutinhos e, às vezes, em menos de um minuto foi-se embora o sonho.

Essa é a coisa gostosa do esporte, como é a coisa gostosa da vida: a gente não sabe quando vai morrer, o que vai acontecer com a gente daqui a dois minutos. Eu só sei que está todo mundo com fome aqui. Eu acho que essa é a coisa gostosa do esporte. Todo mundo gostaria de trazer ouro, seria importante que todo mundo pudesse ganhar ouro. Fico pensando como alguém pode ganhar de nós, se nós temos praias melhores do que os americanos, no vôlei de praia? Não sei se a areia deles é tão boa quanto a nossa, mas...

O dado concreto é que eu não consigo misturar a minha vinculação com o esporte com o meu cargo de presidente da República. Quando chego em casa, Nuzman, que tem um jogo de futebol... Antigamente eu era fanático por



boxe, depois fui ficando velho, comecei a achar que era muita violência, e fui parando. Só não vejo briga de galo porque é proibido, mas qualquer coisa que tiver de esporte, à meia-noite, à uma hora da manhã... Quando chego em casa, tenho um trato com a Marisa: não levo os meus problemas políticos para dentro de casa. Eu sou torcedor do Corinthians, em São Paulo; do Vasco, no Rio de Janeiro; do Náutico, em Pernambuco; do Cruzeiro, em Minas Gerais. Tenho amigos que torcem para outros times, e talvez eu seja o único político que não tem vergonha de dizer para que time torce. Tem políticos que não falam o nome com medo de perder votos dos outros times.

Vocês viram que eu fiz uma crítica à Seleção Brasileira masculina que foi às Olimpíadas. Vocês são todos muito jovens. O que as pessoas esperam de um atleta é que ele faça aquilo que está ao seu alcance. Ninguém pode exigir o sobrenatural, não é isso? Vocês se preparam, chegam lá, vão correr, vão nadar, vão jogar vôlei. Podem ser os melhores naquele dia, mas podem não ser. Os outros podem estar com sorte, e nem por isso diminui o valor das pessoas. No esporte, o insuportável para quem está torcendo é perceber que as pessoas que estão disputando não estão suando a camisa. Isso é uma coisa que nem vocês, quando viram torcedores, aceitam.

Eu acho que as nossas meninas do futebol perderem aquela medalha... se bem que a gente poderia ter perdido, no finalzinho, quando uma americana pegou a bola sozinha e a nossa goleira pegou, aos 90 minutos. Ali a gente já poderia ter perdido. Mas o fato de o Brasil ganhar a de prata, não diminui nenhuma atleta brasileira. Por exemplo, eu vi o Diego. Todo mundo sabia que o Diego podia ganhar a medalha de ouro, mas ele caiu quando não deveria. Paciência, meu Deus do céu, faz parte do esporte, e nem por isso ele é menor. Estou lembrado de quando a Daiane foi pular, na última prova, e pisou duas vezes fora do espaço. Ela treinou durante quatro anos, se preparou, sabia que não podia pisar fora, mas pisou, acima da nossa vontade, da vontade da torcida, acima da vontade dela. Nós somos seres humanos e nem sempre as



coisas acontecem como a gente deseja.

Eu queria dizer para vocês que a gente precisa entender aqueles que acham que o País deve ser valorizado pela quantidade de medalhas de ouro. É lógico que é importante ganhar muitas medalhas de ouro, é lógico que ver o Cielo ganhar a medalha de ouro é importante, mas se ele não ganhasse não seria menor porque não ganhou. O importante, para nós do governo, é saber que um atleta, quando vai para uma Olimpíada, sai para pegar o avião sabendo o seguinte: “eu me preparei, tive recursos, tive condições de me preparar e vou lá em igualdade de condições”. Se ele foi assim e não ganhou, é do esporte. Duro é se a gente tiver um atleta que saia daqui falando: “não tive um bom técnico, não tive dinheiro para fazer meus treinamentos normais, não pude me preparar melhor”. Se ele sai assim, aí é uma derrota do governo, do País, do COB e de todo mundo ligado ao esporte. Acho que é importante a gente cuidar para que não aconteça, porque o Brasil está se oferecendo e disputando para ser sede das Olimpíadas de 2016, e nós precisamos garantir que os nossos atletas que vão passar por todos os testes no estado – tem medição para tudo – cheguem nas Olimpíadas com 100% de condições de disputar qualquer medalha. Esse é um compromisso, Orlando, que...

Eu penso no que aconteceu com a Maurren, em Atenas. Você sabe que a vida também ensina quando a gente vai ao fundo do poço e depois chega em cima outra vez. Eu já fui ao fundo do poço tantas vezes que se não soubesse nadar, teria morrido afogado. Lá no Nordeste, os poços têm pouca água, então eu não conseguia... É extremamente importante porque eu acho que a sua grande medalha foi dar a volta por cima, essa foi a sua grande medalha. Quando a gente não faz as coisas certas, tem até amigos que já não são mais tão amigos. Sabe aquele amigo que só sobe um degrau, dois degraus com você, e pára no terceiro?

Na vida, a gente vai construindo... eu sei o tanto que fizeram para prejudicar aquele nosso companheiro da natação, o Clodoaldo. Não sei se ele



está aí. Mudaram-no até de categoria, achando que ele não era... Ver um companheiro de São Bernardo do Campo ganhar tantas medalhas de ouro assim

Quero dizer para vocês o seguinte, meu caro Orlando e meu caro Nuzman: tenho mais dois anos e dois meses de governo. Estou convencido de que nós ainda não fazemos o que precisa ser feito para garantir que o Brasil participe das Olimpíadas em igualdade de condições. Não estou exigindo que a gente traga mais medalhas de ouro, de prata ou de bronze. Gostaria de ter todas, mas como é esporte, também tem gente que quer competir e ganhar de nós. Nós temos é que preparar as delegações brasileiras e os atletas brasileiros naquilo que for possível e no melhor que a gente puder fazer.

Orlando, eu queria que você, o Nuzman e outros dirigentes, que envolvesse uma delegação de atletas... é importante que eles participem para dizer quais são as deficiências que eles vêm no dia-a-dia da prática desportiva deles, para começar o próximo ano com a apresentação de uma proposta para que a gente se torne mais importante nas Olimpíadas, para que a gente tenha atletas em melhores condições, para que a gente possa dar 100% daquilo que tem que dar a um atleta para ele, se perder, não culpar ninguém, e dizer: “apareceu alguém melhor do que eu, então fica para outra vez”. Então, eu gostaria que você, o Nuzman e o pessoal se preparassem para me entregar... primeiro, a participação da iniciativa privada.

Quero confessar, Nuzman, que um dia, às 8 horas da noite, eu estava em minha sala vendo, acho que um replay de uma disputa, e eu tinha uma audiência com um empresário. Por incrível que pareça, esse empresário se sentou, assistiu dois minutos comigo, e falou o seguinte: “Presidente, eu acho que nós, empresários, temos que assumir a responsabilidade com o País. Eu acho que cada empresário poderia adotar um grupo de atletas e cuidar para que eles tivessem todas as condições possíveis de disputar todas as disputas que têm no mundo do esporte, e voltarem como vencedores ou, pelo menos,



representarem o nome do Brasil”.

Quero, Orlando, me comprometer – por isso vim falar – com você, com o Nuzman, que vocês montem um esquema, uma proposta, e me disponho, com vocês, a juntar os 50, os 100, os 150 maiores empresários deste país e ver o que estamos fazendo. Ver se a Caixa Econômica, os Correios, o Banco do Brasil, já estão fazendo tudo o que podem para os nossos paraolímpicos disputarem com dignidade. O Vital, certamente, vai fazer parte da delegação que vai construir essa proposta. Ver se os Correios estão dando o que tem que dar, se a Eletrobrás está dando o que tem que dar, se outras empresas estão dando aquilo que precisam dar, para que a gente depois não fique chorando: tive três, quatro, cinco medalhas de ouro.

O importante é a gente saber que sai daqui com uma delegação cada vez maior, cada vez mais preparada, cada vez mais disputando novas modalidades. O que não é justo é um atleta não treinar porque não comeu as calorias e as proteínas necessárias ao corpo humano, é um atleta não treinar porque não tem técnico. O duro é um atleta não se especializar porque não tivemos condições de fazer a melhor piscina, a mais adequada, ou mandá-lo treinar em outro lugar. Se quisermos nos transformar numa potência olímpica, quero dizer para vocês: isso precisa, não de gasto, mas de investimento para que neste país, cada vez mais, todos tenham orgulho de ser brasileiros, e todos tenham muito orgulho de entrar num estádio, como vi vocês entrarem lá no estádio de Pequim. Se trouxerem medalha de ouro, ótimo. A Maurren poderia me dar a dela porque sua filha queria que ela ganhasse a de prata, então vou ver se faço uma de prata para tomar essa aí dela.

De todo o coração, fiz questão de dar uma entrevista no dia em que terminaram as Olimpíadas para dizer que o Brasil foi bem razoável nas Olimpíadas, porque eu já tinha ouvido falar de pedido de CPI, de investigação sobre para onde foi o dinheiro. Quando a gente não ganha 100%, aparecem os heróis de última hora querendo encontrar culpados. Eu acho que os culpados



somos todos nós, 190 milhões de brasileiros, que estamos aprendendo agora que levar muitos atletas para uma Olimpíada ou para uma Paraolimpíada é motivo de orgulho para um país. O fato de vocês entrarem com essa camisa verde e amarela, a não sei quantos mil quilômetros de distância, com 11 horas de fuso horário, e eu estar lá assistindo, vocês não imaginam a emoção que passam. Eu, que sou um bobalhão, que fico emocionado a cada vez que estou viajando e ouço o Hino Nacional, fico imaginando vocês, quando sobem no pódio e ouvem o Hino Nacional. Deve ser uma coisa mais do que legal, uma coisa importante.

Quero ver se a gente faz a lição de casa. Da minha parte, companheiro Nuzman, companheiro Orlando, companheiro Vital, da parte do José Alencar, eu quero que vocês (inaudível) vou repetir: tenho dois anos e dois meses de mandato, e a gente tem que aproveitar. Nesses dois anos dá para fazer muita coisa, porque temos Londres em 2012 e, se Deus quiser, teremos o Rio de Janeiro em 2016.

Portanto, um forte abraço, que Deus abençoe cada um de vocês, que a Maria Fernanda continue apoiando os paraolímpicos, as nossas ginastas e que a gente possa ganhar, não mais medalhas, mas mais orgulho de sermos brasileiros.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 70 anos do Sindicato dos Químicos**

Santo André-SP, 03 de outubro de 2008

Numa próxima solenidade, uma figura experiente como você, Paulo Betti, quando chegar na frente, precisava colocar as luzes refletindo daqui para lá, para a gente ver o povo, porque estão todas as luzes para cá e temo que eu vá embora sem ver a cara das pessoas que estão aqui na frente. Só sei que ali tem umas câmeras... Aí não há uma interação entre o presidente e o povo, e o povo e o presidente.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Arlindo Chinaglia, que antes de ser deputado era médico, depois de médico virou presidente do Sindicato dos Médicos do estado de São Paulo e, depois, presidente da CUT estadual.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Eduardo Suplicy, que não tem nada a ver com o dono da fábrica que foi fechada, a Matarazzo. Ele é bisneto, portanto ele não tinha nem... quando a fábrica foi feita, não é da responsabilidade dele, portanto.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Vicentinho. Não estou te vendo, Vicentinho. Aí, agora estou vendo.

Quero cumprimentar minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro João Avamileno, prefeito de Santo André,

Meu querido companheiro Paulo Lage, presidente do Sindicato dos Químicos do ABC, e sua esposa, Daniela Lage,

Quero cumprimentar... Não vou falar bem dela, porque o Artur já puxou tanto o saco da Ivete que não vou falar e repetir os elogios. Quero cumprimentar a nossa querida companheira Ivete,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Artur, presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores,



Quero cumprimentar o senhor Edílson de Paula, presidente da CUT de São Paulo,

Quero cumprimentar o José Toneloto, presidente da Associação dos Químicos Aposentados do ABC,

Quero cumprimentar os ex-companheiros presidentes de Sindicato. Primeiro, o nosso companheiro José Trajano, que é o nosso decano, aqui, na presidência do Sindicato dos Químicos. Ele presidiu o Sindicato de 1956 a 1962. Certamente uma grande parte da categoria não tinha sequer nascido, Trajano, quando você já presidia esta categoria.

Quero cumprimentar o companheiro Alcir Nogueira – esses já são todos da minha geração – que presidiu o Sindicato de 1976 a 1979,

Quero cumprimentar o companheiro Floriano, que também não está aqui, mas presidiu o Sindicato de 1979 a 1982, Vicente Floriano da Silveira,

O nosso companheiro Agenor Narciso, que presidiu o Sindicato de 1982 a 1991, ou seja, três mandatos. Também não está aqui, porque parece que é candidato a vereador em alguma cidade do interior de São Paulo,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Remígio – esse, sim, está aqui. O Remígio, que foi presidente de 1991 a 1994. Em 1996, ele passou a presidência para o Sérgio Novais, para assumir o cargo de tesoureiro da CUT Nacional, onde permaneceu até 2003, quando assumiu o cargo de secretário de Políticas Públicas de Emprego no Ministério do Trabalho, já no meu governo.

Quero cumprimentar o Sérgio Novais, que ficou de 1997 a 2003,

E cumprimentar o nosso querido Paulinho, que está de 2003 a 2009. Em 2009, Oxalá ele consiga produzir muitas outras lideranças para que possamos, em pouco tempo, ter nova liderança presidindo este Sindicato.

Bem, companheiros e companheiras,

Meus amigos,



Toda vez que venho falar, quando a Marisa está presente, fico preocupado porque a dona Marisa (inaudível) o tempo, e fico aqui preocupado em não ter ninguém puxando o meu paletó. Mas penso que a comemoração de 70 anos de uma entidade de classe com a representação de um Sindicato que tem a história brasileira, como tem a categoria química, merece uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro.

Primeiro, na história de um país, 70 anos não quer dizer absolutamente nada. Na história de um sindicato, 70 anos também não quer dizer muita coisa porque uma entidade sindical pode viver por milhares de anos, pode se aperfeiçoar ou pode acabar, se a categoria não mais existir, mas existirão outros sindicatos.

Na nossa vida pessoal é que é um desastre, porque nós temos um tempo mais curto. A gente vai vendo as fotografias, vai vendo 69, 72, oitenta e não sei quanto, e vai percebendo que o cabelo vai ficando branco, a barba vai ficando branca, a gente vai ficando... Começam a chamar a gente de terceira idade, começam a dar passagem de graça para a gente viajar interestadual. Tudo isso parece benefício, mas é o reconhecimento de que estamos virando a reta final da nossa passagem pelo planeta e o importante é que a gente tenha plantado uma boa semente, que dê uma boa árvore e continue dando bons frutos.

Eu comecei falando do Brasil porque o nosso país já teve tantos momentos excepcionais. Eu depois de ler o livro Barão de Mauá, Paulo Betti, tive o prazer de assistir ao filme Barão de Mauá e saber que, no tempo de Império, este país já poderia ter se transformado em um país altamente industrializado se não fosse a mesquinha política que fez com que um dos grandes mentores empresariais deste país fosse praticamente a falência para ressurgir algumas décadas depois.

O Brasil jogou fora naquele momento uma oportunidade histórica por brigas menores. Depois, o Brasil teve um outro momento: tem a história de um



empresário brasileiro chamado Delmiro Gouveia, lá do estado de Alagoas. Este cidadão, a cinqüenta anos atrás, tinha uma fábrica têxtil com três mil trabalhadores lá no sertão de Alagoas. Como ele estava criando problemas para os ingleses, que na época eram os que queriam exportar para o Brasil, não só o mataram, ele que tinha pouco mais de 50 anos de idade, como pegaram todas as máquinas dessa grande fábrica que gerava três mil empregos e jogaram todas no rio São Francisco. Primeiro mataram, depois compraram a fábrica, depois desmontaram a fábrica. Só tendo em mente quantas oportunidades o Brasil perdeu de ter chance de se desenvolver e, por coisas políticas, a gente percebe que o Brasil desandou, andou um pouco pra trás.

Eu contei estes fatos para entrar nos dias de hoje. Houve um período, que não está muito longe, em que aqui neste país as palavras da moda, as palavras que a gente via todo santo dia no noticiário, nas manchetes de jornal, de televisão e de rádio, eram as palavras choque de gestão, modernidade e iniciativa privada: eram solução para tudo, porque o mercado iria resolver os problemas e o Estado não servia para nada. Havia até quem dissesse que o Estado atrapalhava.

Como Deus escreve certo por linhas tortas, o tempo se encarrega de mostrar pra gente que nem tudo é bonito e nem tudo é feio. Entre o feio e o bonito você tem o meio termo. Você tem, por exemplo, o caso da Marisa: entre o bonito e o feio, ela me escolheu como o caminho do meio, o meio termo, nem tão bonito nem tão feio, um sapatinho usável. Pois bem, na política a coisa é assim ou até um pouco pior.

O companheiro Paulo citou aqui a quantidade de empregos que tem na categoria, citou, em pouco tempo, a quantidade de empregos que a categoria perdeu e citou, em apenas cinco anos, o que a categoria reconquistou, não apenas de trabalhadores, mas também de associados do sindicato.



Se olharmos o Brasil, vamos perceber que nestes últimos cinco anos, só de emprego com carteira profissional assinada, foram 10 milhões de empregos criados no nosso país, contra oito milhões de desempregos há dez anos. As pessoas podem dizer: “é sorte, é pura sorte. Este Lula tem tanta sorte que entrou no governo a situação estava boa, a economia estava boa”. As pessoas se esquecem de que quando nós entramos tivemos que fazer o maior choque que a história desse país conheceu, que foi o ano de 2003. Nós cortamos na veia.

Eu faço questão de dizer que troquei o meu capital político da época, de um presidente recém-eleito, para poder recuperar a economia brasileira. Tenho consciência de quantos de vocês que perderam a esperança no meu governo no primeiro ano. Tenho consciência disso, porque se tem uma coisa que aprendi na vida foi ouvir, por isso que tenho a orelha meio caída, de ouvir. Eu também falo bastante, mas ouço bastante.

Foi graças a este sacrifício que fizemos que tomamos decisões que estão resultando nas coisas que estão acontecendo agora no nosso país. Fico pensando em quantos presidentes da República gostariam de viver o momento que estou vivendo. A construção civil, que passou 20 anos decrescendo, está crescendo há três anos consecutivos, a indústria metalúrgica, que o coitado do Marinho, Vicentinho, Meneguelli e eu só íamos à porta da fábrica para chorar pela quantidade de trabalhadores que era mandada embora, já no nosso período readmitiu, contratou quase 30 mil trabalhadores só na nossa região. Com o setor petroquímico aconteceu o que o Paulo disse, o comércio, todos vocês estão percebendo que está crescendo, até os jornais estão contratando mais gente. Quanto mais gente trabalha, mais poder aquisitivo, mais jornais estão acontecendo. Tem jornal agora até de 50 centavos. Esses jornais estão crescendo de forma extraordinária pelo Brasil afora. As pessoas estão tendo acesso.



O que está acontecendo é o que nunca deveria ter parado de acontecer no nosso país. Estamos percebendo, companheiro Arlindo, você que é presidente da Câmara, Suplicy, que é senador, e companheiros dirigentes sindicais, que estamos vivendo um momento em que tem uma crise americana que as pessoas estão acompanhando. Esta crise talvez seja a única crise que eu não tenha que dizer que é uma crise internacional porque todo dia a imprensa abre manchete dizendo da crise internacional, do *subprime* nos Estados Unidos, dos bancos de crédito, dos bancos de investimento nos Estados Unidos.

Hoje foi aprovado na Câmara dos Estados Unidos o empréstimo, ou seja, de um buraco de 850 milhões de dólares, equivalente a um trilhão e 700 bilhões de reais. O nosso Proer foi quanto? Vinte e quatro bilhões de reais. Quando tivemos problemas nos bancos aqui no Brasil, para vocês terem dimensão da diferença, o Proer custou aos cofres públicos, na época, 24 bilhões de reais. Para os americanos, sem saber o tamanho da crise ainda, já são 850 bilhões de dólares, o que dá um trilhão e 700 bilhões de reais. Imagina o tamanho da crise americana.

Mas eu queria que as pessoas continuassem dizendo que tenho sorte, porque este país, quando teve a crise asiática, quando teve a crise na Rússia, e quando teve a crise no México, que eram um pingo d'água dentro do Oceano Atlântico comparadas com a crise americana, o nosso país quebrou duas vezes. Duas vezes este país quebrou. Hoje estamos com uma crise que envolve essa magnitude de recursos dos Estados Unidos e até agora estamos tendo um problema (inaudível), não nosso, mas um problema internacional, que é a disponibilidade de crédito para financiar as exportações brasileiras ou para financiar qualquer que seja o projeto que precisa de dinheiro emprestado em dólar.

Então, os banqueiros que passaram os últimos 20 anos dando palpite na economia mundial – cansei de viajar pelo mundo, graças a minha experiência



de ter perdido três eleições é que viajei pelo mundo – cansei de encontrar yuppies de 23 anos, de 24 anos, que não sabiam onde era o Brasil e a Bolívia, que não sabiam se a capital do Brasil era Hong Kong ou Buenos Aires, dando palpite sobre a economia brasileira, como é que a gente tinha que fazer, o que a gente tinha que citar, medindo o risco do nosso país.

Essa gente toda, que deu palpite, não tomava conta do seu nariz e quebraram todos agora. É como o cidadão que fica olhando para o filho do vizinho: “ah, o filho do vizinho sai tarde e não volta para casa” e deixa de olhar o seu. Quando ele acorda e fica esperto, percebe que o filho dele está fazendo coisa pior que o filho do vizinho que ele tanto olhou. Se cada um olhasse para os seus problemas e deixasse de mexericar os problemas dos outros, o mundo certamente seria muito mais feliz.

E por que o Brasil está tranqüilo hoje? É porque nos momentos em que alguns queriam que nós gastássemos muito, no momento em que alguns davam palpite, dizendo que a gente deveria gastar muito, nós juntamos 207 bilhões de dólares. Hoje, não só não devemos ao FMI como temos mais dinheiro do que a dívida externa brasileira. Isso é que nos dá solidez para não ter medo da crise americana.

Uma coisa é a nossa preocupação pelo simbolismo do que representa a economia americana no mundo. Tendo uma recessão nos Estados Unidos, obviamente que terá recessão em vários outros países. Mas tem um fenômeno hoje que não é levado em conta, que é o fenômeno dos países chamados emergentes, ou dos Brics, todos países com uma quantidade enorme de dinheiro, o tal do “fundo soberano”: é a China, com quase 1 trilhão e 800 bilhões de dólares; é a Rússia, com 600 bilhões de dólares; é a Arábia Saudita, com 800 bilhões de dólares; é o Brasil, com 207 bilhões de dólares; é outro, com 300 bilhões de dólares. Já não estamos mais tão dependentes como a gente estava há 20 anos.

A balança comercial do Brasil não é uma balança comercial em que o



Brasil depende dos Estados Unidos. Os Estados Unidos são um bom parceiro, o Brasil, hoje, tem uma relação comercial de 40 bilhões de dólares com os Estados Unidos. Representava quase 30% há 12 anos, hoje representa apenas 15%. Mas em compensação, com a Argentina, que a gente tinha uma relação comercial de apenas 9 bilhões, em 2003, hoje vai chegar a 35 bilhões de dólares. Com a China, que a gente tinha pouquinha coisa, vai chegar a 35 bilhões de dólares. Com a África, que a gente não tinha nada, vai ultrapassar os 17 bilhões de dólares.

E assim, o que fizemos? Diversificamos a nossa pauta comercial, não ficamos dependendo só da Europa ou dos Estados Unidos, vamos procurar mais parceiros. É como um camelô, um mascate desses que vocês conhecem pela rua. Se ele todo dia for à mesma casa bater palmas, corre o risco de vender um produto uma vez e passar o ano sem vender mais, porque a pessoa não pode comprar todo dia uma roupa nova. Mas se ele procurar, além de uma pessoa, a rua inteira, corre o risco de montar uma boa carteira de exportação.

É isso, companheiro Arlindo, que nos dá tranquilidade com relação à crise americana. Estamos tranquilos, obviamente olhando isso como se estivéssemos com aquela lente que fica olhando se tem estrelas no céu, acompanhando aquilo, para a gente reagir aos movimentos que forem necessários fazer, sem fazer pacote econômico.

Vou repetir: no meu governo não terá pacote econômico, no meu governo terão medidas que serão pensadas e discutidas. Mas ninguém será pego de surpresa com pacote econômico, porque todos os que foram feitos ao longo da história não deram certo. Prefiro, nessa altura do campeonato, não inventar, ficar olhando com lupa e reagir, para que a gente vá tomando as medidas e não cause prejuízo à economia brasileira.

Por conta disso, meu companheiro Paulo Lage, meu companheiro Artur – falando agora para os sindicalistas – é importante vocês terem em mente o que vai acontecer neste país até 2010, até 2012, e até um pouco mais para a



frente.

Este país fez a sua última refinaria em 1980. A sua última refinaria, feita pela Petrobras, foi em 1980. Nós, agora, estamos fazendo quatro novas: uma em Pernambuco, no ano que vem começaremos uma no Maranhão, uma no Ceará e uma no Rio Grande do Norte, são mais quatro refinarias. E vocês, químicos, sabem que por detrás de cada refinaria vem um pólo petroquímico, portanto, a categoria vai crescer muito mais, nacionalmente.

Este país ficou 22 anos sem construir um alto-forno. Sem construir alto-forno você não produz aço. No começo do ano que vem começarão a acontecer cinco novas siderúrgicas no País. Inclusive os meus amigos da Vale do Rio Doce sabem perfeitamente bem que não é possível só tirar minério e levar para a China, é preciso fazer produção de material acabado aqui, com alto valor agregado. Por isso vamos ter que fazer quatro siderúrgicas aqui para que a gente possa gerar riqueza para este país.

Vou dar um exemplo para vocês: uma tonelada de bauxita – a bauxita é o minério que produz o alumínio – exportada *in natura*, custa 30 dólares; se você transforma a bauxita em alumina, que é o primeiro processo de transformação, você já sai de 30 dólares para 500 dólares a tonelada; se você transforma de alumina para alumínio, você passa para 3 mil dólares a tonelada. Então, qual é a vantagem que levamos em exportar só minério e não exportar o produto de valor terminado aqui no Brasil?

Além disso, meu caro Artur, fazia dezoito anos que não se construía neste país uma fábrica de cimento. É importante vocês se atentarem para ver o atrofamento que a economia brasileira ficou nos últimos 22 anos. Hoje estão sendo construídas dez cimenteiras grandes e 15 cimenteiras pequenas. Portanto, nós vamos resolver um problema crônico do Brasil, porque na hora que começa a crescer a construção civil, falta cimento, o povo vai pagar mais caro e vai começar a surgir o chamado mercado paralelo.



Não é apenas isso. Nós acabamos de aprovar agora uma medida para financiar... São R\$ 25 bilhões para financiar 60 mil tratores para a agricultura familiar e 300 mil máquinas agrícolas. Se o mundo está com fome, se está tendo inflação de alimentos, nós não vamos ficar chorando não, vamos aumentar a produção neste país para não faltar alimentos na mesa do trabalhador. Porque quanto mais come, mais força ele tem e mais vai trabalhar para a gente apagar de vez a imagem do Jeca Tatu, que nós mais velhos conhecemos tão bem nesse país.

Estou dizendo essas coisas para lembrar vocês de que é preciso ter em mente que todo santo dia... É inacreditável, Paulo, é inacreditável. Tem horas, Paulo Betti, que eu fico... Eu lembro do filme Barão de Mauá, não sei se eu lembro, faz tempo que eu vi – não que faça muito tempo que você fez o filme, você é muito jovem. Eu já vi há algum tempo o filme, tem um primeiro-ministro ou tem um político Barão não sei das quantas, que começa a despertar na cabeça do Imperador a ciúmeira do Barão de Mauá. Ele começa a dizer para o Imperador: “tome cuidado, que o Barão de Mauá é mais importante do que você”, “tome cuidado, que ele quer fazer uma siderúrgica, quer fazer uma tecelagem, quer criar o Banco do Brasil, ele é mais importante do que você”. Até que o Imperador se convenceu de que ele era importante e resolveu prejudicá-lo.

Eu fico vendo determinadas coisas hoje, por incrível que pareça, companheiros, tem gente... Outro dia escreveram assim, “agora, agora eu quero ver se o governo é bom ou se ele tinha fonte, porque agora é que tem uma crise, eu quero ver se o Lula vai dar conta da crise, porque até agora foi fácil.”

Foi fácil porque nós transformamos em fácil. Quando eu cheguei, a inflação estava em 17%, a gente não tinha nem um dólar para garantir as nossas importações e ainda tínhamos 30 bilhões que a gente devia para o FMI. Nós chamamos o FMI, devolvemos os 30 bilhões deles – não precisamos de



palpite aqui, de palpiteiros chega nós aqui, brasileiros. Palpiteiro e técnico de futebol.

Para convocar jogador para seleção brasileira, para receitar remédio para dor de cabeça e para sarar a economia, não precisamos de palpiteiros. Todos nós aqui somos um pouco economista, técnico de futebol e médico. É verdade. Você chega a um bar e fala “é rapaz, estou com dor de cabeça”, “toma tal remédio”. “Olha, minha mulher está com uma dor aqui na perna”, “toma tal remédio”: nós todos somos médicos. Se a gente andasse com bula, Arlindo, com receituário, era só dar remédio para todo mundo.

Estes palpiteiros ficam torcendo para as coisas não darem certo. Eu, terça-feira, vou inaugurar uma coisa que vai ser a fotografia mais bonita que vou ver. Vou inaugurar, Arlindo, a plataforma da Petrobras que nós evitamos que fosse construída no exterior. Vamos inaugurar, jogar ela para o mar, para que comece a fazer prospecção de petróleo. E essa plataforma já estava sendo articulada para ser contratada no exterior, acho que em Singapura. Quando tomei posse, eu falei: “vamos fazê-la aqui”. Aí, começa: “Ah, não, o Brasil não tem engenharia, isso é demagogia. O Brasil não pode fazer”.

Pois bem, a resposta do meu silêncio vai ser dada agora. Vamos colocar uma plataforma, que era para gerar emprego em Singapura, para gerar renda em Singapura, vamos colocá-la no mar agora, feita por brasileiros, homens e mulheres que, por conta disso, desenvolveram tecnologia, engenharia e renda. E, agora, vamos colocá-la no mar e colocar outra no lugar, porque aquilo que a gente não sabia fazer, 75% já é de componente nacional.

Acho, Artur, que você deveria ir, terça-feira de manhã, lá em Angra dos Reis, quando vamos colocar a P-51, se não me falha a memória. E no lugar dela vai entrar outra P, porque também quando a gente tira uma tem que colocar outra para poder manter o nível de emprego.

Meus companheiros,

Isso não seria possível se a gente não tivesse os trabalhadores



organizados. Isso não seria possível se a gente não tivesse os trabalhadores dizendo para a gente o que é importante fazer. Tem hora, Artur, que você acha que fico nervoso quando vocês me fazem uma reivindicação. Podem ter certeza que não fico nervoso. Às vezes, acho incômodo, porque o cara me pede 10, eu dou 9,5, e o meio que falta é o que ele conta no discurso, não fala dos 9,5 que eu atendi.

Mas aprendi na vida. Eu nasci na política assim. Lembro que em 1968, não faz muito tempo, Trajano, nós elegemos o primeiro vereador aqui, na região do ABC. O primeiro vereador em 68, há 40 anos, era uma glória. Trabalhador, para subir no palanque naquela época, só se ele fosse do Partido Comunista, que era um partido que tinha a base operária na região. O restante, eu, por acaso, era só batedor de palmas, meu nome nem era citado. Também ninguém me conhecia, não era obrigado a citar.

De lá para cá... Olhem o prefeito de Santo André, metalúrgico. Olhem que beleza! Olhem o Vicentinho, dirigente sindical. Olhem o Arlindo, dirigente sindical. Olhem o presidente da República, dirigente sindical. Olhem dezenas de ministros, todos dirigentes sindicais, dezenas de deputados e vereadores que vamos eleger... Vocês estão percebendo que estou com uma bronquite desgraçada, que vou cuidar quando chegar em casa.

Então, vocês percebem o avanço. Se há 40 anos a gente tinha um vereador, hoje temos dezenas de prefeitos por este país afora, temos centenas ou milhares de vereadores, centenas de deputados estaduais, deputados federais, vamos ter governadores, vamos ter presidente da República, se Deus quiser, por muito tempo, gente ligada à classe trabalhadora brasileira.

Por isso, Paulo, eu não poderia deixar de vir ao seu Sindicato, quando comemora 70 anos. Venho aqui com a sensação de que um dia fui metalúrgico, no outro dia virei presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Mas, na medida em que vocês foram me apoiando, o meu nome foi crescendo e virei presidente da República.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Hoje, com o mesmo orgulho que tenho de dizer que sou metalúrgico, eu digo que sou químico, que sou gráfico, que sou da construção civil, que sou jornalista, jornaleiro, eu digo que sou todas as profissões, porque o simbolismo da minha chegada à Presidência da República é maior do que a minha própria chegada. É dizer: aqueles que eram pensados apenas para morar no andar de baixo, conseguiram chegar à cobertura.

Por isso, meus parabéns pelos 70 anos e espero estar vivo para comemorar os 100 anos do Sindicato dos Químicos aqui, do nosso ABC.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de assinatura do decreto de instituição do Mercosul Social e Participativo

Palácio do Planalto, 06 de outubro de 2008

Companheiro Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral,
Companheiro Patrus Ananias,
Nosso querido companheiro Chacho Álvarez,
Deputado Rosinha,
Deputado George Hilton,
Meu querido companheiro Samuel Pinheiro,
Embaixadores dos países do Mercosul,
Companheiros do movimento social aqui presentes,

Na verdade, se eu tivesse bom senso, a minha palavra aqui seria para pedir desculpas por uma hora e meia de atraso, o que fez com que muita gente interessada fosse embora.

Não vou dizer muitas palavras, apenas quero dizer para vocês que este é um passo que, na verdade, é uma conquista do movimento social do Mercosul, sobretudo do movimento social brasileiro, que há muito tempo tem reivindicado à gente criar essa coisa de mais engajamento da sociedade civil nas discussões do Mercosul. Só os Estados discutindo, eu penso que sempre haverá a possibilidade de deixarmos alguns assuntos importantes, a cada vez que nos reunimos.

Já é sabido e já foi dito aqui por vários companheiros que o Mercosul precisa extrapolar a visão de que somos um fórum em que se discute a questão comercial, a questão tributária. Muitas vezes os companheiros, que já eram amigos antes de nós sermos dirigentes deste país, deixaram de



conversar porque não criamos um instrumento político que permitisse que a sociedade civil extravasasse, primeiro entre si, e depois para os governantes, aquilo que ela compreende que seja melhor.

Daqui a pouco vamos ter que decidir o Parlamento do Mercosul. Não é uma tarefa fácil discutir se vai ter proporcionalidade ou não vai ter, quanto cada partido vai ter de representantes nesse Parlamento. Mas a idéia que já está consolidada é que em 2010 já teremos eleições para o Parlamento do Mercosul. Portanto, quem não se elegeu aqui, pode tratar de concorrer e ver se tem uma vaguinha no Parlamento do Mercosul.

De qualquer forma, quero dizer para vocês que não será uma tarefa fácil. São 88 membros, dos quais 66 com assento. Haverá assunto para discutir, eu diria, até passar noites e noites discutindo. Acho que o movimento social no Mercosul e, sobretudo, também na América do Sul, precisa voltar a se encontrar mais vezes para ajudar a nortear as políticas governamentais, para que estejam sempre ligadas.

E quero ver se aproveito essa Presidência Pro Tempore para a gente fazer tudo o que tiver que fazer, para que quando a gente passe para outro companheiro ou outra companheira, a sociedade civil já esteja mais do que maturada, já esteja organizada para nos ajudar a imprimir um ritmo mais adequado ao funcionamento do Mercosul.

Portanto, parabéns companheiro Dulci, companheiro Samuel, pelo trabalho. Parabéns, companheiros que se dedicaram a acreditar nisso. Não é em toda parte do mundo que essas coisas funcionam. Não é em toda parte do mundo que a sociedade civil é levada a sério na hora de participar das decisões governamentais. Mas aqui nós queremos dar o exemplo de que a relação dos governos do Mercosul com a sociedade civil tem que ser uma coisa muito verdadeira e muito funcional.

Obrigado e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de batismo da plataforma P-51**

Angra dos Reis-RJ, 07 de outubro de 2008

Eu quero, cumprimentando o companheiro Sérgio Cabral, cumprimentar todos os companheiros e companheiras que estão aqui no palanque. E quero cumprimentar especialmente vocês, companheiros trabalhadores do nosso querido País.

Eu sei que todo mundo aqui já falou e, portanto, não tenho muito o que falar, até porque o bom senso me faz enxergar a chuva que está caindo em cima de vocês. Mas é melhor estar se molhando um pouco porque estamos inaugurando uma obra de vocês, do que quando vocês se molhavam tentando vender alguma coisa aqui, em Angra dos Reis, porque não tinha emprego nesta cidade, pouco tempo atrás.

Quero apenas lembrar a vocês que não é correto... eu queria pedir para vocês não aceitarem essa disputa, que ela não é correta politicamente, de que uma obra vai ser feita aqui e outra vai ser feita ali. Não é uma disputa politicamente correta. Por quê? Porque quando vou ao Rio Grande do Sul – eu fui agora inaugurar a P-53 – a gente chega lá e pergunta: de onde você é? “Eu sou carioca”. De onde você é? “Eu sou de Pernambuco”. De onde você é? “Eu sou da Bahia”. Quando você chega na Bahia e faz a pergunta, é a mesma coisa.

O que é importante é que a gente tenha no Rio de Janeiro, em Pernambuco, na Bahia e no Rio Grande do Sul muitos estaleiros funcionando e gerando oportunidade de emprego para todo mundo. E isso, hoje, está muito mais claro para todos nós porque, graças a Deus, descobrimos petróleo na camada pré-sal, vamos ter que fazer muitos investimentos até 2012, 2013 e 2014. Vamos ter que construir muitas sondas, muitas plataformas, muitos



navios, vamos ter que fazer novos estaleiros e, portanto, daqui a pouco a gente estará produzindo plataformas para Cingapura, Noruega, Holanda, Espanha, Argentina, Colômbia e Venezuela.

O que nós queremos é construir no nosso país uma grande base de indústria petrolífera, de indústria naval, para que a gente possa ser uma base de produção, não apenas para as necessidades da Petrobras mas, também, para atender a demanda do mundo inteiro, cada vez mais, por mais petróleo e por mais gás.

Então, é importante ficar tranqüilo. É verdade que toda vez que vou inaugurar uma plataforma, a minha inquietação é perguntar para o Gabrielli: e o que vai entrar no lugar? Eu sei que se você inaugura uma plataforma, ela vai embora e não fica nada no lugar, o pessoal fica desempregado. Ficar desempregado é a pior coisa que pode acontecer na vida de um homem e na vida de uma mulher.

Obviamente que ainda estamos numa fase de estruturação da nossa indústria naval. É por isso que a ministra Dilma anunciou 10 bilhões de reais, que é uma espécie de garantia para que a nossa indústria naval possa ter a certeza de que vai ter financiamento para continuar crescendo no Brasil.

O que nós queremos, na verdade, é: na medida em que a gente comece a produzir a quantidade de sondas que a Petrobras precisa... são 38, acho, de imediato, ou 14 de imediato. Fizemos uma pesquisa na indústria brasileira, algumas vão ter que ser feitas fora, enquanto a nossa indústria se prepara para fazer aqui dentro. E a gente, que hoje tem mais ou menos 40 mil trabalhadores, quer voltar a ter 50, 60, 70 mil trabalhadores na indústria naval brasileira.

Esse é um compromisso do nosso governo, e é um compromisso que já está consagrado, porque ninguém mais terá coragem de dizer que o trabalhador brasileiro não é capaz de fazer uma plataforma destas. Não haverá na história da Petrobras nenhum diretor, nenhum presidente, em qualquer governo, que tenha a coragem de dizer a insensatez que disse a diretoria antes



de a gente assumir, de que ficaria 6% mais barato construir lá fora. E ainda falam assim: “Imagine 6% em 500 milhões de dólares? Seis por cento em 500 milhões de dólares seriam 30 milhões de dólares”. O que são 30 milhões de dólares para a Petrobras? Não valem 10% da alegria que está gerando neste país, com a quantidade de salário, com a quantidade de empregos indiretos, com a quantidade de imposto. Então, isso é sagrado: vamos ter a maior indústria naval. Éramos a segunda do mundo. Logo, logo, queremos voltar a ser a segunda ou a primeira indústria naval do mundo.

A segunda coisa que é importante dizer para vocês, rapidinho, por causa da chuva. Se eu não disser agora, vocês vão chegar em casa, vão ligar a televisão, vão comprar um jornal amanhã ou vão ouvir no rádio que tem uma crise mundial. Aliás, Sérgio, essa é a primeira crise que o governo não tem que explicar que é internacional, porque todo o povo brasileiro já sabe que essa crise está acontecendo por causa da especulação financeira que começou nos Estados Unidos da América do Norte. Eles brincaram com a economia, brincaram com a política de financiamento, e na hora em que a porca entorta o rabo, sobra para nós.

Quero lembrar a vocês que no Brasil tem muita gente que acha ruim quando eu falo que a crise, se chegar ao Brasil, vai chegar mais leve. Tem muita gente que acha que é prepotência minha, tem muita gente que acha que é arrogância minha quando digo que a crise, se chegar ao Brasil, vai chegar mais leve. Até porque tem algumas pessoas torcendo para que a crise venha rápido para o Brasil e cause o estrago que já causou em outras crises, porque tem gente que não se conforma de o Brasil estar dando certo. Tem gente neste país que parece que fez pós-graduação para malefícios. Pessoas que parece que estudaram apenas para ver as coisas negativas, as coisas positivas não interessam.

Eu queria que vocês entendessem o que estou falando: a crise americana é uma crise muito profunda, talvez seja a maior crise dos últimos 50



anos, acho que só teve igual a essa a de 1929. É uma crise profunda, e está chegando na Europa, porque também os bancos europeus participavam do cassino imobiliário dos Estados Unidos. Essa é a verdade.

Agora, quando era o Brasil que tinha problema, todo dia tinha banco dando palpite: “faz isso, faz aquilo”. Toda semana descia uma equipe do FMI: “faz isso, faz aquilo”. E o coitado do Brasil quebrava. Acontecia uma coisa na Argentina, todo mundo dava palpite, o FMI estava lá. Cadê os palpites que eles estão dando agora na crise americana? Cadê o FMI? Por que o FMI não está lá dando palpite? Por que não estão na Europa dando palpite? É porque a crise é deles. E quando a crise é deles, é que nem gente que não gosta de pobre: a crise é deles, eles fingem que não tem crise.

Fui agora ao G-8. No G-8 tentei discutir duas vezes a crise, e eles não quiseram discutir: “vamos discutir meio ambiente”. Aí, eles querem falar da Amazônia, mas não querem falar da crise.

Nos Estados Unidos, só para vocês terem idéia, já tem mais de 400 mil trabalhadores que perderam a casa – não é mole. Agora, vou dar um dado para vocês compararem o que estou falando aqui. Primeiro, a crise do México – foi em 94? – deu um rombo na economia de 50 bilhões de dólares, e o Brasil quase quebra. A crise da Ásia deu um rombo de 70 bilhões de dólares, e o Brasil quebra. A crise da Rússia deu um prejuízo, na Rússia, de 40 bilhões de dólares, e o Brasil quase quebra.

A crise americana, só nos Estados Unidos, já deu um rombo de 1 trilhão de dólares, é mais de 30 vezes todas as outras crises juntas. E qual é a mágoa deles? É que o Brasil até agora não quebrou. Essa é a mágoa de alguns: é que até agora o Brasil não quebrou. Não estou dizendo que a gente não pode ter dificuldades, mas até agora o Brasil está em pé, porque fizemos as coisas que tínhamos que fazer.

A dívida interna brasileira, Sérgio, era em dólar. Qualquer coisinha lá fora, o Brasil quebrava. Agora, a nossa dívida é em real, não tem dívida



dolarizada. Agora, não devemos ao FMI, temos 207 bilhões de dólares guardados, de reserva.

Nós fizemos o sacrifício que tínhamos que fazer. É como aquela fábula da formiguinha: enquanto a cigarra cantava, a gente trabalhava. Enquanto algumas pessoas queriam que a gente gastasse, a gente guardava. Enquanto algumas pessoas queriam que a gente fizesse muitas coisas, nós preferimos fazer aquilo que cada trabalhador aprende a fazer dentro de casa, ou cada mulher o ensina a fazer: só gastar aquilo que pode gastar, só comprar aquilo que pode comprar, porque se o trabalhador fizer a “farra do boi” com o seu salário, quem vai pagar o preço é o seu filho, é a sua família. Nós precisamos tratar o País com esse cuidado. Na verdade, a gente não deve nem governar o País, a gente deve cuidar do País, cuidar como a gente cuida da nossa família.

Então, companheiros, ontem tomamos algumas medidas. Resolvemos tomar uma medida para facilitar que os bancos pequenos que têm carteira de empréstimos consignados ou outro empréstimo, em vez de quebrarem, possam fazer o redesconto no Banco Central. Tomamos uma outra medida, de fazer com que os exportadores brasileiros possam utilizar parte das reservas, sem diminuir as nossas reservas, porque são empréstimos, para poder fazer as exportações.

E vamos tomando medidas a cada dia. Não terá pacote econômico. Quero dizer para vocês que toda vez que neste país se falou em pacote econômico, quem ficou com o prejuízo foi o trabalhador brasileiro. Então, não tem pacote, vamos tomando medida por medida. A cada fato que se apresentar, a gente vai tomar uma medida, sempre na expectativa de que o pacote americano ajude a resolver os problemas deles, e que os europeus tomem cuidado para resolver os problemas deles. E, pelo amor de Deus, tenham juízo, porque quando a gente estava comendo o pão que o diabo amassou aqui, ninguém ajudou a gente. Agora que a gente está comendo um pãozinho com mortadela, não queremos voltar a comer o pão que o diabo



amassou.

Vocês se lembram que na época das vacas magras ninguém vinha aqui ajudar. Agora, quando tem prejuízo, eles querem socializar com a gente. Esse tipo de socialismo nós não queremos, socializar a miséria nós não queremos, queremos socializar a bonança.

Por isso é que nós vamos continuar trabalhando. E eu queria que vocês tivessem em conta que durante muitas semanas ainda vai se falar em crise no mundo, em crise no País, a Bolsa vai subir e vai descer. Não se abalem, porque cada um de nós tem que passar, primeiro, a certeza de que este país se encontrou com o seu destino e que não há nada no mundo que vá fazer a gente voltar à era do desemprego, da miséria, do abandono de milhões e milhões de trabalhadores.

Quero terminar dizendo para vocês o seguinte: toda vez que alguém falar em crise, olhem para aquilo ali. Os mesmos que estão torcendo para a crise pegar o Brasil são os mesmos que diziam que isso aqui tinha que ser feito no exterior porque vocês não tinham competência para fazer uma obra dessas.

Ora, um país que é capaz de fazer uma Embraer, que é capaz de fazer uma Petrobras, que é capaz de fazer uma plataforma dessas, um país... Sérgio, essa é novidade: o Brasil passa, a partir de agora, a ser o 5º país do mundo a produzir turbina. No ITA nós já vamos fazer experimento de turbina, agora vai ser 30 dias funcionando a gás. Só tem quatro países que produzem, o Brasil será o 5º país. E isso, engenheiro brasileiro, cidadão e cidadã brasileira.

Então, toda vez que falarem em crise, a gente tem que estar preocupado. Porque a crise, o que acontece? Gera especulação. Depois da especulação, gera desconfiança. Depois da desconfiança, o cidadão fala: "Não vou gastar meu dinheiro, vou guardar porque estão dizendo que está em crise".

Companheiros, continuem fazendo as mesmas coisas que vocês faziam, porque nós vamos cuidar. Se algum dia eu tiver que ir para a televisão e dizer:



companheiros, a porca entortou o rabo, podem ficar certos de que vou para a televisão... Com a mesma hombridade que estou falando para vocês que estamos cuidando da crise, quero dizer para vocês: continuem trabalhando, acreditando neste país, porque já vencemos a crise da plataforma e vamos vencer a crise econômica que está hoje tomando conta de vários países.

Graças a Deus, o nosso país está bem. E se Deus quiser, ele vai continuar melhorando. Pode ter um ou outro problema, mas é importante que tenha problema para a gente poder resolver.

No mais, companheiras e companheiros, eu estava ouvindo os discursos dos companheiros e estava lembrando do orgulho de vir aqui, o orgulho de ver... Isto aqui é como se fosse um filho parido por todos nós. Isto aqui saiu do útero do povo brasileiro. Esta é nossa filha, onde ela estiver e onde tiver um peão brasileiro, um engenheiro brasileiro, a gente tem que dizer: “Nós somos porretas mesmo. Somos capazes de fazer isto e muito mais do que isto”.

Um abraço. Que Deus abençoe. E vamos vir aqui inaugurar outra plataforma.

(\$211A)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lida pelo vice-presidente José Alencar durante cerimônia de abertura da segunda Bienal Brasileira de Design

Brasília-DF, 8 de outubro de 2008

Esta Segunda Bienal Brasileira de Design ocorre, como todos vocês podem acompanhar pelos noticiários, em um momento bastante peculiar para o Brasil e para o mundo.

Digo isto porque este período de incertezas dos mercados financeiros de todo o planeta demanda, de todos nós, o aprofundamento de algumas das políticas que já estamos implementando nos últimos anos.

Estou falando de exportar cada vez mais produtos com alto valor agregado. De melhorar nossa competitividade. E de continuar buscando novos – e diversificados – mercados consumidores.

Nestes últimos anos, o Brasil, além de ser um dos principais destinos dos investimentos internacionais, também se tornou um importante investidor no mundo.

A curva ascendente da internacionalização das empresas brasileiras é uma tendência concreta, sustentável e sadia. Quando realizada sobre bases sólidas, a internacionalização torna a empresa mais competitiva, agrega tecnologia, supera barreiras, abre novos mercados e facilita o acesso ao crédito.

Além disso, ao estruturar-se em bases globais, as empresas brasileiras ficam menos vulneráveis a crises financeiras internas ou externas. E o dinheiro aplicado fora do país pode voltar na forma de aumento das exportações, o que é bom para a balança de pagamentos do país.



No entanto, a economia global é cada vez mais competitiva, aberta e exigente, o que demanda um esforço contínuo e crescente de investimento em novas fábricas, em inovação tecnológica e na criação de novos produtos.

Neste cenário, mais do que nunca, o brasileiro deve mostrar ao mundo sua criatividade e sua grande capacidade técnica – duas das maiores qualidades do nosso design.

Como tecnologia de aprimoramento de conteúdos, o design é essencial para o desenvolvimento da competitividade da indústria. Não só pela consolidação da imagem do produto junto aos consumidores, mas também como peça-chave na redução dos custos de produção.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil tem reais possibilidades de destacar-se em segmentos importantes de tecnologias avançadas. Entre eles, o complexo industrial da saúde, da aeronáutica e da energia. Bem como a agricultura, a indústria de bens de capital, a indústria automobilística e as tecnologias da informação e comunicação.

Mas não podemos subestimar nossos fortíssimos competidores, e precisamos redobrar esforços para nos aproximarmos das fronteiras da ciência e da inovação tecnológica.

Por esse motivo, a inovação empresarial mereceu atenção especial da Política de Desenvolvimento Produtivo, lançada pelo governo em maio deste ano.

Temos plena consciência de que a disposição empresarial para investir depende de um ambiente de negócios estimulante, de uma demanda em expansão, de confiança nas instituições, de expectativas de futuro positivas.

Nos últimos tempos conseguimos firmar as condições para que a disposição de investir voltasse a se manifestar de forma robusta no Brasil.



A democracia consolidada, a inclusão social que estamos promovendo, a estrutura produtiva com potencial de se tornar cada vez mais eficiente, o nosso amplo mercado interno – tudo isso credencia o Brasil no contexto internacional e nos coloca em posição favorável.

O mais importante é que nos últimos anos também conquistamos algo que não se mede em números, mas é decisivo para o nosso desenvolvimento econômico e social: o País voltou a confiar em si mesmo.

Quero aproveitar esta oportunidade, portanto, para agradecer a todos os talentosos profissionais que participam desta Bienal.

O design brasileiro vive um momento de grande valorização, recebendo significativos prêmios internacionais. Tenho certeza absoluta de que, com trabalho, dedicação e esforço, alcançaremos patamares ainda mais elevados no setor.

Patamares inéditos como alcançou Alberto Santos Dumont – que muitos consideram ser um dos pioneiros de nosso design – ao realizar o sonho ancestral da humanidade de ganhar asas e voar.

Que os senhores e as senhoras se inspirem na figura desse artista da criação técnica e juntem suas forças para que nossos produtos se tornem cada vez mais reconhecidos e admirados.

Muito obrigado.

(\$212A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do 3º Fórum de Dirigentes de Empresas Brasil-Estados Unidos

São Paulo-SP, 10 de outubro de 2008

Como o discurso é longo, se vocês puderem... Dilma, passa um pãozinho para a imprensa ir comendo ali, enquanto a gente fala agora.

Quero cumprimentar o embaixador dos Estados Unidos no Brasil e o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, que estão participando desta reunião e têm contribuído muito para que este fórum chegue até o dia de hoje.

Cumprimentar os ministros, nossa companheira Dilma Rousseff e Miguel Jorge,

Cumprimentar o Carlos Gutierrez, secretário de Comércio dos Estados Unidos,

Cumprimentar o nosso companheiro Rui Nogueira, subsecretário-geral de Cooperação de Promoção Comercial,

Cumprimentar o Roberto Azevedo, embaixador do Brasil junto à Organização Mundial do Comércio,

Cumprimentar os demais companheiros mas, sobretudo, o senhor David, que é o secretário de Comércio dos Estados Unidos,

O nosso querido companheiro Josué Gomes da Silva, presidente do Grupo de Dirigentes de Empresas do Brasil e o senhor Tim Solso, presidente do Grupo de Dirigentes de Empresas dos Estados Unidos,

Meus amigos e minhas amigas,

Este Fórum, lançado pelo presidente Bush e por mim em Camp David, se encerra em um momento de profunda incerteza e muita turbulência na economia mundial. A crise financeira adquiriu dimensões globais, espalhou-se



para todos os continentes. Sistemas financeiros foram duramente abalados, e com eles doutrinas e concepções econômicas que predominaram nos últimos 20 anos.

Como disse recentemente no discurso que fiz na Assembléia Geral das Nações Unidas, é chegada a hora da política. Este é o momento de adotar medidas regulatórias capazes de controlar a anarquia que se abateu sobre a economia mundial.

Por esta razão, fiz questão de telefonar ao presidente Bush para saudar a ação do governo em editar aquele pacote. Poderíamos, aqui no Brasil, ficar dizendo que foi tarde, que poderia ter sido mais cedo, mas as coisas acontecem no momento em que tem condições de acontecer, e foi extremamente medido. E outros governos também, que estão coordenando medidas de curto prazo para ver se conseguem estancar a crise e impedir que seus efeitos se estendam sobre a economia real, mergulhando o mundo em uma recessão de conseqüências sociais e políticas muito graves.

Sabemos que essas iniciativas levarão algum tempo para surtir efeito. Numa conversa que tive com o presidente Bush, a primeira pergunta que fiz foi a seguinte: “quando o pacote vai começar a surtir efeito?” E ele me disse: “Vai levar pelo menos algumas semanas, porque até as pessoas interpretarem tudo o que está escrito ali e começarem a executar, vai levar um tempo”. E é assim mesmo, todas as medidas que a gente toma não acontecem no dia seguinte, elas levam algum tempo.

O que não podemos permitir, e por isso eu fiz questão de vir aqui, companheiros, é: mesmo sabendo que algumas iniciativas... Ontem, por exemplo, o Gordon Brown anunciou um programa de 1 trilhão de dólares. Vocês, americanos, podem falar “1 trilhão de dólares” com facilidade, mas aqui para nós, brasileiros, 1 trilhão de dólares é um número tão meganúmero que nem cabe na minha boca falando “1 trilhão de dólares”. Mas, de qualquer forma, foi muito importante que o Gordon Brown tenha anunciado também o



programa para o Reino Unido.

As medidas serão tanto mais eficazes quanto forem capazes de proteger aqueles que, em geral, são os mais prejudicados em todas as crises da história do mundo. É o caso, principalmente, dos trabalhadores que vêem seus empregos e o poder aquisitivo ameaçado; dos empresários que, sem crédito, não podem investir na produção; dos poupadores, que aplicam seus recursos na expectativa de ter uma garantia no futuro e, de repente, tomam um susto; dos excluídos, que necessitam a proteção de políticas públicas do Estado. Portanto, não é justo que a parte mais pobre do mundo termine pagando pelos desacertos que uns poucos fizeram no mundo. Também não é justo que países que fizeram um grande esforço para reconstruir suas economias arquem com os custos da irresponsabilidade daqueles que conduziram essa crise na economia global.

Nós temos consciência de que precisamos pensar, também, a longo prazo. Precisamos tirar as lições dessa crise para construir uma nova ordem econômica mundial que impeça a repetição dessa crise há tempos anunciada. A crise põe em evidência a falência dos sistemas de governança mundial. Por esta razão, é de fundamental importância que as economias emergentes sejam também co-autoras, para debater e oferecer as soluções para os impasses atuais.

No Brasil, todos vocês têm acompanhado as minhas declarações, e tenho mostrado mais otimismo do que alguns gostariam que eu mostrasse e muito menos pessimismo do que alguns gostariam que eu mostrasse. Eu tento ser apenas realista. Não sou homem chegado a vender catástrofe quando não estou vendo catástrofe. Digo isso porque conheço um pouco a história do Brasil, conheço as crises que o Brasil já atravessou e sei da diferença do que estamos vivendo com o que já vivemos num passado muito remoto.

O dado concreto é que o Brasil vem há tempos se preparando para se transformar numa economia sólida, numa economia produtiva, numa economia



que não seja pega de sobressalto a qualquer espirro ou qualquer tosse de outro país.

Se nós fizéssemos uma comparação entre o que significou a crise asiática, a crise russa e a crise do México – nenhuma delas ultrapassou 70 bilhões de dólares – o Brasil quebrou três vezes por conta de uma crise que, se comparada à atual, é como se fosse um pingo d'água no oceano Atlântico e no Pacífico, juntos.

Entretanto, o que está acontecendo? É uma crise que só os Estados Unidos tiveram que colocar o equivalente a 850 bilhões de dólares, a Inglaterra mais 1 trilhão de dólares, não sabemos ainda quanto a França vai colocar, quanto a Alemanha vai colocar.

O que é importante é que os governos estão assumindo a responsabilidade de não permitir que a crise fique sem dono, porque o dono da crise pode ser o banqueiro que fez um mau negócio ou que especulou, mas também quem permitiu que um banco pudesse alavancar 35 vezes o seu patrimônio líquido. Aqui no Brasil, com muito cuidado, não se pode alavancar mais que 10 vezes, e ainda assim é muito.

É preciso que a gente aprenda, desde a administração pública até a privada, que a gente só pode gastar e só pode se endividar na medida em que o passo for do tamanho da nossa perna. Se a gente contrair dívida, seja pública ou privada, acima da nossa capacidade, acontece o que está acontecendo hoje.

E por que eu digo que no Brasil nós estamos preocupados, acompanhando todo santo dia, mas ao mesmo tempo com a certeza de que a crise pode atingir o Brasil e todos os países, na medida em que não é pouca coisa uma economia como a americana ter uma recessão, não é pouca coisa se a Europa tiver uma recessão, isso vai atingir o mundo inteiro.

Penso que o Brasil está mais preparado do que qualquer país no mundo, hoje, que esteja preparado para enfrentar uma situação. Não há sinais de que



o nosso sistema financeiro esteja envolvido nisso, até agora, Josué. Essa crise se apresentou para o mundo... eu até brincava com o Josué: se as pessoas tivessem dito a verdade há um ano, há oito meses, há cinco meses, poder-se-ia ter intervindo antes e ter resolvido o problema, ou pelo menos minimizado. Acontece que algumas pessoas agiram como se fossem adolescentes com um boletim da escola, com nota vermelha, querendo esconder dos pais. Mas obviamente, um dia, o pai vai ter acesso ao boletim ou à informação da escola e vai perceber que teve notas em vermelho. Poderiam ter resolvido as coisas antes, enquanto era menor. Foi-se permitindo que o bolo fosse crescendo e, até hoje, com todos os governantes do mundo que conversamos e com todos os dirigentes de banco que a gente conversa, ninguém ainda tem dimensão do que vai acontecer.

Agora, o que acontece com a economia brasileira? Primeiro, não só o nosso sistema financeiro não está envolvido nessa situação do *subprime*, como nós temos o País preparado para financiar as nossas exportações, para financiar o nosso sistema de crescimento. Todas as obras do PAC serão mantidas, é importante. E, para reforçar, o BNDES, para fazer os investimentos que não é possível captar no exterior.

Portanto, Gerdau, não se assuste, que nós vamos continuar fazendo o PAC funcionar tal como ele foi pensado. As hidrelétricas vão acontecer, as ferrovias vão acontecer, as refinarias da Petrobras vão acontecer, o calendário do pré-sal vai continuar acontecendo, as plataformas e as sondas vão continuar acontecendo. E se for preciso, vou viajar o mundo procurando os meus amigos, para ver quem tem dinheiro para emprestar para um bom pagador, que tem solidez para cumprir com os compromissos assumidos.

Eu faço questão de passar esse otimismo para vocês, sabendo que temos que estar preocupados, porque uma crise dessas começa, num primeiro momento, com um pouco de desconfiança; depois essa desconfiança começa no investidor; depois começa na cadeia de varejo; depois passa para os



investimentos produtivos; depois chega ao consumidor, e quando chegar ao consumidor, nós teremos problemas.

Aqui no Brasil, eu ainda disse nesta semana, num encontro com os trabalhadores da Petrobras, que ninguém precisa diminuir as compras que vai fazer. Podem continuar comprando, comprem apenas aquilo que o seu salário pode pagar, não comprem mais, comprem apenas o suficiente, porque estou convencido de que a crise é grave, mas é uma oportunidade para quem agiu com seriedade, como nós agimos.

Houve tempo, meus senhores, que não faltavam críticos que pediam para que nós gastássemos dinheiro, para que fizéssemos as coisas que pareciam ser fáceis de serem feitas. Os empresários brasileiros acompanharam o sacrifício que fizemos. Hoje estamos colhendo o resultado da responsabilidade com que nós tratamos a economia deste país.

Vamos continuar assim. Vamos continuar fazendo com que as pessoas que precisam de dinheiro para fazer exportações obtenham esse dinheiro. Vamos contribuir para que as pessoas que precisam fazer seus investimentos tenham acesso a esses recursos. Vamos garantir que as carteiras dos bancos menores sejam garantidas, por isso mandei a medida provisória garantindo que o próprio Banco Central faça o redesconto, para que os bancos pequenos não fiquem vitimados pelos bancos grandes. E vamos trabalhar para que a gente consiga mudar as regras da economia mundial.

O meu ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central viajaram ontem à noite para Nova Iorque. Vamos ter conversas com vários setores da economia mundial. E, para nós, temos claro o seguinte: ou os bancos centrais estabelecem novas regras e os países acatam – é importante que os países acatem – e os bancos que não cumprirem as regras de funcionamento sejam punidos antes de causarem os prejuízos que estão causando. Vamos ser francos, meus amigos, de coração: a atividade bancária, a atividade de um banco, por si só, já é rentável. Trabalhando sério, com muita honestidade, à luz



do dia, a atividade bancária já é extremamente rentável. Ninguém precisa trabalhar no submundo da especulação para ganhar um pouco mais.

Num primeiro momento se prejudica apenas... é uma crise financeira, mas daqui a pouco ela chega na economia real. A economia real é que traz o prejuízo para a sociedade, na hora em que começa a ter desemprego, não tem investimento, não tem construção civil, não tem compra, não tem venda, esse é o perigo. É por isso que o mundo precisa se juntar para dar um basta nisso.

Eu me lembro – e quero terminar dizendo isso, meus companheiros – que quando eram os países pobres, sobretudo os emergentes, que estavam em crise, eu me lembro quanta gente dava palpite sobre o meu país. Uma vez fui... Não vou dizer o nome do banco aqui, para não criar problema. Uma vez fui a Nova Iorque fazer um debate com um grupo de banqueiros e, depois, fui a Londres. E fiquei, Josué, horrorizado. Um grupo de jovens, nenhum tinha mais que 30 anos de idade, certamente nunca tinham passado no Brasil ou na Bolívia, dando palpite como se fossem especialistas sobre o meu país.

Eu me lembro que perguntei para um deles: você já foi à Bolívia alguma vez? Você sabe a situação da Bolívia? Porque tratar um país sem ter em conta a questão cultural, a questão política, a questão social, apenas de uma visão que você tem, de Wall Street, não dá certo.

Então, eu penso que acabou. A era do domínio da economia virtual acabou, da economia só no papel. Agora é preciso levar o lado das pessoas que produzem, o lado das pessoas que efetivamente geram empregos, geram riqueza, geram distribuição de renda. De repente, somos vitimados por um processo de especulação que – o que é mais grave – nem os governantes sabiam, e parece que nem os bancos centrais sabiam de tudo também, porque se as pessoas agora podem até esconder do Banco Central, nós ficamos totalmente descontrolados.

Vamos trabalhar fortemente para que os governantes tomem uma atitude. Essa questão não é mais da burocracia de cada país. Ou os



presidentes e primeiros-ministros, que têm mandato da sociedade, tomam uma posição, ou os resultados do que aconteceu nessa crise podem ser muito delicado para o restante do mundo. Porque agora não é apenas vender confiança de agora, é vender confiança para o futuro.

Vou contar dois casinhos pequenos, Josué. Eu fui ao G-8 agora, no mês de julho. No G-8 perguntei para vários companheiros presidentes qual era a explicação que eles tinham para o barril de petróleo estar a 150 dólares. Todos me diziam: “É a China. É a China”. Todos me diziam que a China estava consumindo demais, portanto o petróleo estava muito caro. E eu me lembro que no próprio Senado dos Estados Unidos se levantou a tese de uma investigação no mercado futuro. Conclusão: a China continua consumindo a mesma quantidade de petróleo, e ele caiu para 85 dólares o barril. Qual é a explicação, senão a especulação?

Qual é a explicação do aumento dos alimentos no mês de junho deste ano? Como é que pode, em poucos dias, o alimento ganhar o volume que ganhou, e depois a gente descobre que já tinha mais de 300 bilhões, também de mercadoria, no mercado futuro?

É importante que todos nós, sobretudo os homens de produção deste mundo e os governantes, que a gente preste muita atenção, e é necessário trabalhar seriamente para que a gente tenha uma regulação capaz de dar tranqüilidade a todos os cidadãos em qualquer parte do mundo.

É a primeira crise forte nos países desenvolvidos. Parece ironia do destino, mas desta vez os países emergentes e em desenvolvimento estão em situação melhor do que os países ricos. Obviamente, consertar os países ricos é mais fácil do que consertar... porque os problemas sociais são bem menores.

O Brasil, posso dizer para vocês, não deixará de participar em qualquer fórum que for necessário para que a gente dê a nossa contribuição e essa crise se resolva o mais rápido possível.

Eu sei que nos Estados Unidos tem eleição, e eleição, que deveria ser



solução, sempre é uma complicação, porque durante o processo pode-se fazer pouquíssima coisa. Mas eu penso que não temos o direito de esperar. Estou indo agora para a Índia, falei com o presidente Bush e vou falar com o primeiro-ministro Singh. Eu disse ao presidente Bush: na hora da crise, Bush, a melhor resposta que a gente pode dar é fechar o acordo da Rodada de Doha. A melhor resposta que a gente pode dar à crise é a gente fechar o acordo.

E é com esse argumento que vou tentar convencer o nosso amigo primeiro-ministro Singh a aceitar o acordo, já que os Estados Unidos flexibilizaram nas coisas de interesse da pequena agricultura da Índia, não é isso, Roberto? Parece que estamos muito próximos agora. Só existe uma razão para não ter o acordo na Rodada de Doha: é a questão político-eleitoral, onde tiver. E não tem sentido que uma parte da humanidade pague o preço da irresponsabilidade de alguns.

Por último, quero agradecer a vocês. Quando eu, junto com o presidente Bush, propus a criação deste grupo, deste fórum, na verdade eu queria outro fórum, eu queria um fórum para discutir energia, porque o Brasil e os Estados Unidos precisam aprender a tirar proveito da sua grandeza. São dois países muito grandes, dois países de potencial extraordinário, e sempre nos tratamos com menos intimidade do que deveríamos nos tratar. Era aquele parceiro desconfiado.

Eu acho que este fórum está contribuindo para que os Estados Unidos tenham consciência da importância da parceria que o Brasil pode ter com os Estados Unidos e, ao mesmo tempo, pode contribuir para que o Brasil compreenda a importância da parceria que tem que ter com os Estados Unidos. E, ao mesmo tempo, olhar para a América Latina com outros olhos, com olhos produtivos, com os olhos do desenvolvimento, porque somos muito mais próximos, temos muito mais a nos oferecer do que em outros oceanos. Entretanto, de vez em quando fingimos não nos ver.

Acho que vocês estão dando um passo extraordinário. Por isso, eu



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

queria cumprimentá-los pelo sucesso alcançado até agora.

Parabéns.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
jantar comemorativo dos 200 anos do Banco do Brasil**

Palácio Itamaraty, 10 de outubro de 2008

Querido excelentíssimo companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Minha querida companheira Marisa Letícia,

Companheiros ministros, Nelson Machado, da Fazenda; Fernando Haddad, da Educação; e José Pimentel, da Previdência Social,

Jorge Félix, do Gabinete de Segurança Institucional,

José Toffoli, da Advocacia-Geral da União,

Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Meu caro Jackson Lago, governador do estado do Maranhão,

Meu caro Cássio Cunha Lima, governador do estado da Paraíba,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral das Relações Exteriores,

Meu caro companheiro Antônio Francisco de Lima Neto, presidente do Banco do Brasil, e sua senhora Maria Gorete,

Senhores companheiros parlamentares,

Companheiras,

Meus amigos e minhas amigas dirigentes, diretores, funcionários e clientes do Banco do Brasil,

É uma alegria imensa estar aqui hoje. Mas eu queria fazer uma homenagem aqui, até como direito de resposta, porque ainda no tempo de Caratinga, o José Alencar já era cliente do Banco do Brasil, por orientação minha. Como foi citado nominalmente aqui, ele tem o direito de resposta.



Portanto, venha aqui, José Alencar, prestar sua homenagem ao Banco do Brasil. Você, como cliente do Banco do Brasil, tem o direito de prestar esta homenagem.

José Alencar: Meu querido e eminente amigo presidente Lula, a oportunidade que me oferece para estar aqui me emociona, porque realmente eu sou... Não tenho ainda 200 anos de Banco do Brasil, mas tenho 58 anos de Banco do Brasil, porque aos 18 anos, Presidente, eu fui emancipado pelo meu pai, a meu pedido, para me estabelecer, porque a maioria era aos 21. Meu pai me emancipou, e eu levava no bolso o traslado de escritura pública de emancipação. Até me valeu, porque as moças achavam que... perguntavam minha idade, eu falava 18 anos, e falavam “esse camarada não é bom partido. 18 anos... quando é que ele vai casar, não é?” Então eu mostrava que era emancipado, e aquilo me dava algum prestígio.

Mas o Banco do Brasil foi, portanto, há 58 anos... de modo que uma das coisas das quais eu me orgulho é poder estar aqui hoje participando desta festa em que se comemora a iniciativa de Dom João que, em 1808, na chegada da família real, criou o Banco do Brasil, criou uma instituição que é orgulho nacional. Porque todos os brasileiros, quanto mais conhecem o Banco do Brasil, mais o respeitam, e é por isso que eu aproveito, Presidente, a oportunidade que Vossa Excelência me permitiu, para trazer o meu abraço ao Lima Neto, como presidente desta instituição, e a todos que a ela prestam serviço. Trazer meu abraço de congratulações e os votos de que daqui a 200 anos haja outros que, também há 58 anos ininterruptos, sejam do Banco do Brasil. Por acaso, eu tenho no bolso um talão de cheques, do Banco do Brasil.

Presidente Lula: Minhas amigas e meus amigos,

Comemorar os 200 anos do Banco do Brasil hoje é comemorar também a grande contribuição que este banco vem dando ao desenvolvimento do



nosso querido País e, para tanto, nada melhor do que lembrarmos algumas de suas muitas conquistas recentes.

O Banco do Brasil teve sua atuação fortalecida a partir de 2002 e passou a responder não somente como instituição de crédito, mas também como catalisador de ações nos mais diversos setores da nossa economia. Para tanto, passou a fomentar, articular e mobilizar agentes econômicos e sociais, identificando vocações e potencialidades das regiões. Além disso, otimizou a capilaridade de sua rede de agências e incentivou o espírito de liderança e capacidade de mobilização dos seus funcionários. Essa atuação do Banco tem sido decisiva para o fortalecimento do sistema financeiro nacional e para a dinamização da economia nacional.

O Banco do Brasil hoje contribui estrategicamente para o crescimento sustentável do País, viabiliza a geração de emprego e renda, o desenvolvimento regional, a expansão do crédito exterior, do agronegócio, dos investimentos e das realizações das empresas dos cidadãos brasileiros. O Banco do Brasil tem também um papel decisivo no crédito agrícola do nosso país. Nenhum outro banco é tão importante para a agricultura brasileira como o nosso querido Banco do Brasil.

Além disso, ele é hoje o líder absoluto na concessão de crédito no nosso país. Em junho de 2008, o volume total de sua carteira de crédito, incluindo operações realizadas no exterior e prestações de garantias, atingiu a marca histórica de 200 bilhões de reais, no ano em que ele completa 200 anos de vida. Trata-se de uma evolução de 240%, desde o final de 2002, frente aos 180% de crescimento do mercado financeiro no mesmo período.

Os índices de inadimplência do BB situam-se, nos últimos anos, abaixo da média do setor bancário brasileiro. Eu constatei agora, com o José Alencar, que nesses 58 anos de cliente do Banco do Brasil, não tem um único dia de inadimplência do José Alencar, não é isso? Senão, não teria chegado aonde chegou. Se ele tivesse contraído um cruzado, um cruzeiro, um réis ou um real



de dívida, os juros e as multas seriam tantas que ele não teria construído a Coteminas, como ele construiu. Só pôde chegar lá porque é um adimplente do sistema financeiro nacional e do Banco do Brasil.

A participação do Banco do Brasil em diversos segmentos de mercado é crescente. É possível citar como exemplos o microcrédito, o crédito imobiliário, o financiamento para aquisição de veículos e os consórcios. Além disso, sua liderança foi reforçada em diversos negócios, como o crédito consignado em folha de pagamento, o financiamento à exportação e aos projetos de investimento de empresas de todos os portes. Vale destacar, ainda, a atuação estratégica do Banco do Brasil no financiamento de milhões de micro e pequenas empresas e dos agricultores familiares, que antes estavam excluídos do sistema financeiro nacional.

Quero, portanto, dar os meus mais sinceros parabéns a todos os profissionais deste banco, que tanto contribuiu para a nossa economia e para a construção do nosso País. Estejam certos de que o trabalho que vocês vêm realizando contribuiu, e muito, para que hoje estejamos sentindo com intensidade muito menor as grandes turbulências da economia mundial.

Assim como todo o País conta com o Banco do Brasil, estejam certos de que vocês poderão continuar contando, cada vez mais, com o nosso apoio nessa grande empreitada que se apresenta: garantir as condições financeiras e de crédito para que nosso País continue crescendo com justiça e distribuição de renda.

Aos companheiros do Banco do Brasil, do mais humilde funcionário ao companheiro Lima Neto, presidente, à quantidade de ministros que são do Banco do Brasil, aos clientes do Banco do Brasil, como o José Alencar e eu, não com 58 anos, porque sou muito jovem, mas com um pouco de tempo, quero desejar a vocês que o Banco do Brasil, quando completar 400 anos, seja 400 vezes mais forte do que ele é hoje.

Parabéns e um abraço a todos os funcionários.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega do I Prêmio Internacional “Don Quijote de La Mancha”

Toledo-Espanha, 13 de outubro de 2008

Suas Majestades, o rei da Espanha Dom Juan Carlos e rainha Sofia,
Meu caro amigo presidente do governo da Espanha, José Luiz Rodríguez Zapatero,

Meu caro José Maria Barreda, presidente da Junta de Castilla-La Mancha,

Senhor Emiliano Martinez, presidente do grupo Santillana,
Senhor Ignacio Polanco, presidente da Fundação Santillana,
Senhor Francisco Pardo, presidente da Corte de Castilla-La Mancha,
Senhor Emiliano García-Page Sánchez, prefeito de Toledo,
Meu caro Carlos Fuente, premiado desta noite,
Senhor Nélide Piñon, da Academia Brasileira de Letras,
Senhor Vitor Garcia La Concha, diretor-geral da Academia Espanhola,
Senhores membros do júri do Prêmio Don Quijote de La Mancha,
Meu caro Juan Luis Cipriani, membro real da Academia espanhola,
Senhores integrantes do meu governo, que me acompanham,
Meus amigos,
Minhas amigas,
Amigos da imprensa espanhola e da imprensa brasileira,

Ser agraciado com o Prêmio Don Quijote de La Mancha é mais do que uma honra. É ter a oportunidade de reafirmar a convicção no extraordinário potencial de transformação da cultura. Em um tempo carente de valores, como o atual, Quixote deve ser visto como uma metáfora relevante.



No mundo em transição em que viveu, ele lutou por ideais que acreditava vigentes e nobres. Seu idealismo, por mais distante que estivesse de sua realidade, acabou, no entanto, por transformá-lo em uma referência central para a cultura mundial nestes últimos cinco séculos.

Dom Quixote pôs em relevo, em seus devaneios, o papel da audácia e da imaginação na construção de um outro mundo. Só com a imaginação não mudamos a realidade. Mas sem a imaginação corremos o risco de ficarmos presos a um cinzento conformismo.

Daí o papel da cultura. Por meio dela, podemos nos afirmar e nos expressar como homens e mulheres livres. A cultura ilumina. É fator de inclusão social, de cidadania, de afirmação individual e coletiva. No mundo globalizado de hoje, a cultura fortalece a soberania e a identidade nacionais mas, ao mesmo tempo, é portadora de universalismo. Essa convicção sempre guiou os projetos de integração regional em que o Brasil está engajado.

Vemos a criação de um espaço comum de nossos países como uma maneira de consolidar e reforçar nossos projetos nacionais de desenvolvimento, de superação da pobreza e de conquista da dignidade. Para isto, devemos aprofundar não apenas vínculos econômicos. Precisamos lançar um diálogo entre sociedades que desejam e precisam se conhecer melhor.

Esse intercâmbio, que também passa pela cultura, está presente no Mercosul ou na Unasul e se projeta naturalmente para toda a América Latina e Caribe. Inclui, necessariamente, a comunidade ibero-americana, da qual participam Espanha e Portugal.

O que nos une nesse exercício de diálogo é justamente a cultura, a vivência histórica compartilhada e duas línguas irmãs: o português e o espanhol. Queremos que o idioma de um fortaleça a parceria com o outro, ajudando a enriquecer nossos laços e permitindo uma maior compreensão e apreço da herança cultural que temos em comum. Mas as semelhanças entre



nossos dois idiomas têm seus limites. Por isso este meu discurso está sendo traduzido para o espanhol.

Devemos difundir o conhecimento do espanhol e do português para que o idioma não seja uma barreira. Para que nossa diversidade nos enriqueça e seja fator de atração, não de estranhamento.

Por isso, estamos apostando fortemente na disseminação do espanhol no Brasil. Em 2005, o Congresso Nacional brasileiro aprovou, por aclamação, a lei que torna obrigatório o ensino do espanhol nas escolas secundárias do País. Hoje, cerca de 9 milhões de alunos já estudam o espanhol como segunda língua em todo o Brasil. Nossa meta é alcançar 12 milhões de jovens até 2010. Para isso, vamos precisar de pelo menos 30 mil professores capacitados para essa tarefa. A inauguração, pela Espanha, de novas sedes do Instituto Cervantes no Brasil, nos ajuda a responder a esse desafio.

E aqui quero, de público, agradecer ao governo espanhol pela criação de nove Institutos Cervantes no Brasil, possivelmente a maior concentração de Instituto Cervantes em qualquer lugar do mundo.

Majestades,

Senhoras e senhores,

Recebo o Prêmio Dom Quixote de La Mancha como um reconhecimento pelo nosso trabalho de aproximação dos povos pela cultura e pelo idioma. Recebo o Prêmio duplamente honrado, porque compartilho esta distinção com um grande intelectual, Carlos Fuentes.

Recentemente assinei o decreto de promulgação, no Brasil, do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É um Acordo que procura aproximar o idioma usado nos países lusófonos. E que também tem como objetivo reforçar a presença do português no mundo. Estou convencido de que nossas línguas devem se aproximar cada vez mais. Realizamos ações para divulgar o espanhol no Brasil e apoiamos iniciativas voltadas para divulgar o português nos países de fala espanhola, sobretudo na nossa região.



Quem sabe, no futuro próximo, teremos mais autoridades, além de Sua Majestade o Rei da Espanha, falando português com fluência. E menos autoridades brasileiras falando portunhol. É uma firme determinação de meu governo continuar ampliando a cooperação e o intercâmbio cultural com os países de língua espanhola. Vamos fazer nossa parte para promover o seu ensino nas escolas, nas universidades, nas empresas e nos centros de pesquisa de norte a sul do nosso Brasil.

Com milhões de brasileiros estudando o espanhol desde a infância, tenho certeza de que a integração regional e as relações com nossos parceiros ibéricos terão bases muito sólidas para o futuro.

Minhas amigas e meus amigos,

Dom Quixote ganhou vida além da obra literária de Cervantes. O personagem era um homem generoso e, principalmente, corajoso. Não hesitou em enfrentar dificuldades, ainda que elas fossem infladas por sua imaginação. Nem abdicou de suas convicções, mesmo quando elas não mais correspondiam ao mundo em que vivia.

Coragem e idealismo: esses são ingredientes fundamentais em nossas vidas, dos quais não devemos abdicar. É essa a lição de Dom Quixote, que garante sua atualidade e sua universalidade. Com coragem para mudar, temos o direito de sonhar com novas conquistas, com um futuro melhor para todos nós. Somente com apego a ideais necessários – como a solidariedade – teremos a capacidade de enfrentar as profundas e inquietantes transformações que marcam o mundo de hoje.

É o que estamos fazendo no Brasil. É o que desejamos aos nossos vizinhos, parceiros e amigos em todo o mundo, inclusive da nossa querida Espanha.

Agradeço à Comunidade de Castilla-la-Mancha e à Fundação Santillana a concessão do Prêmio Dom Quixote de la Mancha e a oportunidade de estar



aqui em Toledo mais uma vez. Esta bela e acolhedora cidade espelha a diversidade e pluralidade que fazem da Espanha um grande país.

Quero agradecer, por fim, ao rei Juan Carlos, à rainha Sofia e ao nosso querido amigo presidente José Luiz Rodríguez Zapatero por terem me honrado com sua presença.

Eles são amigos e companheiros a quem muito admiro e que têm me acompanhado na construção de uma relação bilateral cada vez mais sólida e promissora. Vejo sua participação nesta cerimônia como uma homenagem ao Brasil e a todos os brasileiros.

Amigos,

Querido Carlos Fuentes,

Querido amigo rei Juan Carlos e rainha,

Haverá um dia em que todos os espanhóis, ou todos que falam espanhol, estarão lendo Machado de Assis e haverá um dia em que todos que falam português estarão lendo Cervantes. Aí a integração não será mais ficção, não será mais desejo, mas será realidade. Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura da III Reunião de Cúpula do Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul - IBAS

Nova Delhi-Índia, 15 de outubro de 2008

Quero felicitar o governo indiano pela organização deste evento e agradecer a hospitalidade com que fomos recebidos. Nossas boas-vindas ao presidente Kgalema Motlanthe em sua primeira participação no nosso grupo. Sua trajetória política e militância no Congresso Nacional Africano muito contribuirão para o avanço do Ibas.

Meus amigos,

Estamos, hoje, fechando o primeiro ciclo de nossas cúpulas. Passo à condição de decano de nossa aliança, pois sou o único governante do Ibas que acompanha o Foro desde sua instauração. Sei, por experiência pessoal, quanto já alcançamos e quanto temos a celebrar. Cinco anos após sua fundação, o Ibas já é uma referência no cenário internacional. Não é possível falar em relações Sul-Sul sem mencionar nossa aliança. Ela é identificada como a aliança de grandes democracias do Sul, um espaço de cooperação entre países emergentes que estão determinados a redefinir seu lugar na comunidade de nações.

Nessa empreitada, países com menor grau de desenvolvimento esperam de nós gestos de solidariedade e iniciativas concretas de cooperação e parceria. Mas também somos países determinados a unir nossa voz sobre temas globais, contribuindo para a construção de uma nova arquitetura internacional, cada vez mais necessária neste momento de incertezas.

Essa responsabilidade hoje é muito maior. Corremos o risco de ser vítimas de uma crise financeira gerada nos países ricos. Isso não é justo. Nossos países reconstruíram suas economias com grande esforço. Graças a



isso, vivem uma fase excepcional de expansão e de equilíbrio macroeconômico. É inadmissível, assim, que venhamos a pagar pela irresponsabilidade de especuladores que transformaram o mundo em um gigantesco cassino, ao mesmo tempo em que nos prodigavam lições sobre como deveríamos governar nossos países.

Se não quisermos ser arrastados por essa crise, não são suficientes medidas isoladas para resguardar nossos interesses nacionais. Precisamos nos fazer ouvir coletivamente nas discussões e na tomada de decisões sobre assuntos com impacto global. Não só sobre os temas econômicos e financeiros, mas também sobre questões como o aquecimento global ou na formulação de respostas à insegurança alimentar e energética.

A comunidade internacional começa a reconhecer essa realidade. Assim, devemos entender a sugestão de personalidades como o Presidente Sarkozy, da França, e o Presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick, para que nossos países participem mais diretamente na coordenação internacional para enfrentar a crise financeira.

Meus amigos,

Vejo com alegria que o Foro se renova sem perder seus avanços. É esse o desafio que motivou nossa determinação de tornar o Ibas mais ágil e eficaz. Para isso, estamos reunindo os 16 grupos de cooperação do Ibas, e convocando reunião de pontos focais. Os eventos empresariais, culturais, acadêmicos e o Foro de Mulheres que foram organizados pela Índia reafirmam nossa ambição de fazer do Ibas um verdadeiro encontro de sociedades e culturas.

O Ibas não tem uma sede, não tem um secretariado permanente, não tem sequer um documento que legisla sobre sua estrutura. Mas está aí, coeso e ampliado num exercício que se assenta em alicerces sólidos. Provamos que havia razões profundas para nos associarmos e tirarmos proveito pleno de nossa aproximação. Mais uma vez, obrigado primeiro-ministro Singh, pelo



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

carinho que nos dá nesta nova visita à Índia e espero que esta reunião seja uma luz para o mundo nessa escuridão de incertezas econômicas.

Obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da III Reunião de Cúpula do IBAS

Nova Delhi – Índia, 15 de outubro de 2008

Meu caro amigo e primeiro-ministro Singh,
Meu caro amigo e presidente da África do Sul, Kgalema Montlanthe,
Amigos da imprensa,
Ministros,

Eu acredito que o término desta Cúpula, que encerra um primeiro ciclo, me dá a certeza de que estávamos no caminho certo quando criamos o IBAS. É interessante que a imprensa perceba que o IBAS não tem secretaria executiva, não tem sede. O que move o IBAS é a motivação e a compreensão de três países fortes do Sul do mundo, de que juntos somos mais fortes e que juntos podemos muito mais.

A participação da sociedade civil no fórum do IBAS é uma coisa extremamente importante – empresários, mulheres, intelectuais, ministros do Poder Judiciário, editores. Eu penso que é extremamente positivo porque esses movimentos dão sustentação às coisas que nós iremos decidir daqui para frente.

Certamente nós estamos descobrindo, a cada dia, a necessidade de trabalharmos cada vez mais. Esta quantidade de acordos assinada aqui hoje pelos nossos ministros foi muito importante, mas demonstra que estamos longe de atingir a plenitude do potencial de relação entre África do Sul, Índia e Brasil.

Por isso, queria agradecer ao primeiro-ministro Singh pela condução dos trabalhos, pelo carinho com que nos recebeu aqui na Índia, e espero poder, no ano que vem, recebê-lo no Brasil, produzir a quantidade de acordos que foram produzidos aqui e tratá-los com o mesmo carinho que fui tratado.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Portanto, meu amigo, muito obrigado. E fiquem certos de que foi extraordinária a nossa reunião.

(\$211B)



Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a III Reunião de Cúpula do IBAS

Nova Delhi - Índia, 15 de outubro de 2008

Primeiro-ministro Singh,
Companheiros participantes deste Fórum,

Eu acredito que quando tomamos a decisão de criar os fóruns específicos, nós demos um salto de qualidade nas reuniões do IBAS. Porque o envolvimento da sociedade nas discussões em que os chefes de Estado estão participando, obrigam que os países e o governo possam, nas decisões políticas, levar em conta aquilo que é o pensamento da sociedade.

Eu penso que qualquer discussão que façamos hoje, seja internamente, em cada país ou seja nos fóruns internacionais, que não levemos em conta aquilo que é o pensamento dos setores organizados da sociedade, muitas vezes poderemos incorrer no erro de estarmos tomando decisões políticas sem a compreensão daqueles que nós representamos, que é o povo do nosso país.

Fazer política hoje sem levar em conta a importância das mulheres, não apenas pela sua dimensão numérica mas, sobretudo, pela importância da mulher no mercado de trabalho, pela importância da mulher no mundo político, fazer política e tomar decisões sem levar em conta isso é, na verdade, fazer política pela metade.

Portanto, quero dar os parabéns às mulheres que, inclusive, realizaram o seminário Gênero e Macroeconomia, em Brasília, em julho deste ano, dando uma demonstração de que as mulheres tomaram a decisão de não permitir mais espaço vazio na política mundial.

Segundo, fiquei muito feliz com o Fórum Empresarial. E feliz porque a Confederação Nacional da Indústria do Brasil, além de participar ativamente,



elaborou dois textos muito importantes sobre a sua participação neste fórum, dando uma demonstração de que no século XXI as relações entre Estados não podem ser feitas apenas pelos presidentes, pelos ministros ou pelos primeiros-ministros, ela tem que ser feita também pelos agentes produtores dos nossos países. Inclusive para estabelecer novas regras de funcionamento do fluxo comercial entre os países.

Nós temos um padrão universal estabelecido pela economia dos países ricos, que estabelecem tarifas, que estabelecem a moeda, que estabelecem uma série de coisas e que nós, muitas vezes, não levamos em conta a nossa realidade diferenciada e não estabelecemos um padrão entre nós.

O fato de os nossos empresários participarem do fórum e tomarem decisões, orientando a nós, governantes, que mudemos regras, façamos nova legislação, criemos novos mecanismos de financiamento das nossas exportações e importações, vai permitir que a gente contribua para mudança no padrão da lógica comercial no mundo hoje.

Sabem os companheiros da África do Sul, os companheiros da Índia e os ministros e os empresários que estão nos acompanhando nesta delegação que nós ainda não exploramos 10 ou 15% do potencial de oportunidades que nós temos, para fazer crescer os nossos negócios. Nós ainda não exploramos o potencial de troca de experiência em ciência e tecnologia. Ainda não trocamos 10% da nossa experiência, em troca de experiências bem-sucedidas de políticas sociais levadas a cabo em cada país.

Penso que o mundo está a exigir que nós abramos mão das receitas produzidas no século XX e comecemos a construir uma nova receita de política social, de política comercial, de política de relação entre Estados para o século XXI. Acho que o mundo está a exigir de nós.

Também o fórum dos acadêmicos. Há muito tempo era necessário que nós colocássemos os nossos intelectuais para digerir junto conosco, no cotidiano da nossa política a visão intelectual das ações políticas dos governos,



das ações comerciais do governo, dos problemas que nós estamos enfrentando, dos debates importantes que precisamos fazer sobre os biocombustíveis e novas formas de energia que passam a ser um problema muito sério para o século XXI. E, por último, o fórum dos editores.

Eu acho extremamente importante que os homens que trabalham com comunicação na Índia, na África do Sul e no Brasil, comecem a se entender para que a gente coloque uma linguagem do sul nos meios de comunicação, nos livros, nos jornais, e em tudo que for comunicação escrita, falada ou televisada, para que não sejamos vítima de uma única matriz de informação como somos hoje.

Então eu penso que bom seria se o indiano pudesse chegar no Brasil e ligasse a televisão e tivesse um programa divulgando as coisas da Índia no Brasil, que bom seria se nós, como estamos no hotel aqui, ligássemos a televisão e tivéssemos um canal divulgando as coisas do Brasil aqui na Índia, as coisas da África do Sul. E que bom seria se nós tivéssemos na África do Sul um programa transmitindo as coisas da Índia e as coisas do Brasil. Não. Todos nós passamos o século XX e já estamos há oito anos do século XXI ouvindo a mesma matriz de informação. A mesma matriz ideológica. A mesma massificação. Sem que a gente faça um gesto para colocar coisas novas nos meios de comunicação do nosso planeta.

Portanto, eu quero dar os parabéns a todos os companheiros que participaram desses fóruns específicos, porque certamente isso será uma grande orientação para que façamos políticas diferentes daquelas que vínhamos fazendo até ontem.

Meus parabéns e muito obrigado!

(S211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar oferecido pelo Presidente da República de Moçambique, Armando Guebuza

Maputo-Moçambique, 16 de outubro de 2008

Excelentíssimo senhor Armando Emílio Guebuza, Presidente da República de Moçambique,

Senhor Eduardo Joaquim Mulembwe, Presidente da Assembléia,

Senhora Luísa Dias Diogo, Primeira-Ministra,

Senhor Rui Baltazar, Presidente do Conselho Constitucional,

Senhores ministros de Moçambique,

Senhores ministros do Brasil,

Empresários,

Amigos e amigas,

Cinco anos depois de minha primeira visita a Moçambique, volto a este país, que serve de exemplo e inspiração para sua região e para toda a África. Um país que consolida sua democracia inspirado em um passado de luta contra a injustiça e a opressão. Um país que realiza um aproveitamento responsável de seus recursos naturais. Um país de pujante crescimento econômico e capacidade de atração de investimentos.

Querido Presidente Guebuza,

Quanta alegria tive em recebê-lo no ano passado, durante a celebração da Data Nacional do Brasil. Nós, brasileiros, aprendemos a admirar sua determinação em combater a pobreza e levar dignidade a seu povo.

Retorno a Maputo para reafirmar o compromisso que lancei aqui em 2003. O Brasil quer consolidar uma parceria baseada em acordos econômicos mas, sobretudo, na solidariedade e nos valores compartilhados.



Amanhã, vamos inaugurar o escritório da Fiocruz. Acompanhei pessoalmente esse sonho. É, também, com especial carinho que participo da instalação da fábrica que dará aos irmãos moçambicanos as ferramentas para produzir seus próprios remédios na luta contra o HIV/Aids. Sabemos o que isso significa. Estamos contribuindo para combater pandemias neste e noutros países da região. Estamos salvando vidas. Ao mesmo tempo, transferimos conhecimento e tecnologia.

Nosso compromisso em ajudar o povo moçambicano a ajudar-se também está presente na construção do Centro de Formação Profissional do Senai, aqui em Maputo, que formará os quadros técnicos para construir um país moderno e competitivo.

É importante lembrar, companheiro Guebuza, que lá no Brasil uma escola técnica como esta que vamos formar aqui, em Maputo, conseguiu produzir um torneiro mecânico que virou presidente da República. Espero que muitos torneiros mecânicos sejam formados aqui.

Com o mesmo espírito, está a caminho de Moçambique uma fábrica de bolas de futebol. Ela gerará renda e ajudará na inserção social de crianças e jovens pela prática esportiva. Técnicos brasileiros treinarão profissionais moçambicanos para operar e manter a fábrica.

Aqui, presidente Guebuza, há um pedido especial. O fato de nós estarmos trazendo para cá uma fábrica de bolas exige que Vossa Excelência tenha um compromisso comigo de não preparar a sua Seleção para ganhar do Brasil, nem em 2010 e nem em 2014, quando a Copa do Mundo será no Brasil.

Amanhã também vou entregar a unidade do Projeto Cozinha Moçambique, baseado na exitosa experiência de educação alimentar e nutricional no Brasil.

Meus amigos e minhas amigas,

As potencialidades deste país já foram descobertas há tempos pelos empresários brasileiros. Hoje à tarde, participei do seminário que trouxe a



Maputo dezenas de empresários e de empresas brasileiras em busca de novas parcerias.

Confio no êxito dessas e de outras iniciativas. Por isso, sugeri ao presidente Guebuza criar um grupo binacional para identificar e explorar novas oportunidades de investimentos e de exportações. Assim equilibraremos nossa balança comercial e vamos gerar empregos e mais renda em Moçambique.

Meu caro Presidente Guebuza,

Venho de uma reunião de Cúpula do Ibas. Ela foi dominada pela preocupação com o impacto da crise financeira internacional sobre o mundo em desenvolvimento. Moçambique, assim como o Brasil, vem consolidando fundamentos econômicos sólidos. Mas, infelizmente, pouco podemos fazer sozinhos contra os efeitos de crises financeiras vindas de fora.

Mais do que nunca, os países do Sul precisam se unir. O aumento do comércio e dos investimentos Sul-Sul – como estamos vendo entre Moçambique e Brasil – tem sido poderoso instrumento para enfrentar as turbulências decorrentes do risco de recessão nos países ricos. Precisamos ter nossas próprias respostas aos desafios do desenvolvimento.

Por isso, vejo com satisfação que tenho no presidente Guebuza um parceiro em meu entusiasmo pelos biocombustíveis. Sabemos do potencial do etanol e do biodiesel para gerar segurança energética e produzir renda e empregos no campo. Sabemos que esses combustíveis renováveis podem ser cultivados sem prejuízo para a disponibilidade de alimentos.

O Brasil está às ordens para avançar em projetos de cooperação com Moçambique na área dos biocombustíveis. Queremos multiplicar o número de produtores de energia, democratizar a produção e o mercado energético internacional.

Meus caros amigos e amigas,

Também precisamos de maior democracia nos mecanismos de poder mundial. Não faz mais sentido que decisões que afetam o mundo todo sejam



tomadas à revelia das grandes economias emergentes e da África. Caso contrário, deixarão de ser legítimas e, portanto, eficazes. Não há mais lugar para uma distribuição de poder velha e impermeável aos grandes desafios da atualidade. Por isso, agradecemos o apoio de Moçambique na luta para reformar as Nações Unidas, especialmente seu Conselho de Segurança.

Moçambique tem amplamente reconhecida sua valiosa contribuição para a estabilização na África Austral. Vossa Excelência segue o prestigioso exemplo de seu ilustre antecessor, o ex-presidente Chissano. No período em que ele esteve à frente da União Africana, o continente deu passos notáveis rumo ao renascimento africano que hoje vive. Estou seguro de que, no exercício da vice-presidência do Órgão de Defesa e Segurança da SADC, Moçambique continuará a contribuir para a consolidação da paz e estabilidade na região.

Na América do Sul também aprendemos que é preciso trabalhar juntos para avançar. Muitas soluções duradouras são formuladas em nossas próprias regiões. Com a criação do Conselho de Defesa da América do Sul, estamos seguindo o bom exemplo da África Austral.

Meu caro companheiro, amigo e presidente Guebuza,

Parto amanhã de Maputo, otimista. Sei que temos muito trabalho pela frente. Mas vou sair com a certeza de quem viu germinarem as sementes que ajudamos a plantar. Vamos garantir que elas sejam regadas e produzam os resultados que todos esperamos. Com o sentimento de esperança renovada, agradeço a hospitalidade dos moçambicanos e convido todos a erguer um brinde à saúde do presidente Guebuza e de sua senhora e ao aprofundamento das relações entre Moçambique e Brasil.

(S211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de encerramento de encontro empresarial**

Maputo-Moçambique, 16 de outubro de 2008

Felicitó o senhor Armando Emílio Guebuza, presidente de Moçambique,
Meu caro Salimo Abdula, presidente do Conselho da Confederação de
Associações Econômicas de Moçambique,

Meu companheiro Paulo Tigre, vice-presidente da Confederação
Nacional da Indústria do Brasil.

Senhoras e senhores ministros de Estado do Brasil e de Moçambique,
Senhores e senhoras empresários do Brasil e de Moçambique,
Meus amigos e minhas amigas,

Com grande satisfação retorno a Maputo. Nesta minha segunda viagem
a Moçambique, encontro um país em grande transformação, que progride
graças ao trabalho incansável de seu povo e à gestão responsável de suas
riquezas naturais. A economia moçambicana cresce à taxa invejável de 7% ao
ano. São muitas as possibilidades de negócios para nossos dois países.
Agradeço a todos os que aceitaram integrar a missão empresarial brasileira
para conversar com seus pares e com as autoridades locais.

O clima de profunda incerteza que marca o ambiente econômico e
financeiro internacional me deixa mais convencido de que a diversificação de
parcerias, neste momento, é fundamental. Ao ampliarmos o leque de mercados
e sócios para comércio e investimentos, reduzimos o impacto, sobre nossas
economias, das crises nos países industrializados. Os países em
desenvolvimento que apostaram num único mercado são os que mais vêm
perdendo neste momento de crise de confiança e de diminuição de crédito e do
consumo.



O Brasil está bem situado para enfrentar a conjuntura. Isso não significa que estejamos complacentes. Estamos tomando medidas para preservar as conquistas econômicas e sociais da população nos últimos anos. Seguiremos apoiando, com créditos e financiamentos, nossos empresários, para que possam expandir suas atividades no Brasil e em países amigos como Moçambique.

Meus caros amigos,

Em minhas nove viagens à África, fiz sempre questão de ser acompanhado por empresários. O acerto dessa decisão já se traduz em números. O comércio com a África praticamente quadruplicou desde 2002. Chegamos próximo dos US\$ 20 bilhões. A África já responde por quase 8% do comércio exterior brasileiro. Em 2002, era pouco mais de 4%. Melhoramos também a qualidade de nossas trocas. Produtos tradicionais – açúcar, minérios, ferro e veículos – dividem agora espaço com aeronaves, móveis e químicos. Se fosse um só país, a África seria nosso quarto maior parceiro comercial, após Estados Unidos, Argentina e China.

Mas ainda enfrentamos um desafio fundamental com vários de nossos sócios africanos, entre os quais Moçambique, que é o desequilíbrio na balança comercial. Sabemos que um intercâmbio crescentemente deficitário não é justo nem sustentável. Precisamos redobrar esforços e buscar identificar maneiras de aumentar as vendas de produtos moçambicanos para o Brasil. Outro caminho que devemos seguir é o de aumentar os investimentos brasileiros aqui, o que também gera empregos e renda para o povo de Moçambique.

Moçambique é hoje um importante pólo de atração de investimentos. Muito em breve, a produção mineral e energética moçambicana será fator determinante de projeção externa da África Austral. Algumas das nossas principais empresas estão em atividade neste país.

O projeto da Vale para a extração de carvão de Moatize pode se transformar no maior investimento estrangeiro da história de Moçambique.



Poderá ser o catalisador de uma nova dinâmica econômica entre nossos países. O êxito de um empreendimento dessa envergadura certamente atrairá outros investimentos brasileiros, reforçará e equilibrará os fluxos comerciais. Com a ajuda dos governos, as empresas envolvidas na montagem de toda a operação saberão chegar, no curto prazo, a acordos para aproveitar todo o potencial do projeto.

A Odebrecht já iniciou o projeto de reassentamento das famílias que moram na área de reserva de carvão de Moatize. São obras que vão empregar cerca de 1.200 trabalhadores da região.

A participação da Camargo Corrêa no projeto hidrelétrico coloca o empresariado brasileiro na linha de frente da geração de energia na África Austral. E sabemos bem que a energia é elemento fundamental para qualquer processo de crescimento econômico sustentado.

A Petrobras também está fazendo sua parte no desenvolvimento energético deste país. Participa em bloco no Delta do Zambeze, e vai apresentar proposta para outros blocos, e a empresa cogita novos negócios.

Mas a presença brasileira ainda me parece acanhada perto do potencial deste país. Quero desafiar os empresários a criar outras parcerias produtivas e a aumentar a presença brasileira em Moçambique.

Penso, por exemplo, nas amplas oportunidades no setor de biocombustíveis, que é prioritário para o governo do presidente Guebuza. Já temos memorandos de cooperação entre nossos governos e entre a Petrobras e a Empresa Nacional de Hidrocarbonetos de Moçambique. Empresas brasileiras estão prestando consultoria na área do etanol.

Para que isso se materialize, é fundamental uma associação mais intensa entre os agentes econômicos do Brasil e de Moçambique. Minha presença aqui sublinha o caráter estratégico e indissolúvel que nossos governos estão determinados a imprimir nessa parceria bilateral.



Hoje propus ao presidente Guebuza a criação de um grupo de trabalho bilateral para encontrar formas inovadoras de estímulo a novos investimentos e ao aumento das trocas comerciais. Isso inclui pensar em novas modalidades de financiar uma presença robusta de nossas empresas em setores prioritários do desenvolvimento moçambicano, como os da energia e da mineração.

Meus amigos e minhas amigas,

Não haverá incremento da parceria econômica sem um comprometimento decisivo dos empresários de ambos os lados. Ousadia e criatividade são indispensáveis. Aos empreendedores brasileiros, repito o que sempre digo quando venho à África: olhem ao redor, vejam como esta terra progride a passos largos, vejam as oportunidades, que são muitas, e tenham a ambição de atuar num mercado novo.

Moçambique é um país que se moderniza, que precisa de escolas, de hospitais, de casas populares, mas que também necessita de estradas, de ferrovias e de hidrelétricas. Moçambique é um país que, como o Brasil, quer dar a seus cidadãos empregos e renda, melhores condições de consumo e qualidade de vida.

Quero também trazer uma mensagem aos homens e às mulheres de negócios de Moçambique. Dizer-lhes que o Brasil está aqui para desenvolver uma parceria mutuamente benéfica. Queremos ajudar no que for possível. Contribuir para que este país disponha, cada vez mais, de seus próprios instrumentos para crescer e prosperar com justiça social e mais igualdade.

Nossa parceria vai além do comércio e dos investimentos. Apostamos muito na cooperação, na formação de quadros e de vocações, na transmissão de conhecimentos e experiências. E isso inclui áreas tão diversas quanto a agricultura e a gestão governamental, passando pelos esportes e pela cooperação audiovisual.



O Brasil financiará, por meio de uma doação, a instalação e início de funcionamento de uma fábrica de medicamentos anti-retrovirais em Moçambique, que colocará este país na vanguarda deste setor na África.

Vamos ajudar a suprir a fábrica de equipamentos e de insumos. Mas não vamos parar por aí. Nosso objetivo é apoiar o governo moçambicano a desenvolver capacidade autônoma de produção de medicamentos para as doenças que mais afetam sua população, diminuindo a dependência externa e ajudando a formar uma mão-de-obra altamente qualificada. Esse é o tipo de projeto no qual o Brasil está interessado, uma iniciativa mutuamente benéfica.

Meus amigos e minhas amigas,

Todos sabemos os pontos de contato históricos entre Moçambique e Brasil. Nossas semelhanças ajudam a compartilhar experiências e facilitam os contatos. Temos um verdadeiro patrimônio de amizade e de simpatia que facilita nossas relações. Mas esse patrimônio precisa ser enriquecido. Só continuará válido se soubermos aproveitá-lo em toda sua extensão.

Estou certo de que os senhores estarão à altura desse desafio. A realização deste seminário é prova de que estamos no bom caminho. Que governo e empresários saberão trabalhar juntos para aprofundar ainda mais as excelentes relações entre Brasil e Moçambique. Que saberão aproveitar todo o potencial que têm à sua frente. Por isso, antes de desejar bons negócios a vocês, eu (inaudível) que falar um pouco. Primeiro, com os empresários brasileiros. Todos nós estamos acompanhando diuturnamente a crise que começou com o *subprime* e que hoje se transformou numa crise de responsabilidade inigualável do sistema financeiro, sobretudo nos países ricos.

Preciso não chamar atenção para alguns passos que acho que nós apenas estamos aprendendo a dar. Quando em 2003, no Brasil, nós tomamos a decisão de que era preciso trabalhar para mudar a geografia comercial do mundo, de que era preciso diversificar as relações comerciais do Brasil e começamos a viajar para a África, começamos a viajar muito para a América



do Sul e para a América Latina, começamos a viajar para o Oriente Médio e para o mundo asiático, não foram poucos os que escreveram que nós éramos loucos. Não foram poucos os que insinuaram “o que o Lula está fazendo na África se quem tem dinheiro são os Estados Unidos e a Europa?”, “o que o Lula está fazendo na Índia, ou na China, se o importante é fazer investimento no Japão?”.

Era apenas uma questão de consenso, de coisas que nem sempre a gente consegue aprender somente na universidade ou somente no trabalho da gente. A gente aprende quase como forma de sobrevivência. O Brasil é um país que tem, em várias atividades, condições de competir com os países mais desenvolvidos do mundo. Em outras ainda não, mas em algumas o Brasil não deve nada a ninguém.

Acontece que historicamente, presidente Guebuza, os dirigentes brasileiros, embora a independência tenha sido conquistada no dia 7 de setembro de 1822, a verdade é que a cabeça da elite dirigente brasileira ainda estava colonizada. Não subordinada mais à orientação da Coroa portuguesa, mas subordinada à orientação econômica e a interesses eminentemente ligados aos chamados países desenvolvidos, sobretudo Estados Unidos e Europa.

Há dez anos, o comércio do Brasil com os Estados Unidos era de 26%, 27%. Nesse período, embora a nossa relação comercial tenha crescido uma média de 20% ao ano, hoje os Estados Unidos representam para nós apenas 15%. Entretanto, nós saímos, na África, de menos de 5 bilhões para 20 bilhões no mesmo período. Nós saímos, na Argentina, de um fluxo comercial de US\$ 9 bilhões, em 2003, para mais de US\$ 30 bilhões agora em 2008. Nós tínhamos pouco mais de US\$ 400 milhões com a Venezuela, hoje nós temos mais de US\$ 5 bilhões. Hoje a América Latina é o maior parceiro comercial do Brasil.

Por que eu estou dizendo isso para vocês? Alguém poderia dizer “este Lula é louco, ele está dizendo para a gente não fazer negócio com os Estados



Unidos, ou com a União Européia”. Pelo contrário, eu quero que a gente faça muito mais, e que faça cada vez mais. Mas é preciso saber que é exatamente nesses países que a possibilidade de colocarmos nossos produtos é mais difícil do que estabelecermos as parcerias com outros países que tenham a mesma similaridade tecnológica, renda per capita e comércio que tem no Brasil. Por isso é que a diversificação é uma garantia para que quando determinado mercado entrar em crise, a gente não fique sufocado porque o nosso principal parceiro está em crise. É preciso que a gente procure outros parceiros para que a gente sofra menos e para que a gente possa não apenas ser ajudado, mas ajudar. Que numa política diversificada a gente possa continuar comprando e vendendo, independentemente da crise em que um ou outro país tenha conseguido ser vítima.

Vamos pegar um exemplo muito didático, para a gente aprender o que está acontecendo no mundo. É (inaudível) que possivelmente nem os grandes economistas do mundo ainda saibam o total da gravidade do que está acontecendo.

A crise russa ficou num rombo de aproximadamente US\$ 40 bilhões, o chamado mercado financeiro. A crise asiática representou por volta de US\$ 70 bilhões de rombo no mercado financeiro. E a crise mexicana também por volta de 70 bilhões. Então, três crises, em três países diferentes, em três continentes praticamente, geraram menos de US\$ 200 bilhões de rombo no mercado financeiro. No caso do Brasil, Guebuza, quebramos três vezes por causa dessas crises.

Veja uma coisa, a crise de agora: se nós pegarmos US\$ 1 trilhão que o Gordon Brown anunciou que vai colocar para proteger os correntistas ingleses; se pegarmos os US\$ 850 bilhões que o Bush colocou, mas ainda não regulamentou, que vão resolver o problema dos correntistas americanos; se pegarmos o dinheiro que os países que compõem o euro já colocaram no último final de semana, nós vamos chegar a US\$ 3 trilhões já envolvidos nessa



crise. E ela certamente ainda não chegou fortemente a Moçambique, certamente ela não chegou fortemente ao Brasil.

Nós temos problemas de liquidez, porque os trilhões de dólares que sobrevoavam de continente para continente, sem gerar um posto de trabalho, eram papéis trocados de mão em mão, apenas alguns poucos (inaudível), esse dinheiro está guardado embaixo do colchão de alguém. Não está no mercado de Moçambique, não está no mercado brasileiro e, pelo que sei, não está no mercado americano e, muito menos, no mercado europeu, porque lá também está com problema de liquidez. Quem sabe está tudo nas Ilhas Caimã. Na Suíça também não está, porque os bancos suíços estão quebrando.

Então, pasmem, a irresponsabilidade dos países ricos, que na década de 80 e na década de 90 passaram todo o tempo nos ensinando como administrar os nossos países e não estavam sequer administrando corretamente os seus países.

Cadê a solidez da economia americana? Cadê o infalível Banco Central americano? Cadê o infalível FMI? Cadê o infalível Banco Mundial? Cadê o infalível Banco Central europeu? Será que eles não sabiam que o seu sistema financeiro estava envolvido na maior agiotagem financeira que o mundo conheceu? Será que eles não sabiam? Porque o *subprime*... Eu me lembro o dia, a primeira vez que falei de *subprime* foi em setembro do ano passado, um ano e um mês sem que eles tivessem tomado uma única decisão.

Ora, as decisões dos bancos centrais em Basileia só serviam para nós, só serviam para os países pobres e para os países em desenvolvimento. Para os países ricos, eles não cumpriam. E eles permitiam que um simples banco de investimento, que portanto nem arrecadava dinheiro, não tinha correntista, pudesse alavancar um financiamento de 35 vezes o seu patrimônio líquido. Enquanto nós, no Brasil, não permitimos a alavancagem de mais de 10 vezes, e ainda é muito.



A verdade é que se nós formos a uma loja comprar comida para comer, fiado, quem vai vender para a gente não vai vender com prestação que a gente só possa pagar a cada dez meses. Tem que pagar todo mês, porque ela tem que ser compatível com os recursos de que as pessoas dispõem. E nós, agora, que fomos castigados durante este (inaudível)... aqui em Moçambique, certamente muito, no Brasil, muito – por dizerem que éramos socialistas, somos castigados historicamente. Estamos vendo agora os privatistas dos lucros querendo privatizar os prejuízos do sistema financeiro com os países pobres, querendo socializar.

Eu fico feliz quando vejo um homem que eu respeito profundamente, um homem sério como o primeiro-ministro Gordon Brown, dizer: “Eu não vou dar dinheiro para banco. Eu vou comprar as ações do banco. Eu vou ser sócio desse banco”. Já estou vendo até o Bush dizer também. Eu acho isso extraordinário porque nós aprendemos uma outra lição. Uma outra lição que eu espero que seja definitiva para o Conselho de Washington, que estabeleceu nos anos 80 e 90 que o Estado deveria ser abolido e que o mercado iria resolver todos os problemas. O que aconteceu na crise? Sabe o que me lembra? Os nossos filhos na adolescência. Nossos filhos são maravilhosos, eles, aos 18, 19 anos, não querem nem sentar para conversar com os pais porque são totalmente independentes, nós somos caretas, não compreendemos o mundo novo, o mundo moderno, e eles saem. A gente pede: “meu filho, não saia à noite”. “Eu saio. Você não sabe de nada. Eu vou sair”. Parece que nunca precisam dos pais. Precisam do pai quando? Quando casam, que têm um filho, querem sair à noite e querem deixar o filho com os velhos. Aí os pais voltam a ter valor. Gostam dos pais quando estão doentes. Ah, se tiverem uma febrezinha ou uma dor de barriga, a mãe passa a ser um xodó outra vez, ou se quiserem sair e não tiverem dinheiro.

O que aconteceu com os bancos é a mesma coisa. O Estado passou a valer. Todo mundo dizia: “Pelo amor de Deus, o Estado tem que intervir. O



Estado precisa ajudar. O Estado não pode ficar omissos”. O Estado, que foi negligenciado durante décadas e décadas. O Brasil é um dos poucos países do mundo, hoje, em que nós ainda não estamos querendo ficar sócios dos bancos. Não só porque o sistema financeiro brasileiro não está envolvido no *subprime*, mas porque nós já somos sócios de dois bancos importantes e dono de um muito importante que é o BCS, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal.

Eu queria dizer essas palavras, companheiro Guebuza, porque está na hora de nós compreendermos, todos nós do chamado Sul, do chamado grupo de países pobres ou emergentes, está na hora de a gente estabelecer uma nova lógica econômica e comercial no mundo. Nós não podemos mais seguir esse padrão (inaudível). Por exemplo, no mês passado, o Brasil começou a negociar com a Argentina em moeda brasileira e argentina. Por que todos nós devemos estar subordinados ao dólar para poder negociar? Por que os nossos Bancos Centrais, nossos ministros da Fazenda não se juntam e estabelecem uma outra lógica de comercialização? Eu tenho dito para os empresários brasileiros, de forma muito carinhosa, que se a gente quiser vender, construir novas fábricas e produzir, olhem para o Continente Africano. Ali tem oportunidade, tem muita coisa para fazer, é só olhar o mapa. Olha quem está perto de Moçambique, além de Moçambique mesmo, olha quem está perto. Tem países extraordinários com quem o Brasil tem relação, e parte das coisas pode ser produzida aqui. Vocês não imaginam o orgulho que eu tive de chegar a Nova Delhi e ver aqueles ônibus Marcopolo desfilando nas ruas. Por que tem que ser ônibus inglês ou americano e não brasileiro? Eu acho que o momento de crise é um momento de apreensão. Nós estamos olhando com lupa. Eu nunca conversei tanto com o ministro da Fazenda e com o Banco Central como eu tenho conversado nos últimos 30 dias, porque não quero que o Brasil seja pego de “calça curta”, porque não quero jogar fora o patrimônio de



responsabilidade que nós acumulamos nos últimos anos. E isso me provoca a chamar os nossos empresários a construir novas parcerias.

Moçambique tem um potencial extraordinário. Imaginem vocês a hora que a Vale do Rio Doce começar a explorar o carvão aqui, imaginem a hora que as outras empresas fizerem as hidrelétricas que precisam ser feitas aqui, imaginem a hora que fizerem as ferrovias aqui, imaginem o potencial agrícola e comercial que vai surgir neste país.

Agora, nós precisamos vencer um obstáculo, Guebuza, porque muitas vezes as dificuldades não são só de quem quer emprestar, são de quem quer tomar emprestado. Porque todos nós, às vezes, dificultamos as coisas. Não nós, a legislação, as implicações, então tem muitos obstáculos. Às vezes, nós somos capazes de sonhar com uma obra, terminar o mandato e não fazê-la.

No Brasil – os empresários conhecem – um presidente da República que quiser fazer uma hidrelétrica de 3 mil megawatts, precisa de dois mandatos, porque em um você toma a decisão, vai atrás do licenciamento, conquista, depois do licenciamento você vai para a licitação, faz a licitação. Aí o empresário que perde entra com uma ação contra o que ganhou, e é mais um ano. Quando está tudo pronto, o Ministério Público acha uma outra ação, que é mais um ano. Quando está tudo resolvido, o Tribunal de Contas entra com outra ação, é mais um ano. E aí acabou o mandato, você não fez nada. Não sei se aqui é assim. No Brasil é.

Pois bem, eu acho, companheiros empresários de Moçambique e do Brasil, companheiros do governo, essa idéia de criar grupos de trabalho de empresários, grupos de trabalho com empresários de verdade, empresários que sabem o que é produzir, que sabem o que é dificuldade mas sabem o que é vencer, empresários que já foram ao banco fazer financiamento, empresários que já correram atrás do BNDES do Brasil e sabem o quanto era difícil... está mais fácil agora, e tem mais dinheiro. Nós temos que construir grupos de trabalho liderados pelos nossos ministros, de cada área específica, para que a



gente possa mensalmente estar cobrando: o que está acontecendo? Por que não saiu? Onde é que está a dificuldade? Se é no Congresso Nacional, vamos ao Congresso pedir para aprovar. Se é em outra área qualquer, vamos trabalhar, porque o tempo urge e nós precisamos ser mais rápidos. Precisamos ser mais rápidos porque o mundo precisa, sobretudo nesse momento em que o mundo rico parece que definitivamente vai entrar em recessão, é preciso que o mundo emergente seja a resposta positiva que os ricos não estão conseguindo ser.

Imaginem o que seria do mundo se não fosse, hoje, os países estarem crescendo, como o Brasil, em 5%, 7% em Moçambique, 7% a Argentina, 7% a Venezuela, 7% a Índia, 10% a China. Imaginem se não fossem os emergentes, a periferia da economia mundial, que está salvando o centro nervoso do capitalismo.

Então, eu queria que nós saíssemos daqui... A Vale do Rio Doce, pelo amor de Deus, vamos começar a tirar logo minério. Não é possível! Eu vim aqui a primeira vez com o Chissano, fiquei alegre, feliz da vida... o Brasil vai fazer um grande investimento em bilhões (inaudível). Hoje eu vim pensando que ia inaugurar, mas ainda falta fazer coisa, tem mais papel para assinar, tem mais coisa. Pelo amor de Deus, o tempo não nos perdoará, porque Deus dá a oportunidade uma vez, dá a segunda vez, na terceira vez Ele diz: "Ah, você é burro, me desculpe, mas não vai ter mais". Então, vamos aproveitar. Aquilo que for falha do Brasil, vamos tentar corrigir o mais rápido possível, porque nós não temos tempo a perder. E nesse momento em que o mundo desenvolvido está com problema, podem crer: nós poderemos ser a solução para os problemas do desenvolvimento do mundo. Temos condições para isso.

Lá no Brasil, quero dizer que não vou parar uma obra que estamos fazendo. O PAC não perderá um centavo por conta dessa crise. As obras da Petrobras vão ser todas feitas, as ferrovias vão ser feitas, porque eu acho que nós temos que nos desafiar.



Sabem como é que eu acho que nós, homens, governos e empresários, precisamos ser? Como mulheres. Vocês já perceberam que um homem... E olha, meu caro Guebuza, que não sou candidato aqui, hein?

Vamos ver o seguinte: o homem, que parece o ser forte do mundo, quando tem uma febrezinha, uma gripe, o bicho vai logo para a cama, fica amuado, não pode trabalhar, geme o tempo inteiro. Já viram uma mulher deixar de cuidar dos seus filhos por causa de uma gripe? Duvido que uma mulher deixe de fazer as coisas que tem que fazer, preparar não sei quantos filhos para ir para a escola, fazer a comida para dez, 11 filhos, e aturar o marido quando chega do trabalho. Não há crise que derrube uma mulher. O homem é derrubado com facilidade.

Quando eu dei o exemplo da mulher, é porque nesse momento de crise, em vez de a gente ficar preocupado, temos que ser ousados, temos que fazer aquilo que a gente não teve coragem de fazer antes. Contra a crise, nós precisamos ter consciência de que é preciso fortalecer o mercado interno de cada país, produzir o que a gente não está produzindo ainda, aumentar a capacidade produtiva, porque senão a gente quebra junto, sem ter nenhuma responsabilidade.

Eu penso que esse encontro aqui, meu querido companheiro Guebuza, é um bom sinal. Ver 40 empresários do Brasil aqui é um melhor sinal ainda, porque na primeira viagem que fiz para Angola era difícil convencer um empresário... Não é só empresário, não, até ministro não gosta de viajar para a África. Ofereça uma reunião de empresários em Londres, ofereça em Paris, mas ofereça aqui, em Maputo. Graças a Deus, obrigado a vocês, (inaudível), como eu, estamos todos virando africanos, estamos todos voltados para as oportunidades (inaudível).

Portanto quero agradecer, Tigre, essa sua ajuda aqui com esse grupo de empresários, e dizer para vocês que há um mercado extraordinário. Nós só precisamos juntos, agora, convencer as empresas de aviação brasileira a



fazerem vôos para Moçambique, para Maputo. E podem passar em Angola, (inaudível) vamos passar na África do Sul, voltar para Angola, ninguém precisa vir direto a toda hora, só chique é que gosta de vir direto, pobre pode dar uma paradinha, respirar. Sobretudo o empresário que está fazendo negócio, ele pode (inaudível) para respirar, contar até dez antes de fazer a proposta que tem que fazer.

Então, eu acho que esse é um desafio que vocês, empresários, podem nos ajudar – pegar as empresas de aviação no Brasil e falar o seguinte: “Olha, não tem mais sentido a gente ser proibido de fazer negócio em Maputo porque não tem avião toda hora”. E se tiver avião, com pouco tempo, nós teremos passageiros daqui para lá e de lá para cá, eu diria, com o vôo lotado.

Portanto, meu querido companheiro Guebuza, eu acho que esse é um dia histórico na relação Moçambique-Brasil. Na última vez que vim aqui, eu dizia ao seu ministro da Saúde que esteve me acompanhando, que a gente sente a melhora da cidade de Maputo, a gente percebe que a cidade está ganhando corpo, está ganhando densidade. Isso só é possível porque os governos foram responsáveis, foram sérios e conseguiram reaplicar o pouco que o país é capaz de produzir.

Acho que esta cidade está mostrando a cara de um país que em pouco tempo fez mais do que o pouco tempo em que ele foi colonizado. Demonstra que liberdade não faz mal. Liberdade faz bem, sobretudo quando ela é tratada com muita responsabilidade.

E é essa liberdade que Moçambique conquistou e que está traduzindo em riqueza para o povo de Moçambique. Eu quero que os empresários brasileiros ganhem dinheiro aqui, mas gerem empregos, gerem renda, e exportem para novos mercados, porque uma empresa brasileira multinacional tem uma bandeira do Brasil fincada no território do planeta Terra.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração de instalações da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em Maputo

Maputo-Moçambique, 17 de outubro de 2008

Meu querido Ivo Garrido, ministro da Saúde de Moçambique,
Companheiros ministros brasileiros,

(inaudível)

Miguel Jorge Santos Martins,

Meu companheiro Paulo Buss, presidente da Fiocruz,

Paulo Tigre, vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Salimo Abdula, presidente do Conselho das Confederações e Associações Econômicas de Moçambique,

Raul Calane, diretor do Centro de Estudos Brasileiros de Moçambique,

Nossos queridos companheiros de (inaudível),

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês estão vendo a grossura do discurso, tem mais palavras do que remédio aqui. Vou deixar o discurso de lado. Apenas se me equivocar, eu consultarei.

Não vou falar de números porque os meus ministros já falaram. Não vou falar de doenças porque os dois ministros já falaram. Eu queria, sobretudo, que os companheiros brasileiros, e sobretudo os companheiros da imprensa brasileira, compreendessem a magnitude de um gesto destes.

O Brasil tem obrigação política, moral e ética de fazer o que está fazendo pelo continente africano. Certamente, somos os maiores devedores ao continente africano, mas, certamente, somos o país mais agradecido pelo fato de sermos do jeito que somos, de sermos negros, índios, europeus. A



miscigenação do povo brasileiro, essa mistura extraordinária, permitiu que surgisse o paulista, o carioca, o baiano, o gaúcho. Permitiu que pudéssemos ser o que somos: alegres, quando muitos gostaríamos que fôssemos tristes, irreverentes, e, por que não dizer, provocadores das boas causas e das causas nobres pelas lutas de liberdade mundo afora.

O que um país do tamanho do Brasil, com o potencial do Brasil, pode fazer para ajudar os seus irmãos que não tiveram as mesmas oportunidades que o Brasil teve? Fazer o que estamos fazendo hoje. Entregar um caminhão chamado Cozinha Moçambique, que deu certo no Brasil, para ajudar as mães brasileiras, mães pobres, a produzirem comida com a quantidade de nutrientes, com as calorias e proteínas necessárias para que as crianças nasçam e cresçam fortes. Fazer o que estamos fazendo aqui: uma boa provocação. Por isso, quando o companheiro Temporão estava falando, eu fiz questão de dizer: assumo o compromisso de que vamos inaugurar esse negócio ainda no meu mandato. E por quê? Porque também nós aprendemos que muitas vezes a gente decide as coisas e elas não acontecem. E é no mundo inteiro, não é em Moçambique, não é no Brasil, porque tem todo um receituário que todo mundo tem que cumprir e, às vezes, as coisas não andam.

A gente tem que determinar metas para que todo mundo saiba que nós temos um objetivo a cumprir, em prazo determinado, para que a gente possa dar ao povo africano e ao povo de Moçambique a oportunidade de não morrerem precocemente por causa da Aids e por causa de outras doenças.

Este é um desafio que não pagará nunca a dívida que nós temos com o continente africano, mas é um desafio que nos torna mais nobres como seres humanos e como país, é um desafio que nos coloca com a consciência tranqüila de que estamos fazendo o papel que está reservado ao Brasil fazer com o continente africano.

Durante muito tempo – e já faz muito tempo – aprendi que na vida a gente não pode ficar reclamando do que não tem. A gente precisa lutar, fazer o



que é possível fazer. Muitas vezes, nós ficamos criticando: por que o mundo europeu, rico, não faz mais pelo mundo pobre, ou por que os americanos não fazem mais. Talvez isso seja uma desculpa para a gente não fazer aquilo que temos que fazer. Eles que façam o que quiserem. Eu quero saber é o que o Brasil pode fazer, e o Brasil está demonstrando que pode fazer.

Fazer a Embrapa na cidade de Acra, em Gana, é o começo de uma revolução pacífica que terá como resultado a germinação de grãos, de comida, de produtos que podem fazer, na savana africana, a mesma revolução que foi feita no Centro-Oeste brasileiro pela nossa querida empresa de pesquisa e tecnologia, a Embrapa. Estou convencido de que viverei – você acredita, Paulo Buss – pelo menos mais uns 30 anos, jovem do jeito que sou. Acredito que ainda estarei vivo para ver essa revolução na agricultura africana.

O Brasil tem tecnologia, conhecimento, experiência, e resultados. Não temos o direito de guardar isso para nós. Temos o direito de ajudar aqueles que durante 300 anos serviram de mão-de-obra gratuita ao Brasil, menos por culpa do Brasil, mais por culpa da Coroa. Não de uma senhora, da Coroa portuguesa.

A produção que a Fiocruz vai fazer aqui é outra revolução. Falo isso com orgulho porque certamente, no meu mandato, nós fizemos muita coisa na Fiocruz. Ainda temos muito por fazer, porque como a Fiocruz é um centro de excelência, é um centro produtor de cientistas, de conhecimento, de inteligência, quanto mais dinheiro a gente põe, mais inteligência aparece e mais coisas eles querem fazer. Então, é uma coisa que não acaba nunca. Deus queira que seja assim, que para cada centavo que a gente coloque na Fiocruz apareça um cientista pedindo mais centavos, para que a gente produza mais cientistas e para que a gente utilize mais centavos. Aí o Brasil se transformará num país efetivamente independente na produção de medicamentos para o setor.

Esses dias, o Temporão me liga e diz para mim: “Presidente Lula, uma



boa notícia que eu queria dar para o senhor: nós estamos produzindo agora, na Fiocruz, o Efaviren”. Esse remédio é muito caro, a gente importava, e agora a gente vai produzir no Brasil, por cientistas brasileiros. Isso é apenas a demonstração de que nós não temos limite, de que o mundo do conhecimento está fazendo com que o Brasil ocupe o seu espaço na história que o século XXI contará ao século XXII.

Eu estou convencido, meu caro Temporão, meu querido Paulo Buss, que essa decisão de vocês, de virem aqui e cumprirem aquilo que nós começamos a trabalhar em 2003, é a demonstração de que o Brasil sabe dar valor àqueles que são iguais, àqueles que mais precisam e àqueles que, muitas vezes, dependem de um gesto.

Ontem, quando fui lá no Memorial dos Heróis de Moçambique, me deparei com aquelas crianças da escola com a camisa do Segundo Tempo, que é um programa que no Brasil atende mais de 1 milhão e 200 mil crianças. O ministro Orlando me comunicou que a fábrica de bolas já está em alto-mar, chegando aqui em Moçambique, para que a gente possa produzir bolas. Espero não prepará-los tão bem, para não ganharem da gente em 2014, na Copa do Mundo.

Quando a gente vê o Paulo Tigre e o Abdula assinarem um acordo... De ontem para hoje produziram um acordo. A relação política é uma coisa mais complicada do que apenas a formalidade. A política é uma coisa química, é como se fosse o aroma de um perfume. As pessoas precisam se conhecer, se olhar nos olhos, pegarem na mão, se cumprimentarem, porque isso vai espalhando uma coisa mais forte do que um fax, do que um e-mail, do que um telefonema, porque tudo isso é sem sentimento.

Falando de São Paulo para Moçambique, por telefone, sem ver a cara da pessoa, é fácil dizer não. Ou mandar um e-mail, manda para cá, manda para lá, você não está vendo os olhos da pessoa, a cara da pessoa, o jeito da pessoa, então é uma coisa que é um compromisso, mas um “meio



compromisso”. Ontem, o Paulo Tigre e o Abdula, lá naquela mesa, nós começamos a cobrar, falar, falar, hoje já fizeram um acordo. E as coisas vão acontecendo assim.

Com a nossa doutora aqui, fixa, eu falei para o Paulo Buss: agora eu tenho a convicção de que vai sair, porque é preciso ter gente aqui. Esse povo não tem nenhuma diferença do povo pobre da periferia do Rio de Janeiro, da periferia de São Paulo, da periferia da Bahia. Aliás, não tem nenhuma diferença não, até são pares, tem os mesmos problemas, tem o mesmo jeito de ser e, o que é mais gostoso, a mesma ginga, o mesmo remelexo que tem os brasileiros, que têm as meninas que eu vi ontem aqui.

Então, quero dizer para vocês da minha alegria. Eu acho que ainda temos muito por fazer, viu, Celso? Temos muito. Mas eu acho que também, de vez em quando, a gente precisa agradecer o que já foi feito, porque não é fácil vencer os obstáculos. E a gente pensa que é com a África a dificuldade. Perguntem para qualquer diplomata: a ponte entre a Guiana Francesa e o Brasil, que já faz uns três governos... De Gaulle já falava dessa ponte, e Chirac já foi lá com o Fernando Henrique Cardoso, eu já fui lá com o Sarkozy, e as coisas são assim mesmo: tem dia que vai advogado brasileiro para a França, outro dia vem advogado francês para o Brasil, porque é essa coisa mesmo, é difícil. Acho que já gastamos mais de passagem do que o valor da ponte. De qualquer forma, os franceses também já gastaram mais, eles gastam em euro, então devem gastar mais do que nós.

De qualquer forma, hoje nós estamos vivendo aqui a consagração. Não é consagração total, porque ela será quando a gente vier inaugurar. Mas é a consagração de que o Brasil, definitivamente, vai construir a fábrica de retrovirais, vai construir a Fiocruz, que é mais importante do que a fábrica, porque a fábrica vai produzir o remédio, mas a Fiocruz vai produzir inteligência, vai produzir conhecimento aqui nesta terra extraordinária.

Eu só posso dizer ao ministro da Saúde de Moçambique, o nosso



companheiro doutor Paulo Ivo Garrido, ao Temporão, ao nosso companheiro Paulo Buss e ao meu ministro Celso Amorim: por favor, no que depender de mim, não deixem para se queixar amanhã do que podem se queixar hoje. Às vezes, o Temporão fala: “Não consegui audiência, demorou uma semana”. Essas coisas têm que ser “pão, pão, queijo, queijo”, um bom ditado brasileiro, que eu acho que é até africano: “pão, pão, queijo, queijo”.

Então, vamos inaugurar isso aqui. Vamos fazer disso uma profissão de fé. Onde tiver obstáculo, Temporão, vamos desobstruir, destravar, para que a gente possa, em 2010, vir aqui inaugurar definitivamente esse laboratório, a Fiocruz e a fábrica de remédios.

No mais, que Deus abençoe o povo de Moçambique, e que Deus abençoe os nossos ministros da Saúde, que tanto trabalharam para que a gente pudesse viver o dia de hoje. Um beijo e um abraço.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação das empresas mais admiradas do Brasil, promovida pela revista Carta Capital

São Paulo-SP, 20 de outubro de 2008

Meu querido companheiro Mino Carta, chefe, editor, diretor e dono da Carta Capital,

Meus companheiros ministros Tarso Genro, da Justiça; Guido Mantega, da Fazenda; Fernando Haddad, da Educação; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; José Toffoli, da Advocacia-Geral da União; Altemir Gregolin, da Aquicultura e Pesca; Paulo Vanucchi, da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Confesso a você, Mino, que eu não consigo mais fazer reunião de ministros com tantos ministros que você trouxe aqui.

Companheira Ana Júlia, governadora do estado do Pará,
Aécio Neves, governador do estado de Minas Gerais,
Roberto Requião, governador do estado do Paraná,
O Jaques Wagner já foi embora? Mas estava aqui, foi porque tinha um voo às 9 horas,

Senadores Aloizio Mercadante e Eduardo Suplicy,
Senhores deputados federais,
Meu querido companheiro Luiz Gonzaga Belluzzo, consultor editorial da Carta Capital,

Nossa querida Manuela Carta,
Meu caro Roger Agnelli,
Senhoras e senhores representantes das empresas premiadas,
Meus companheiros e companheiras das escolas premiadas,
Meus amigos e minhas amigas,



Mino, tenho um discurso aqui, elaborado pela minha fábrica de produzir discursos. Eu tenho uma pequena fábrica de produzir discursos. Às vezes, são oito discursos por dia sobre assuntos variados, e vou abrir mão do meu discurso para dizer poucas palavras que eu queria dizer aqui.

Primeiro, estou em crise, porque venho à premiação promovida por uma revista e o dono da revista esculhamba com todo mundo. Certamente, a Miriam Leitão não vai dar notícia deste ato, muito menos o editorial do Estadão, muito menos o Jornal Nacional, muito menos outros jornais que você criticou. Não vou nem falar de revistas para não ter antagonismo. É a antipublicidade.

De qualquer forma, eu não poderia deixar de elogiar, de cumprimentar os companheiros que vieram aqui, em nome de suas empresas, receber o prêmio justo e merecido, e os companheiros diretores de escolas que, nessa inovação da Carta Capital, também recebem os seus prêmios.

O momento exige que nós falemos de outros assuntos, que falemos de crise, e eu sou um azarado. Vocês sabem que eu fui gestado em crise. Minha mãe, quando engravidou do meu pai, ele veio embora e a largou lá sozinha, e eu já entrei em crise. Vim conhecer meu pai cinco anos depois e entrei em crise outra vez, porque descobri que ele estava casado com outra mulher e já não era mais apenas minha mãe que era mulher dele. E depois, várias outras crises que eu vivi na vida.

Você sabe que a crise de subsistência dos pobres no País é uma coisa complicada, Mino, é uma labuta diária para sobreviver. Imagine a crise para chegar a presidente da República, imagine o que a gente tem que vencer de preconceito, de enfrentamento de adversidades o dia inteiro, a noite inteira. Não tem jeito, Mino, é difícil. Eu sinto exatamente o que você sente, eu sei exatamente o que você sofre, o que você passa e que outras pessoas passam, mas, ao mesmo tempo, eu sou um otimista e acho que nós dois deveríamos servir de orientação para os outros, porque somos vencedores.



Queria dizer para vocês que eu sou um homem... não sou amante de crise, mas eu acho que a crise é uma coisa que motiva a gente a sobreviver. Se não tem crise, a gente fica como aquele cidadão que ficou rico herdando (inaudível) do pai sem nunca ter produzido um alfinete. O cara é rico, tudo, mas nunca produziu nada. Eu prefiro aqueles que produzem menos, mas que cada gota do que produzem é à custa do seu suor, do seu sangue, do seu estudo, da sua dedicação.

Por isso, nesse momento em que o mundo está vivendo uma crise profunda, eu queria fazer um chamamento para que nós enfrentássemos essa crise de cabeça erguida, enfrentássemos a crise como os empresários que receberam o prêmio aqui, enfrentássemos a crise como estes educadores que vieram aqui mostrar o exemplo das escolas em que trabalham e que, do Acre ao Tocantins, foram lembrados por alguém que entende que eles fizeram alguma coisa de útil.

É verdade que a especulação financeira, eu diria, um cassino estabelecido a partir do *subprime*, colocou o sistema financeiro e o seu controle em cheque em nível internacional; é verdade que aqueles que durante tanto tempo deram palpite sobre a economia brasileira não tomavam conta da sua economia; é verdade que aqueles que fazem julgamento do risco-Brasil... Mino, se eu perguntasse para você qual o Risco americano hoje... Nós economizamos como condenados, trabalhamos, fazemos superávit, ficamos a vida inteira tentando ver se a gente coloca o dólar num número que seja compatível com os interesses dos importadores e dos exportadores – por isso nós mantemos o câmbio flutuante – e todos os dias eu vejo no meu computador “risco-Brasil sobe”. O americano quebra e o nosso Risco sobe. Nós fazemos uma “baita” de uma administração, o Bush faz um desastre, nós corremos risco e ele não corre. Fico imaginando que tem alguma coisa errada nessa avaliação. De repente eu percebo que as empresas que avaliam o nosso Risco quebram também. Obviamente que só posso falar isso depois de seis



anos de governo. Se estivesse falando isso para ganhar as eleições, não ganharia nunca.

Eu suei muito para estar aqui, com o apoio de vocês, com o apoio unânime de alguns, mais ou menos de outros, mas, de qualquer forma, nós estamos aqui para discutir um pouco o nosso país, este país extraordinário que superou todas as crises a que foi submetido, este país que superou todos os pacotes econômicos inventados ao longo das crises econômicas, este país que, às vezes, era governado como se precisasse de um mágico para inventar alguma coisa. Não vou citar nomes aqui porque não quero nominar e não sou preconceituoso, mas conheço gente neste país que levou a inflação a 80% ao mês e hoje ganha dinheiro falando em estabilidade, e ganha muito dinheiro. Ganha mais do que eu que faço a estabilidade, muito mais do que eu.

Neste momento, em que o Brasil está vivendo essa situação em função da irresponsabilidade do mundo desenvolvido... Desde 1929 – e em 1929 os Estados Unidos não eram tão desenvolvidos – que a gente tem a primeira crise nos países desenvolvidos, ou seja, a crise é no coração, na artéria principal do sistema capitalista de 2008, e uma crise de irresponsabilidade, porque algumas pessoas venderam o que não tinham para vender e deram como garantia aquilo que não tinha garantia.

E cá estamos nós, os mortais do Terceiro Mundo, dos países emergentes, tendo, de um lado, uma pequena minoria de políticos torcendo para dar tudo errado. Requião, Aécio, que estou vendo aqui agora, Ana Júlia, vocês não sabem como tem gente torcendo para dar errado. Há gente que pede a Deus todos os dias para a crise chegar logo ao Brasil, “porque não é possível que esse Lula fique incólume nessa crise”. É possível, e essa crise, dentre os benefícios que vai causar, vai eleger o Obama presidente dos Estados Unidos, eleger um negro, o que não é pouca coisa. Pode até ser que não tenha muita diferença ideológica e conceitual entre democratas e republicanos na hora em que se trata da política interna dos Estados Unidos. Mas, do ponto de vista



simbólico, este mundo elegeu um torneiro mecânico pela segunda vez no Brasil, elegeu um índio na Bolívia; eleger um negro nos Estados Unidos e um bispo no Paraguai é demais. A Sociologia, Paulinho Vanucchi, vai ter que ser reinventada ou, pelo menos, repensada adequadamente para saber o que está acontecendo no mundo.

Eu resolvi, Mino, começar falando de crise porque não adianta vir até aqui e não falar de crise se todo mundo fala de crise, se amanhã eu vou pegar o jornal e todas as manchetes são de crise. A Bolsa sobe seis, noutra hora cai 10, na outra sobe 15, na outra cai 20. O Guido Mantega está quase perdendo os cabelos, o Meirelles está criando novos cabelos, e nós estamos acompanhando esta crise com a responsabilidade de quem sabe o tamanho do Brasil, com a responsabilidade de quem sabe o papel que o Brasil representa no mundo hoje, e com a certeza de alguém que sabe que nós construímos bases muito sólidas para enfrentar situações adversas.

Nunca, em nenhum momento, este país esteve tão preparado para enfrentar adversidades como nós estamos preparados hoje, economicamente, politicamente e, eu diria, ideologicamente. Não é que as coisas sejam fáceis, é que nós nos preparamos para enfrentar esta situação adversa. Da parte do governo federal – estamos nos reunindo quase diariamente. Eu nunca fiz tanta reunião com o Guido e com o Meirelles como estou fazendo nos últimos 30 dias – estamos conscientes... Não que estejamos livres da crise, porque não é pouca coisa uma crise que envolve 4, 5, alguns dizem 6 trilhões de dólares. O que eu tenho certeza é que já passou de 3 trilhões de dólares, e este país continua incólume. Diferentemente da crise de algum tempo atrás, em que 70 bilhões do México, 70 bilhões asiáticos, mais 40 bilhões russos, ou seja, menos de 200 bilhões quebraram o nosso país três vezes. Até agora nós não quebramos e até agora estamos acompanhando passo a passo como se fosse um médico com aquele aparelho ouvindo o batimento do coração de uma criança, para que a gente não apresente nunca nenhuma proposta de pacote



econômico neste país, que a gente tente resolver pontualmente cada problema que apareça. Se é problema de liquidez, vamos resolver os problemas de liquidez; se é problema de carteira de determinados bancos, vamos resolver os problemas da carteira de determinados bancos; se é problema de alguma indústria, vamos resolver os problemas dessa indústria; se é problema de algum setor econômico, vamos tentar resolver os problemas do setor econômico, mas nunca tentar apresentar um pacote, como se nós pudéssemos ter a “tábua de salvação” para um conjunto de erros cometidos em nível internacional.

Estou convencido e queria passar para vocês essa idéia. Queria, aliás, Roger, agradecer e dar os parabéns pela matéria que você fez, dizendo que a Vale do Rio Doce não vai parar de investir em nenhum dos seus projetos. Tenho consciência de que esse é o desejo da Petrobras, e posso dizer para vocês que não faltará um real em nenhuma obra do PAC neste país até 2010. Nós vamos enfrentar esta crise de cabeça erguida, tratando-a como deve ser tratada, tendo em conta que o Brasil tem um potencial de mercado interno que poucos países do mundo têm, e que contra a crise nós temos que fortalecer o nosso mercado interno. Se falta dinheiro para liquidez em nível internacional, nós vamos ter que cuidar de dar liquidez ao sistema financeiro brasileiro, às empresas brasileiras, para que a gente possa produzir.

Como eu vivi em crise a vida inteira... Aliás, você me conheceu em crise, Mino, em 1977, crise de existência sindical. Até agora nós conseguimos vencer todas as crises e vamos vencer esta, primeiro, porque estou com a convicção de que as medidas tomadas pelos governos europeus, pelos Estados Unidos e pela Inglaterra vão começar a surtir efeito, eu diria, logo, logo. Não é possível que depois de alguém disponibilizar 3 trilhões de dólares para o sistema financeiro, não surta algum efeito. Em segundo lugar, porque o nosso sistema financeiro é mais sério do que o internacional; em terceiro lugar, porque nós temos um sistema financeiro, a parte pública dele, que poucos países no



mundo têm, nas condições que nós temos; e em quarto lugar, porque nós temos uma possibilidade de crescimento no mercado interno que outros países não têm. Aliás, ainda nem convenci a TAM e a GOL de que é um grande negócio a gente começar a fazer vôos para a África. Isso é importante e vamos fazer uma conversa para os próximos dias, porque estou convencido de que neste momento em que o mundo rico pode entrar em recessão, nós temos que procurar novos nichos de oportunidade, novos parceiros, tentar fazer o encontro de similaridades entre países, para vender aquilo que certamente o mundo rico já não compraria mais do Brasil.

Estou convencido de que, desta vez, são exatamente os países emergentes, dos quais o Brasil faz parte, que vão dar solução a uma crise internacional causada pelos países ricos, eu diria, crise causada pela irresponsabilidade. Fizeram do sistema financeiro internacional uma jogatina, a ponto de nós, aqui no Brasil, cumprirmos todas as regras das decisões de Basileia; a ponto de, aqui no Brasil, não conseguirmos alavancar, por decisões do governo, mais que dez vezes o patrimônio líquido de um banco de investimentos, enquanto nos Estados Unidos se alavanca 30% e há rumores de que é 60 ou 90 vezes mais do que aquilo que o banco tem de patrimônio líquido. Não é possível.

O companheiro Guido Mantega está aqui e sabe, o Meirelles que não está aqui sabe que nós precisamos fazer um enfrentamento político internacional. É preciso transformar o G-20, que surgiu para tentar ajudar na Organização Mundial do Comércio e que agora se organiza com o Ministro da Fazenda, num foro de debate político entre os presidentes que compõem o G-20 para criar uma nova ordem econômica internacional. É preciso que haja um mínimo de controle, Mino.

A liberdade é extraordinária, e vamos gritar a vida inteira “liberdade”, não apenas de imprensa, mas liberdade também para a economia, desde que as pessoas ajam com responsabilidade. Não é possível que aqui no Brasil a



gente, que vê tanta gente ganhar dinheiro trabalhando honestamente... Nenhum empresário neste país pode se queixar de ganhar dinheiro, porque nesses últimos anos todos ganharam muito dinheiro; o sistema financeiro não pode se queixar de não ter ganhado dinheiro, porque ganhou muito dinheiro; os trabalhadores ganharam aumento de salário; os pobres deixaram de ser mais pobres; tudo isso trabalhando com honestidade. Não é justo que alguém invente uma forma de ganhar dinheiro mais fácil, não é justo que alguém invente um jeito de transformar a economia sólida num cassino, e tente ganhar dinheiro especulando com o dólar baixo.

Eu penso que o Brasil pode, outra vez, contribuir para que o mundo faça uma reflexão sobre os momentos que estamos vivendo. Eu, que tenho tido a oportunidade de conversar com muitos dirigentes políticos do mundo inteiro, sei da angústia de cada um, sei das dificuldades de muitos, mas tenho convicção de uma coisa, meu caro Roger Agnelli: contra a recessão nós temos que aumentar a nossa capacidade de produção, a nossa capacidade de investimento, a nossa capacidade de consumo. Este país, diferentemente de outras vezes, não vai ficar parado chorando a crise que aconteceu por conta do *subprime*. Cada governador de estado, cada prefeito, cada administrador público vai ter que colocar a sua criatividade, a sua competência e a sua autoridade para que a gente transforme este momento de incerteza no mercado financeiro – que certamente irá se transformar em incertezas no setor de produção, na nossa indústria e no consumo – em incentivo para que no Brasil a gente não diminua a capacidade de investimento do Estado brasileiro, que as empresas brasileiras não diminuam a capacidade de investimento que já estava determinada.

Se formos ousados e resolvermos enfrentar esta crise de cabeça erguida, sem ficar apenas olhando os temores daqueles que causaram esta crise, mas se a gente pensar, a partir do Brasil, a partir dos países emergentes, a partir dos Brics, com exceção da Rússia que tem problemas, os outros estão



mais ou menos sólidos. Mesmo a China diminuindo um pouco o seu crescimento, de 10 ou 11 para nove, ainda é um crescimento extraordinário. Se nos juntarmos e estabelecermos estratégias comuns, descobriremos nichos de oportunidades entre nós, certamente poderemos, no século XXI, fazer com que os países emergentes resolvam uma crise causada pelos países ricos, e apenas por irresponsabilidade.

Há um ano, em setembro do ano passado, eu e muitos de vocês fizemos os primeiros discursos sobre o *subprime*. Precisou de um ano para serem tomadas as primeiras medidas. Foram tomadas, primeiro, pelos Estados Unidos, depois pela Inglaterra e depois pelos países do euro. Essas tomadas de posição ainda não entraram em vigor, Mino, porque não foram sequer regulamentadas. As que nós tomamos no Brasil, e todo santo dia tomamos decisões, até agora estamos colhendo bons e extraordinários resultados. O Guido nunca esteve tão alerta como está agora, o Guido nunca conversou tanto com outros ministros como tem conversado agora, para que a gente não vacile com relação à agricultura, para que a gente não brinque com relação à indústria brasileira, e para que a gente transforme este sinal de crise numa oportunidade extraordinária de crescimento no nosso país.

É com essa convicção que quero continuar governando este país, terminar 2008, que eu acho que já é um ano mais ou menos consagrado para nós, e preparar 2009 para garantir que a gente não permita que este país tenha um retrocesso, como muitas vezes tivemos, por falta de ação do governo.

No discurso, eu não ia falar de crise com vocês. Ia falar só de coisas boas, da Carta Capital, dos prêmios, mas não adianta porque quando ler o jornal, não fala nada do que eu falei aqui, só fala de crise. Então, falei: deixe eu me antecipar aqui. Depois de uma bela conversa que tive hoje com o Belluzzo, com o Aloizio Mercadante, com o Guido Mantega, e com outras pessoas, queria terminar dizendo para vocês: este país não vai ser vítima como foi das outras vezes. Nós sabemos o que representa esta crise, sabemos a quantidade



de trilhões que está envolvida nela, sabemos o que está acontecendo no sistema financeiro, mas nós também sabemos que a melhor maneira de enfrentá-la não é ficar choramingando, é trabalhar, e trabalhar cada vez mais para que o Brasil, ao terminar esta crise internacional, se coloque definitivamente como o país mais preparado para obter, quem sabe, os investimentos e aproveitar as oportunidades que irão se apresentar para nós no próximo ano.

Estejam certos de que iremos trabalhar como nunca trabalhamos, iremos fazer tudo o que tiver que ser feito, iremos tomar todas as medidas que tivermos que tomar para garantir que este país tenha crédito, que este país tenha liquidez, que o nosso sistema continue funcionando corretamente e que as empresas brasileiras possam produzir. Sobretudo, eu tenho um pedido para o Guido: dentre todas as coisas que vamos fazer, nós temos que garantir que este povo tenha crédito porque quando ele tem crédito, ele consome; quando ele consome, a indústria produz, o comércio vende e a economia cresce. É dessa forma que nós queremos vencer os obstáculos que estão se apresentando para nós.

Gostaria de convocar os empresários brasileiros, todos eles, os premiados e os não-premiados, a terem a coragem que teve o companheiro Roger Agnelli de dizer: “a Vale do Rio Doce acredita no futuro no Brasil, acredita no futuro da Vale e vamos continuar fazendo todos os investimentos que já estavam programados”. É assim que nós venceremos mais uma crise e conseguiremos tirar o Brasil, mais uma vez, do desespero que alguns querem levá-lo, dentre eles, alguns que você citou no seu discurso.

Parabéns, Mino, parabéns aos premiados e parabéns a todos que estão participando deste ato.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de comemoração dos 60 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

São Paulo-SP, 21 de outubro de 2008

Quero cumprimentar o companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O Sergio Rezende,

Companheiro Marco Antônio Raupp, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência,

Professor Jacob Pales, presidente da Academia Brasileira de Ciências,
Marcos Macari, reitor da Unesp,

Nosso companheiro Newton Lima, quase ex-prefeito de São Carlos,

Nossos reitores, pró-reitores, vice-reitores, todos os magníficos aqui presentes,

Companheiros e companheiras membros da SBPC,

Meus amigos e minhas amigas,

No fundo, no fundo, nós deveríamos fazer uma reunião, meu caro Sergio Rezende, para que a gente pudesse resolver de uma vez todos os problemas pertinentes ao marco regulatório. Primeiro, porque tem uma coisa que vocês precisam compreender na esfera pública, seja ela municipal, estadual ou federal: tem uma burocracia muito competente e uma burocracia histórica. Às vezes, eu me sinto como se eu fosse um trem. O trem é o governo e a estação é a máquina. Passa um trem, faz barulho, quebra, descarrila, e a estação está lá impávida. Ela é “imexível”, como diria o Magri, e o trem troca. Entra trem novo, trem com mais fumaça, com mais apito, com mais barulho, com mais passageiros, e a máquina está lá.



Nós aprendemos, depois de muito tempo, que só tem um jeito de agilizar as coisas no governo: é colocar em prática o toyotismo, ou seja, juntar todas as pessoas envolvidas. Se tiver dez pessoas que têm que assinar um documento, tem que colocar as dez em torno da mesa para que saia uma decisão naquela mesa. Porque se você for cumprir a receita normal do funcionamento da máquina, um papel sai da minha mesa, vai para o Fernando Haddad, que passa para o chefe de gabinete dele, que passa para o presidente da Capes, que passa para o presidente não sei das quantas, que volta não sei para as quantas. Entre idas e vindas, esse cidadão perdeu uns três quilos de caminhada de mesa para mesa. E não é culpa de ninguém, é que a estrutura funciona assim, até por precaução da própria estrutura, sobretudo hoje.

Esse negócio que aconteceu nas Fundações é porque vivemos um momento muito sério de hipocrisia coletiva neste país. Todo mundo tem medo de tudo, todo mundo é culpado antes de ser julgado. Um funcionário público hoje, para dar autorização para fazer alguma coisa, seja ele da Anvisa, da Caixa Econômica Federal, do Ministério das Cidades, vai contar mil vezes até dez para poder colocar a assinatura dele. Porque ao dar a assinatura e autorizar, se houver alguma queixa do Ministério Público, os seus bens são disponibilizados, e ele tem que contratar advogado e pagar do próprio bolso. Então, a máquina está engendrada para isso. Joga-se desconfiança sobre tudo e sobre todos e todo mundo fica com medo de funcionar. Lamentavelmente, é assim a máquina pública.

Essa coisa que o professor Krieger falou aqui, só tem um jeito: colocar todos os problemas... nós temos que fazer uma cesta de problemas. Levar esta cesta de problemas, chamar todos os agentes que estão ligados aos mais diferentes problemas, chamar a Advocacia-Geral da União, chamar os outros ministros e dizer “vamos resolver”, e resolver. Se for para fazer projeto de lei, é fazer projeto de lei; se for para fazer medida provisória, é medida provisória; se for decreto... Mas, para isso, tem que estar todo mundo junto, porque senão vai



parar em algum momento.

Companheiros, eu queria trocar os microfones do púlpito que eu falo, porque está muito comprido. Eu não consigo ler os documentos. Estão passando dois anos... Vocês acham que é só com vocês?

As coisas são assim e foram feitas. É um acúmulo de medidas que foram feitas individualmente para proteger o Estado, mas o somatório delas termina sendo pernicioso ao Estado brasileiro e à pressa que nós temos. Pressa, porque precisamos de muita pressa para recuperar o tempo perdido e combinar a rapidez com a coisa bem-feita. Esse é o nosso desafio. Certamente não teria dificuldade para a Fundação, se não fosse alguém de uma fundação meter os pés pelas mãos. Então, quando uns metem os pés pelas mãos, todos os inocentes pagam o preço do erro de alguém que agiu irresponsavelmente.

Dito isso, que era o principal, do marco regulatório, ou primeiro, não vou... Vocês viram que eu devolvi o meu discurso, porque ele estava cheio de elogios da minha relação com a SBPC e tal. Mas como ela já foi muito elogiada aqui, devolvi o discurso.

Quero dizer para vocês que é gratificante, muito gratificante para um presidente da República vir a uma instituição de credibilidade como a SBPC – instituição que houve um momento na história do País em que não era apenas uma instituição científica, mas uma instituição com forte viés político de cobrança, sobretudo em momentos de falta de liberdade neste país – vir aqui conversar com cientistas e receber as cobranças, mas, sobretudo, receber o reconhecimento daquilo que está sendo feito no País. Eu tenho consciência de que muita coisa está sendo feita no País e tenho consciência de que pode ser feito muito mais.

Tenho mais dois anos de mandato. Vocês precisam aproveitar a minha governança, já que eu não sou cientista, portanto, não tem preconceito, não tem as divergências setoriais que vocês têm. Então, vocês têm que aproveitar essa metamorfose que governa o Brasil e fazer a cesta de reivindicações de



vocês para que a gente possa atendê-las ou transformá-las em lei. Por quê? Embora eu não seja cientista, estou convencido de que sem investimento em ciência e tecnologia, nós não daremos o passo seguinte.

Quando foi lançado o PAC, quem estava no lançamento do PAC ouviu, no meu pronunciamento, eu dizer que era preciso constituir um grupo de trabalho para ajudar a gastar o dinheiro do PAC. Porque quando nós colocamos, até 2010, 41,5 bilhões de reais para ciência e tecnologia, nós vamos ter que, no final de 2010, quando tivermos que apresentar o próximo Orçamento, vamos ter que apresentar uma nova proposta de PAC. Se a gente utilizou corretamente o dinheiro, fica muito fácil propor mais dinheiro. Mas, se a gente não utilizar e não gastar bem os 41 bilhões, não faltará ministro que queira que a gente reduza de tal área para colocar em tal área.

É preciso compreender como funciona o governo. O governo não é diferente do funcionamento da casa de um pai e uma mãe que têm quatro ou cinco filhos. Vocês sabem que quando chega no fim do ano, um quer um tênis, outro quer uma calça, e o dinheiro não dá. Ou seja, você vai ter que em vez de dar uma calça, você vai ter que dar uma bermuda mais barata para um; em vez de dar uma meia que vai até o joelho, dar uma meia daquelas pequenininhas para outro, que é para comprar. É sempre um cobertor que não dá para cobrir o pé e a cabeça. E você tem sempre que fazer um milagre, porque não tem ministério menos importante. Essa história que a gente estava falando aqui, que o Ministério da Ciência e Tecnologia e o da Educação são muito importantes, vale aqui, porque estão a Ciência e a Educação. Mas vai conversar com qualquer outro ministro, que a área dele é a mais importante. Portanto, se tirar um pouquinho da Ciência e Tecnologia e da Educação, não tem problema nenhum. Temos que resolver o problema da agricultura, o problema da pesca, o problema da justiça, o problema da habitação e assim por diante.

No governo, nós temos tentado trabalhar com equilíbrio para utilizar o



máximo possível e fazer com que as pessoas gastem aquilo que lhes foi destinado. Não tem nada pior para um governo do que... vai chegando o final do ano agora, a gente começa a medir – Paulo Bernardo, eu, Guido Mantega, Dilma Rousseff – o orçamento de cada ministro, saber o que ele gastou, no que ele está atrasado. Às vezes tem ministro que passa o ano inteiro gastando pouco para gastar quase tudo no final do ano. Significa que ele vai comprometer o dinheiro, mas no ano inteiro não foi utilizado o dinheiro como se imaginava que fosse ser utilizado. É uma mágica que nós fazemos e que tem dado certo. Mas esse, da Ciência e Tecnologia, é preciso que vocês fiquem atentos, porque se esses entraves que vocês disseram aqui já acontecem há muito tempo, significa que já perdemos muito tempo. Quem sabe nós já deixamos de gastar bons milhares de reais por conta de problema em algum órgão, em alguma instituição burocrática que tem que facilitar o acesso a produtos, a equipamentos e a informações?

Então, Sergio, é preparar agora a cesta de problemas para ver se a gente... A cesta de bondades já foi anunciada aqui. Agora a cesta de problemas para saber o que a gente faz com cada órgão que está criando determinada dificuldade. Senão, o dinheiro não sai mesmo. E tudo que quem cuida do dinheiro lá no Tesouro quer é que sobre dinheiro no final do ano, porque o prestígio do companheiro Sérgio é gastar o dinheiro, do Fernando Haddad é gastar o dinheiro, o prestígio de quem está no Tesouro é, no final do ano, salvar um pouquinho mais de superávit. Então o presidente, humildemente, trabalha com essas contradições.

A primeira coisa que eu queria dizer para vocês: vamos aproveitar este final de ano, vamos fazer – o PAC já está aprovado há algum tempo, já tem um ano de experiência - vamos aproveitar agora todas as dificuldades que ele enfrentou nesse período, colocar isso no papel e então ver se, neste final de ano, a gente consegue desburocratizar o que está atrapalhando o funcionamento 100% da ciência e tecnologia.



Na questão da educação, eu queria dizer para vocês que tenho muito orgulho de estar tentando resolver alguns problemas crônicos que nós herdamos. Obviamente que eu não sou educador, não tenho aqui a autoridade política para falar como educador, mas sou um cidadão brasileiro que tem um filho na escola, que conversa com muita gente que tem filho na escola e eu sei que algumas coisas vêm erradas neste país há muito tempo. Quando neste país se tomou a decisão de universalizar o ensino fundamental sem levar concomitantemente com a universalização a qualidade, nós demos um passo para frente e dois para trás, ou seja, aumentamos substancialmente o número de alunos na escola e diminuimos substancialmente a qualidade de ensino que essas crianças estão recebendo na escola.

Segundo: quando se decidiu, há algum tempo, que uma criança na escola não precisaria fazer prova, que ela seria aprovada, estudasse ou não, nós cometemos a segunda barbaridade. Aí, com o aluno e com o professor, porque não é possível que um professor entre em uma sala de aula, fale durante uma hora inteira e em nenhum momento ele se pergunte se a criança está aprendendo o que ele está falando. A prova é até um teste para saber se o professor está dando a aula correta, porque se um professor deu uma aula e o aluno não aprendeu, o aluno precisa aprender mais. Se deu a segunda aula e o aluno também não aprendeu, na terceira, Fernando, o professor precisa entrar para a escola. Na terceira, nós precisamos qualificar o professor, porque não é possível que a gente seja obrigado a pegar os dados do IBGE e saber que tem crianças na escola que não estão conseguindo aprender a ler. São poucos, mas tem.

Então é preciso – o Ministério da Educação está fazendo isso e a Universidade Aberta está contribuindo para isso – tentar recuperar e qualificar o nosso professor, sobretudo aquele que vai trabalhar no ensino fundamental, porque é preciso, além da preparação, a motivação. Alguém que entra em uma sala de aula para passar quatro horas com crianças, se a pessoa não estiver



motivada, é um desastre para ele que não está motivado e para as crianças. Esse é um desafio que nós vamos ter que resolver. Vamos ter que resolver e sabemos que não pode ser resolvido em um único dia, mas que tem que ser resolvido e eu espero que ao terminarmos o governo a gente esteja com parte desse problema resolvido.

Às vezes, me sinto culpado, porque quando eu comecei a fazer as greves em 1978, os professores não queriam mais ser chamados de professores, eram trabalhadores da educação. Médico não queria mais ser chamado de médico, eram trabalhadores da saúde. Tudo porque tinha a hegemonia metalúrgica nas greves de 1978, o que era uma bobagem. Eu sempre tive uma discordância com greve de professor na área de ensino fundamental. Eu achava que aquela greve de 90, 80 dias era um desastre, que seria melhor do ponto de vista político, já que não estava lidando com produto, mas estava lidando com ser humano. Um desgaste pior para um governador não é você parar, o desgaste pior para um governador é você dar aulas e, no final da aula, ela ser melhor do que a outra e o aluno levar uma cartinha para o pai: “Diga para seu pai que eu estou trabalhando muito, mas o governador não está me pagando o suficiente”. Na hora em que pára, o governador ganha a parada. Pode ficar certo disso. Isso eu discutia muito quando era presidente do Sindicato. Agora não me cabe discutir, cabe apenas tratar as greves como elas são.

Uma outra coisa que eu considero extremamente importante é que nós acabamos de instalar a sede da Embrapa na cidade de Acra, em Gana, já pesquisamos em 31 países, nós queremos pesquisar em todos os países africanos e nós já estamos plantando canteiros experimentais. Eu estou desconfiado e a Embrapa também de que a savana africana tem as mesmas características do Centro-Oeste brasileiro e que, portanto, com um pouco de manejo da terra, a gente pode ter uma produtividade extraordinária lá como temos aqui. É apenas uma questão de tempo. Estamos exigindo que os



técnicos da Embrapa que vão para lá, não vão para ficar um mês e voltar, não, vão para morar um tempo, vão ficar lá dois anos. Já pesquisaram 17 países indo a campo, outros tantos países à distância. De qualquer forma, é um passo extraordinário.

Estou vindo de Moçambique agora, onde instalamos um laboratório da Fiocruz, e até 2010 vou lá inaugurar uma fábrica de anti-retrovirais, porque nós vamos produzir os remédios para combater a Aids e outras malárias lá mesmo em Moçambique. Esse é um projeto que já está há cinco anos rolando e agora, finalmente, nós vamos, inclusive, deixar técnicos, professores e cientistas da Fiocruz morando em Maputo, para que a gente possa fazer valer os nossos convênios.

Montamos uma sede da Embrapa em Caracas para ajudar a Venezuela a produzir alimentos necessários para garantir segurança alimentar para o povo venezuelano. Porque a Venezuela compra quase tudo do Brasil, da Colômbia e dos Estados Unidos e estou discutindo com o companheiro Chávez há muito tempo que é preciso aproveitar esse *boom* do petróleo para desenvolver a Venezuela e produzir alimentos. Estamos montando a Embrapa lá e já estamos plantando 30 mil hectares de soja. Estamos plantando soja em Cuba também para ver se a gente muda um pouco a história da cana-de-açúcar e começa a substituir por um pouco de soja em Cuba. Queremos montar uma sede da Embrapa lá na América Central, para ajudar os países menores da América Central. E, se for o caso, montar uma sede da Embrapa em outras regiões da África, porque a África é muito grande e é preciso que a gente coloque mais Embrapa em alguns lugares. Mesmo daqui de Campinas, do centro da Embrapa, através de satélites, vamos poder passar todas as informações para a nossa Embrapa da África.

Esse é um trabalho que o Brasil pode e deve fazer, porque ninguém consegue competir com o Brasil em se tratando de agricultura tropical. Esse potencial que nós conquistamos... o grande feito do Brasil é repassá-lo aos



países mais pobres para que eles tenham a chance de se desenvolver.

É importante ressaltar também o papel do biodiesel e a questão do pré-sal. Vocês sabem que o biodiesel foi patenteado pela primeira vez, se não me falha a memória, em 1975 pelo professor Expedito Parente, da nossa querida Universidade Federal do Ceará, e isso estava paralisado. Quando nós chegamos ao governo, em 2003, decidimos que iríamos criar uma nova matriz energética a partir dos biocombustíveis. Começamos com o Congresso. Mandamos a lei para o Congresso, regulamentamos, aprovamos a lei e hoje o biodiesel já é... já temos 2%, já tem muitos lugares utilizando 3% e estamos trabalhando fortemente para chegar a 5% de biodiesel no óleo diesel brasileiro.

Para vocês terem uma dimensão, só três usinas que a Petrobras inaugurou – uma na cidade de Candeias, na Bahia, uma na cidade de Quixadá, no Ceará, e uma que vamos inaugurar em Montes Claros, em Minas Gerais – vão produzir, em média, 57 milhões de litros de biodiesel por ano. Somente as três têm mais de 70 mil famílias da agricultura familiar cadastradas prestando serviço. Essa usina da Petrobras, que é a mais moderna do mundo em biodiesel, é importante porque pode misturar o óleo da soja, do pinhão manso, do caroço do algodão, do girassol, a gordura animal, pode colocar tudo junto e vai sair, na ponta, um biodiesel de qualidade totalmente automatizado, e nós achamos que sem a Petrobras entrar na produção não daria certo. Agora, a nossa querida Petrobras resolveu entrar na questão do biodiesel.

Numa briga internacional, alguém levantou que produzir biodiesel compete com os alimentos. Essa discussão ganhou corpo e tem muita gente interessada em não permitir que o Brasil produza mais álcool e mais biodiesel. Essa é uma briga boa que nós queremos fazer, por isso espero que muitos de vocês participem do grande seminário, nos dias 20 e 21 de novembro, que vamos realizar em São Paulo. Devem vir alguns chefes de Estado, muitos cientistas do mundo inteiro, queremos trazer ONGs, queremos trazer todo mundo, porque esse é um debate do qual a gente não tem que ter medo. Esse



é um debate que temos que fazer e encará-lo com a maior sobriedade possível, porque eu não tenho dúvida nenhuma de que sairemos ganhadores dele. E, mais importante para o Brasil neste momento em que chegamos ao pré-sal.

Chegamos ao pré-sal porque eu tenho sorte, mas a minha sorte é que quando eu entrei, a Petrobras gastava 250 milhões de dólares por ano, e hoje gasta 250 milhões de dólares por mês em pesquisa e prospecção. Então, a sorte é simplesmente elevar doze vezes o dinheiro que a Petrobras gastava, aí a gente tem muita sorte.

Vocês estão acompanhando essa discussão maluca do pré-sal. Ninguém ainda sabe – talvez o Pinguelli seja daqui o único que saiba – quanto tem de óleo embaixo da pré-sal. A impressão que nós temos é que tem muito petróleo e muito gás. Nós começamos agora, lá em Jubarte, a tirar os primeiros 15 mil barris, e vamos tirar numa fase experimental mais um pouco, para ver se conseguimos tirar mais. Jubarte também vai servir como uma espécie de experiência para a gente ver as reações desse poço. Tivemos uma coisa lá em Jubarte, que foi quando o petróleo (**falha na gravação**) se misturou com a água ou com o ar, não sei, e virou cristal. Virou uma peça de cristal que teve que ser detonada para a gente poder puxar o óleo para cima. Agora, em março, vamos começar no Poço de Tupi. Também vamos começar numa fase experimental, tirando de 15 a 20 mil barris durante alguns meses, para estudar todos os problemas que advirão daquele poço, para começar a produzir em escala industrial.

Vamos construir três grandes refinarias no Brasil. Uma das idéias é a gente não virar exportador de óleo cru, é a gente ser exportador de derivados de petróleo. Portanto, vamos fazer uma em São Luís do Maranhão, que tem um porto com grande calado de 600 mil barris/dia para produzir gasolina premium exportação. Vamos fazer outra no porto de Pecém, em Fortaleza, para a gente... 300 mil barris/dia. A do Maranhão vai custar 19 bilhões de



dólares, a do Ceará, 11 bilhões de dólares. Vamos produzir uma em Natal, de 70 mil barris/dia e a de Pernambuco, em parceria com a PDVSA, de 200 mil barris/dia. É importante lembrar que fazia exatamente 28 anos que o Brasil não fazia uma refinaria. A última foi feita em 1980.

Da mesma forma que o Brasil ficou 22 anos sem fazer um alto-forno e agora, se Deus quiser, nós começaremos no ano que vem quatro novas siderúrgicas no Brasil, porque não tem sentido a Vale do Rio Doce continuar sendo apenas exportadora de minério de ferro e não de valor agregado. Uma tonelada de bauxita custa 30 dólares; uma tonelada, depois de fazer a alumina, já vai para 500 dólares; e uma tonelada de alumínio custa 3 mil dólares. Então, está quase compreensível que nós precisamos produzir aqui, colocar valor agregado aqui e ganhar dinheiro. Não ficar vendendo para a China, para depois a gente comprar a matéria-prima pronta, industrializada da China.

O pré-sal, nós estamos discutindo neste momento o marco regulatório com muito carinho. Acho que nós precisamos voltar a incutir na cabeça do povo brasileiro que o petróleo é nosso e, portanto, se é nosso, precisamos dizer o que queremos com ele. Foi por isso que suspendemos as Rodadas que ainda faltavam fazer. Isso criou uma certa confusão, vocês devem ter acompanhado pela imprensa, mas vamos fazer um novo marco regulatório, goste quem gostar.

Tenho dito aos companheiros que estão trabalhando nisso que vou apresentar, depois do segundo turno das eleições, algumas coisas que precisamos priorizar: primeiro, precisamos recuperar a indústria naval brasileira definitivamente; segundo, precisamos ter uma indústria petrolífera muito forte; terceiro, precisamos ter uma indústria petroquímica mais forte e mais competitiva no mundo; e quarto, é que parte desse dinheiro precisamos gastar para recuperar a dívida que temos com a educação brasileira e com os pobres deste país. Não sei se é um fundo, não sei o que é, mas vamos criar alguma coisa que vai canalizar um pouco de recurso para a gente cuidar com carinho



desses setores que tanto necessitam, que são a educação e a pobreza no Brasil.

Só para vocês terem idéia, o volume de coisas que nós temos que fazer no Brasil nos próximos anos é tão grande, que é quase impensável dizer os números. Vamos precisar contratar 38 sondas. Quase que de imediato, vamos comprar as primeiras 12 lá fora, até que as nossas empresas se preparem para produzir as outras aqui. Cada sonda custa, por baixo, 700 milhões de dólares, e nós estamos fazendo aqui.

Na semana passada, fui inaugurar a P-51 lá no Rio de Janeiro, em Angra dos Reis. A P-51 é a famosa plataforma da minha briga na campanha de 2002, que eu disse que a gente poderia fazer aqui. O Pinguelli me ajudou muito nos debates. Diziam que a gente não podia fazer e eu fui inaugurá-la 100% feita no Brasil, 100%, não foi 99% não, 100%.

Vamos ter que contratar aproximadamente 200 navios pela Petrobras, navios de apoio, que agora, já que tem a quarta frota americana, nós precisamos cuidar de tomar conta dos nossos poços de petróleo que estão a 300 km da costa marítima e cada vez mais a gente está encontrando um pouquinho mais para lá e cada vez mais fundo. Acho que isso é uma coisa que dá ao Brasil uma garantia extraordinária de que nós temos parte do nosso futuro garantido. Eu trato essa descoberta do pré-sal como o grande segundo momento da independência deste país. Só que a gente não pode permitir que as pessoas venham aqui, tirem o nosso óleo, levem embora e nos pague um “royaltizinho”. É preciso que a gente faça uma nova regulamentação para transformar esse petróleo numa coisa mais brasileira, mais nacional.

Alguns companheiros levantaram aqui a idéia de o que vai acontecer quando a gente deixar o governo. Primeiro: confesso a vocês que espero que eu venha a fazer a sucessão, para ter continuidade. Mas de qualquer forma estou pensando em uma inovação, Newton, que eu acho que você deveria fazer lá em São Carlos. Eu vou num cartório, em dezembro de 2010, cada



ministro vai ter que registrar em cartório tudo o que ele fez, cada centavo que o ministério gastou, cada projeto que foi feito, sabe por quê? Para a gente mudar o patamar para o próximo governo, ou seja, ele sabe que vai ter que fazer mais, porque está registrado em cartório e não é uma peça de ficção, se algum ministro contar mentira para mim, ele registrou em cartório, então ele vai ver... Quero entregar para o próximo governante, para as universidades, para o movimento sindical e para o movimento social tudo o que nós fizemos no governo. O que não foi feito, não foi feito, outro pode fazer. Mas o que foi feito pode servir como um novo paradigma para quem vier depois.

Então alguém vai dizer: “Puxa vida, eu estou aqui, tenho três diplomas não sei de onde, formado em pós-graduação em Harvard. Eu preciso fazer mais do que o Lula na área de educação”. Esse desafio... Eu trabalhei 17 anos na Villares, trabalhei em linha de produção e o peão é assim. O peão chegava à noite e ele ia contar quantas peças o cara do dia fez porque ele queria fazer mais. A competitividade é inerente ao ser humano, então quero que os próximos governantes tenham um novo paradigma para governar este país. É por isso que eu tomei essa atitude de que vai ser tudo entregue oficialmente para cada entidade e para quem vier. Se for gente que a gente consiga fazer eleger vai ficar mais fácil de cumprir, porque também já aprendeu nesses oito anos a fazer o caminho das pedras. Agora fica muito mais fácil.

Por ultimo, companheiros, eu queria dizer para vocês que eu pensei que estava resolvido esse negocio da pesquisa na Amazônia. O Minc, faz mais ou menos um mês, teve um encontro com os cientistas e ele foi ao meu gabinete me contar: “Presidente, tinha um problema que era crônico e nos vamos resolver”. Não tem sentido proibir o cientista brasileiro de entrar na Floresta para fazer a pesquisa que bem entender. Eu vou saber do Minc o que falta fazer porque ele estava com um entusiasmo extraordinário de resolver esse problema.



Também quero ver com a Anvisa, porque nós tínhamos um problema na área da saúde, que foi resolvido, e quero ver na área toda da ciência o que está acontecendo na Anvisa, que houve essa queixa aqui, e nós precisamos, Sergio, fazer um levantamento para ver se juntos nós resolvemos isso.

Por último, companheiros, eu queria dizer para vocês um pouco sobre essa crise econômica. Eu não posso assumir o compromisso com vocês de que se houver uma crise econômica que abale o Brasil que a gente vai manter todo o dinheiro de todos os ministérios como está, até porque se a União arrecadar menos, vai ter menos dinheiro para todo mundo. Só para a gente também não vender ilusão aqui, mas é importante que a gente tenha em conta que essa crise pode chegar ao Brasil muito mais leve do que ela chegou aos países de origem, sem nos esquecermos de que é a primeira crise que acontece primeiro nos países ricos para depois vir para a periferia e quem está dando solidez à economia mundial são exatamente os países periféricos como Brasil, China, Índia, África do Sul, México, América Latina e outros. Nós não estamos envolvidos na crise financeira, nós poderemos colher como resultado dessa crise financeira o segundo passo que é a possível recessão no mundo desenvolvido, que vai causar um certo problema nas exportações de todos os países do mundo, inclusive do Brasil, mesmo nessa, eu acho que o Brasil sofrerá menos, porque diversificou muito a sua parceria comercial. Há dez anos, nós tínhamos, praticamente, 27% da nossa balança comercial com os Estados Unidos. Hoje nós temos pouco mais de 14% com os Estados Unidos. Em compensação, nós tínhamos apenas 9 bilhões com a Argentina e hoje temos 30 bilhões; tínhamos 4 bilhões com a África, hoje temos 20 bilhões; temos 35 bilhões com a China. Então, essa diversificação da nossa balança comercial permitiu que o nosso fluxo fosse menos dependente de um bloco ou de um país e fosse mais diversificado. Isso nos dá uma certa garantia de que também iremos sofrer menos do que outros países caso haja uma recessão.

Tem muita gente que trabalha com um pessimismo exagerado. Nos



Estados Unidos temos um processo eleitoral, ao terminar o processo eleitoral, no dia 20 de janeiro toma posse o próximo presidente e ele vai ter que tratar de resolver essa crise. É importante vocês se lembrarem de que as crises que tivemos, tanto a russa como a asiática e a mexicana, as três juntas, na década de 90, resultaram num prejuízo, num buraco de 200 bilhões de dólares, e vocês se lembram de que o Brasil quebrou duas vezes. Essa já resultou num buraco de mais de 3 trilhões de dólares, até agora o Brasil não quebrou e até agora nós não estamos sentindo o efeito dessa crise na produção e nem no varejo. Nós estamos sentindo no quê? No crédito.

Nós temos um problema de crédito, porque eu não sei onde estão tantos trilhões de dólares, que estavam voando de banco para banco, de papel para papel, e de repente eu acho que... Sabe aquela brincadeira de cadeira, que a gente coloca cinco cadeiras e seis pessoas, e daqui a pouco todo mundo senta nas cadeiras e um fica de pé? Eu acho que os banqueiros fizeram isso, porque de repente o dinheiro desapareceu. Não tem crédito na Alemanha, não tem crédito na França, não tem crédito na Inglaterra, não tem crédito no Brasil. Para onde foi esse dinheiro?

Aqui no Brasil, nós estamos tratando de resolver esse problema. Já anunciamos dois créditos para a agricultura. Nós estamos, graças a Deus, com as instituições públicas muito fortalecidas – Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e BNDES – portanto, nós estamos comprando carteiras de bancos de investimento que tiveram problemas, e vamos comprar mais. Nós estamos reduzindo o compulsório, e passando o compulsório para que os bancos aumentem as suas linhas de crédito.

Nós estamos utilizando um pouco das reservas em dólar para o Banco do Brasil no exterior, a troca de compra de títulos, para não diminuir o valor da nossa reserva, que nós queremos que continue em 207 bilhões de dólares, para que a gente possa financiar os nossos exportadores. Nós achamos que... não vamos fazer nenhum pacote econômico, vamos trabalhar pontualmente



cada coisa que se apresentar para nós, na expectativa de que essas medidas anunciadas, primeiro pelo Bush – que ainda não foram sequer regulamentadas, portanto, não vão dar resultado já – depois, a medida anunciada pelo Gordon Brown, que foi a mais eficaz de todas e a mais forte, que foi de 1 trilhão de dólares, ele se comprometendo a garantir que todos os correntistas estarão garantidos e que ele não vai dar dinheiro para banco. Ele vai comprar ações do banco.

Isso é uma coisa muito importante, porque até o Bush está falando em comprar ações de bancos privados. Significa que o coração do regime capitalista começa a ter um gostinho pelo papel do Estado, que esteve desmoralizado durante os últimos 30 anos. O Estado volta a ser peça importante. É importante a gente atentar para o papel do Estado. O papel do Estado não é diferente, Paulo, do seu papel em família. Os nossos filhos, quando têm 18 anos, o que eles nos falam? Não querem passar mais finais de semana conosco, porque nós não temos assuntos com eles, não gostam mais das músicas que nós gostamos, nós somos carolas para eles, e uma série de coisas. Quando o filho adolescente vem atrás do pai? Quando ele está sem dinheiro e quando está doente.

O mercado que poderia resolver tudo, e nos últimos 30 anos ditou regras para a sociedade, no primeiro fracasso, a quem ele recorre? Ao paizão, que é o Estado. Obviamente, eu acho que o Estado tem que ajudar a resolver o problema, e acho que a saída de não dar dinheiro para banco, mas comprar ações do banco, é muito importante, porque isso permite que o Estado volte a exercer um papel de influência sobre o sistema financeiro internacional, que não tinha nenhum controle. Só para vocês terem idéia, aqui no Brasil um banco de investimentos só poderia alavancar no máximo dez vezes o seu patrimônio líquido. Nos Estados Unidos, 35 vezes. Significa que um cidadão estava emprestando o que não tinha. E mais grave, estava emprestando o que ele não podia cumprir em caso de crise como está acontecendo agora. Vocês viram



tantas instituições que ficam avaliando o risco-Brasil todo dia, toda hora no jornal, risco-Brasil é tanto: quebraram todos. Se eles tivessem parado um dia para medir o risco deles e esquecido o Brasil...

Também nós trabalhamos aqui, no Brasil, com muita gente torcendo para as coisas darem errado. Eu nunca vi, Pinguelli, tanta gente fazer figa para a crise chegar logo aqui: “Ah, agora quero ver se o Lula vai ter sorte. Agora tem que vir...” Eu acho um absurdo, porque se a crise chegar aqui no Brasil não é o Lula quem vai perder, é o País que vai perder, é o povo brasileiro que vai perder.

Tem gente que acha que sou muito otimista, que eu deveria falar com menos otimismo. Eu não posso. Imagina você ir a um hospital visitar um companheiro que está em fase terminal e você chegar lá, sentar à beira da cama e dizer: “Ih, ontem morreu um cara assim igual a você”. Ou o médico que está tratando o cidadão: “Olha, companheiro, eu acho que de amanhã você não passa, viu? Olha, esse negócio aqui... Já morreram 20 aqui, nesse leito”.

Ora, primeiro, nós temos que trabalhar sempre com a hipótese de que as coisas ruins não vão acontecer conosco, e trabalhar para evitar que elas aconteçam. E nós estamos trabalhando, a equipe econômica, a equipe do Banco Central, estamos trabalhando com muito esforço e com lupa mesmo, para evitar que essa crise chegue e atrapalhe o desenvolvimento do Brasil.

Nós ainda temos um instrumento importante para enfrentar a crise, que é o potencial do mercado interno. Por isso que não quero diminuir crédito, é preciso que a gente mantenha o crédito porque... E tenho dito nos comícios. Domingo eu estava num comício, lá em São Bernardo do Campo, eu falei: “Estão aí dizendo da crise, ninguém tem que parar de comprar sua televisão ou sua geladeira”. O povo foi todo para o bar tomar cerveja e falou: “O Presidente mandou gastar, vamos tomar cerveja aqui...” Porque se não tiver pessoas comprando, não tem fábrica produzindo, não tem comércio vendendo, e aí nós entramos mesmo em recessão.



Agora, Paulo, quero agradecer, querido. Quero agradecer, Marco Antônio, esse carinho que recebi aqui. Eu não sei se vocês percebem, eu fui o primeiro presidente da República a receber reitores. Vocês sabiam que os presidentes não recebiam reitores? Nunca um presidente da República fez reuniões com reitores, muito menos com os diretores dos Cefets, e muito menos vir à SBPC.

É porque se criou, durante muito tempo, a rivalidade... Nenhum Presidente gosta de ser cobrado, todo mundo gosta de aplausos, podem ficar certos. Agora, para você receber aplausos, você tem que merecer; e para receber vaias você também tem que merecer. E a melhor forma de você enfrentar isso é a conversa.

Por que haveria um Presidente de não conversar com a SBPC? Por que haveria um presidente da República de não conversar com os reitores? Se conversa com empresários, conversa com banqueiros, por que não conversar com os outros segmentos da sociedade?

E eu quero dizer para vocês que uma das coisas que quero deixar como legado, quando deixar o governo, é a mudança no padrão de relacionamento do governo com a sociedade. É preciso mudar esse padrão de relacionamento para que as pessoas encarem com normalidade esses encontros e, dentro dos encontros, as divergências.

Imaginem o dia em que ninguém tiver mais nada para reivindicar... Nós fizemos um PAC de 41 bilhões, e eu sei que na hora em que ele se esgotar vocês vão querer um PAC de 60 bilhões, de 70 bilhões. E Deus queira que vocês sempre tenham razão de querer mais, porque é da exigência de vocês que o governo vai colocando dinheiro. E é do cumprimento do gasto desse dinheiro que vocês irão fazer por merecer mais dinheiro. Até que um dia a gente não discuta mais se é 1,5%, se é 2%, se a empresa está participando ou não. Até que um dia a ciência e a tecnologia façam parte do nosso cotidiano, não apenas dos cientistas, mas do ministro, do presidente da República, do



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

ministro da Fazenda, do ministro do Planejamento, e essas coisas sejam encaradas com muita naturalidade e com muita normalidade.

Ditas essas palavras, meus companheiros, estou com a minha “cientista” me esperando no aeroporto, brava “prá danar”, que é a dona Marisa, e vou ter que ir embora porque tenho uma reunião da coordenação política ainda hoje.

Queria, Marco Antônio, agradecer de coração esse convite. Queria, professor Jacob, agradecer. Agradecer a todos que falaram aqui, e dizer para vocês: enquanto eu for presidente da República não tenham nenhuma preocupação de cobrar, de criticar, porque Deus me deu duas orelhas, meio caídas para ouvir à vontade, e uma boca só para falar pouco.

Um abraço. Feliz aniversário para a SBPC.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade comemorativa dos 20 anos da Constituição Cidadã**

Palácio do Planalto, 22 de outubro de 2008

Meu caro presidente do Senado Federal, senador Garibaldi Alves Filho,
Meu caro presidente da Câmara dos Deputados, deputado Arlindo
Chinaglia,

Meu caro presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Gilmar
Mendes,

Minha companheira Marisa,

Meus companheiros ministros que foram constituintes em 1988, Nelson
Jobim, da Defesa; Edison Lobão, de Minas e Energia; Hélio Costa, das
Comunicações; deputado Mauro Benevides, vice-presidente da Assembléia
Nacional Constituinte de 1988; meu caro Bernardo Cabral, relator-geral da
Constituição Federal de 1988, por meio dos quais saúdo os constituintes que
estão nesta cerimônia,

Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Tarso Genro, da Justiça,

Celso Amorim, das Relações Exteriores,

Fernando Haddad, da Educação,

José Pimentel, da Previdência Social,

Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

José Gomes Temporão, da Saúde,

Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Marcio Fortes, das Cidades,

Luiz Dulci, da Secretaria-Geral,

José Antonio Dias Toffoli, da Advocacia-Geral da União,

Jorge Hage Sobrinho, do Controle e da Transparência,



José Múcio, da Secretaria de Relações Institucionais,
Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,
Nilcéa Freire, de Políticas para Mulheres,
Altemir Gregolin, da Aqüicultura e Pesca,
Paulo Vanucchi, dos Direitos Humanos,
Meu caro governador Teotônio Vilela, governador de Alagoas,
Companheiros deputados federais, senadores,
Meu caro Tito Henrique da Silva Neto, filho do deputado Ulysses
Guimarães,
Meus amigos e minhas amigas,

Atendendo a um apelo do Garibaldi, já está constituída na Câmara dos Deputados uma comissão presidida pelo deputado Michel Temer e relatada pelo deputado João Paulo Cunha, para a regulamentação dos artigos da Constituinte de 1988 que ainda necessitam ser regulamentados. Nunca um governo atendeu tão rapidamente a um apelo do presidente do Senado. Está constituída aí a nossa Comissão. Obviamente, com a concordância do Arlindo Chinaglia, porque senão ele não vai achar bom. Na verdade, foi o Arlindo que montou essa Comissão.

Também, queria fazer justiça aqui, que este ato que o Executivo está fazendo para homenagear a nossa Constituição surgiu de uma conversa minha com o deputado Zaneti, do Rio Grande do Sul, numa das feiras que ele me convida para ver o vinho, mas nunca me dá uma garrafa, ele, então, sugeriu, deu a idéia que eu levei para a coordenação do governo e aprovamos, e eu estou muito satisfeito com esta comemoração.

Antes de ler o meu discurso, (gostaria de) dizer aos mais jovens que eu tive o prazer, um imenso prazer, não apenas de participar da Constituinte, mas de participar de uma coisa que antecedeu a Constituinte, que permitiu que nós trouxéssemos para o Congresso Nacional uma representação heterogênea e



democrática. Até então, os movimentos sociais nunca tinham sido representados como nós fomos na Constituinte, porque a Constituinte, na verdade, foi fortalecida nas ruas, na campanha das Diretas, também coordenada pelo nosso companheiro Ulysses Guimarães. Se não fosse a campanha das Diretas, certamente nós teríamos uma Constituinte mais chocha do que tivemos. O povo estava num processo de evolução, uma evolução de consciência política; o povo estava num momento extraordinário de conquistar novas coisas, depois da frustração de a gente perder as Diretas lá no Plenário da Câmara dos Deputados.

A segunda coisa que eu considero extremamente importante é que tem aqui vários companheiros e, como não tem uma nominata, eu não posso citar os constituintes que vieram aqui, mas eu penso que quem viveu aquele momento, viveu, quem não viveu, vai esperar para viver. Porque não acredito que tenha existido, no Congresso Nacional, momento mais extraordinário de consolidação do processo democrático, de participação da sociedade e de discussão.

Aqui, nós temos que fazer justiça, a começar pelo doutor Ulysses Guimarães, que como presidente da Assembléia Nacional Constituinte, às vezes demorava uma semana para começar a votar, fazendo todos os acordos que tinha que fazer. Naquela época, eu não tinha dimensão da necessidade das costuras que você tem que fazer antes de colocar uma matéria delicada em votação. Hoje, na Presidência, eu já tenho noção de como é bom fazer essas costuras antes. Quando o doutor Ulysses entrava naquele Plenário para votar, todo mundo aqui se lembra de que na hora da votação era votação. Não adiantava o Genoino, o Haroldo Lima ficarem gritando, pedindo questão de ordem, que não tinha; não adiantava ficar mostrando que o Regimento permitia. Quem não se lembra das brigas do Ulysses Guimarães com o Mário Covas?

O dado concreto é que nós conseguimos votar, num tempo recorde, sem



as brigas que já existiam em outros lugares do mundo, uma Constituição que, se não foi a melhor, ainda está para nascer uma melhor do que ela. Portanto, nós não temos (inaudível).

Sempre quem quis mudar a Constituição, foram os setores mais conservadores da sociedade, que queriam tirar as conquistas que nós tínhamos obtido naquela Constituição. Obviamente, eu concordo com o presidente do Senado, que uma Constituição... nós não somos deuses e, portanto, a fizemos em função do grau de consciência e amadurecimento político da sociedade naquele instante. Em alguns momentos, ela precisa ser ajustada e pode ser ajustada. Para isso, o Congresso tem o poder de, no momento que entender adequado, fazer as mudanças, a adequação, para que a Constituição seja cada vez mais primorosa.

Uma outra coisa importante que é preciso a gente aprender a valorizar neste país: hoje nós estamos vivendo o mais longo período de democracia contínua da história do País. Não é pouca coisa. Talvez um jovem de 18, de 19 anos, que ainda não tem conhecimento da história deste país, não dê o valor que nós estamos dando aos 20 anos da nossa Constituição. Mas, quem viveu o autoritarismo neste país, quem viveu afastamento de presidente, sabe o quanto é bom a gente ter uma Constituição e, em função da Constituição, ter instituições que funcionem e que garantam a igualdade para todos os cidadãos e cidadãs brasileiros.

Está faltando citar... já falamos do Bernardo Cabral, do Mauro Benevides, do Ulysses Guimarães, mas falta citar uma pessoa aqui que, certamente, é uma das pessoas que contribuiu para a gente avançar, que foi o companheiro Mário Covas, na Comissão de Sistematização.

Mesmo o Centrão, quem conviveu naquele tempo e via o Roberto Cardoso Alves ser o líder do Centrão, poderia dizer “o Roberto Cardoso Alves é da direita, mas é um cara democrático, é um cara que conversa”, porque nunca deixou de conversar conosco em nenhum momento nos temas mais delicados



da nossa Constituição. Portanto, eu acho que foi um momento de ouro que nós precisamos valorizar a todo instante, porque foi uma conquista da sociedade brasileira.

Confesso a vocês que não vou ler o meu discurso porque falar depois de seis oradores... Eu só queria ressaltar que participei daquela Constituinte. Eu nunca quis ser deputado, nunca. A única coisa que eu queria ser na vida era constituinte, tanto é que terminou a Constituinte e eu fui embora, talvez com outras pretensões. Depois que nós conquistamos a eleição direta para presidente, vocês sabem que em 2010 vai ser a primeira eleição na qual eu não sou candidato. Não sei se alguém está com saudade, mas... É uma coisa interessante: dos presidentes da República, depois da aprovação da Constituição – Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e eu, completados os oito anos, nós teremos governado praticamente três constituintes de 22, teremos governado por praticamente 19 anos este país. O que é um fato muito importante. As pessoas que governaram o Brasil depois da Constituição, com raríssimas exceções, foram companheiros que participaram da Constituinte, portanto, têm raízes na elaboração e na promulgação dessa Constituição.

O presidente Sarney não está aqui, mas é importante também dizer que o presidente Sarney, como presidente, contribuiu muito para que a gente pudesse fazer a Constituição, porque se o poder Executivo se colocasse contra uma série de coisas poderia nem ter sucesso, mas que criaria problemas, criaria muitos problemas e o Sarney, nesse negócio, foi um estadista no seu comportamento. Ficou na presidência da República e nós ficamos debatendo. E depois uma coisa sagrada é que nós funcionávamos Câmara e Constituinte. Vocês estão lembrados dos debates de que as duas coisas não iriam funcionar e funcionaram. Bastou que nós quiséssemos trabalhar para as coisas darem certo, e deram certo.

Portanto, eu acho que esta Constituição é para mim um motivo de orgulho, até porque eu cheguei aqui como deputado constituinte mais votado.



Eu, Ulysses Guimarães e Afif Domingos, por São Paulo: 650; 555 e 500 e poucos mil votos. Se bem que depois que a gente toma posse, quem teve um voto vale tanto quanto quem teve 500 mil, ou seja, ali realmente prevalece a democracia, todos nós somos iguais.

Eu queria dizer para vocês que o momento que nós estamos vivendo no Brasil, nesses 20 anos da nossa Constituição, nos obriga a fazer reflexões quase todo santo dia das conquistas que nós ainda temos que fazer.

O fato de ter sido constituída uma comissão na Câmara para tentar regulamentar as coisas que precisam ser regulamentadas, é um fato importante, porque a Constituição de 1946, terminou sem ser regulamentada. Se a Câmara tomou essa decisão, Arlindo, eu quero, de público, dizer que foi uma tomada de posição extraordinária, com uma tranqüilidade, com o tempo da Câmara, sem a pressão de ninguém de fora, mas a própria Câmara entendendo o momento de fazer o ajuste que tem que ser feito na Constituição.

Eu queria terminar dizendo aqui uma frase do nosso querido companheiro Ulysses Guimarães e aqui eu acho que tinha muita gente que às quase quatro horas da manhã estava naquele plenário ouvindo Ulysses Guimarães ler o seu documento, e um trecho do seu discurso dizia: “A nação quer mudar. A nação deve mudar. E a nação vai mudar. A Constituição pretende ser a voz, a letra, a vontade política da sociedade rumo às mudanças. Que a promulgação seja o nosso grito”. E dizia ele: “Mudar para vencer”. E terminou dando um grito: “Muda Brasil!” E o Brasil está mudando. Graças à Constituição, graças ao povo brasileiro, graças ao Congresso, graças ao governo, nós estamos mudando para melhor.

Muito obrigado e viva a Constituição!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço em homenagem à Sua Majestade, o Rei Abdullah II, da Jordânia

Palácio Itamaraty, 23 de outubro de 2008

Vossas Majestades, Rei Abdullah II e Rainha Rania, da Jordânia,
Minha companheira Marisa Letícia,
Meu caro amigo e companheiro José Alencar, Vice-Presidente da República, e senhora Mariza Gomes da Silva,
Senador Garibaldi Alves Filho, Presidente do Senado Federal,
Deputado Arlindo Chinaglia, Presidente da Câmara dos Deputados,
Vossas Altezas Reais, príncipe Hamzah bin Al Hussein, princesa Noor Hamzah e príncipe Rashid,
Senhor Nasser Lozi, chefe da Corte Real,
Senhor Saleheddin al Bashir, Ministro de Relações Exteriores da Jordânia,
Demais membros da delegação jordaniana,
Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores, em nome de quem cumprimento os demais ministros brasileiros,
Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro,
Deputados federais,
Senadores,
Senhoras e senhores,

A primeira visita de um chefe de Estado da Jordânia ao Brasil é um marco nas relações de duas nações com forte identidade nacional e projeção internacional.

É, portanto, com especial satisfação que recebo o Rei Abdullah II. Vossa



Majestade é admirado pela liderança que exerce nas principais iniciativas de pacificação no Oriente Médio. Seu empenho é fonte de inspiração para todos aqueles que acreditam na paz.

Majestade,

Sua vinda ao Brasil fortalece um diálogo político inadiável entre dois povos comprometidos com um futuro de paz e bem-estar para o Oriente Médio. O Brasil é a casa de mais de dez milhões de descendentes árabes. Com igual orgulho, acolhe importante comunidade judaica. Sonhamos com o dia em que a coexistência amistosa dessas duas comunidades no Brasil possa se repetir em todo o mundo. Queremos o fim de crises, como a que obrigou o Brasil a resgatar, em 2006, milhares de brasileiros ameaçados pela violência no Líbano. Nesses momentos difíceis, sempre pudemos contar com sua ajuda e solidariedade.

Nossa preocupação comum com a paz levou-nos a participar da Conferência de Annapolis e da Conferência de Doadores de Paris, onde anunciamos nossa contribuição financeira para a reconstrução da Palestina. Juntamente com nossos parceiros do Fundo IBAS, estamos engajados em projetos para mitigar o sofrimento do povo palestino. Mas não escondemos nossa preocupação com a falta de avanços concretos nas negociações e a contínua deterioração das condições de vida nos territórios palestinos ocupados.

Majestade,

Sua visita abre promissor capítulo nas relações entre nossos países. É esse o sentido dos acordos que assinamos. Por meio de uma cooperação educacional vamos intensificar o intercâmbio entre nossos professores e estudantes.

No campo do turismo, vamos adotar medidas para permitir que um maior número de pessoas possa conhecer duas das “sete novas maravilhas do mundo”, Petra e Rio de Janeiro.



E temos ainda acordos sobre cooperação científica e tecnológica, em agricultura e em matérias econômicas e comerciais. Acordos que certamente ajudarão a dar novo impulso aos nossos laços nesses temas.

Sei que Vossa Majestade e sua comitiva empresarial terão importantes encontros em São Paulo. Nossos empresários saberão identificar oportunidades de negócios à altura do potencial de nossas economias.

A Petrobras já saiu na frente, com estudos para a prospecção de xisto betuminoso. São boas as perspectivas para a exploração de fosfato, potássio e fertilizantes, insumos fundamentais para o crescimento sustentado da atividade produtiva brasileira.

Nosso comércio aumentou exponencialmente nos últimos anos, saltando de 30 milhões de dólares, em 2002, para quase 300 milhões de dólares em 2007. As trocas permanecem, no entanto, modestas e desequilibradas, o que recomenda redobarmos esforços para concluir um acordo de livre comércio Mercosul-Jordânia. Na Presidência Pro Tempore do Mercosul, posso assegurar-lhe, o Brasil dará alta prioridade a essas negociações.

Senhoras e senhores,

Queremos a Jordânia como interlocutor privilegiado na aproximação que o Brasil busca com parceiros do Oriente Médio e do Magrebe. Na Primeira Cúpula América do Sul-Países Árabes, de 2005, reunimos, de forma pioneira, duas regiões que precisam se conhecer melhor.

Na Segunda Cúpula ASPA, em Doha, em 2009, daremos novos passos para unir nossas vozes na defesa de uma ordem internacional mais justa e equilibrada. Os países em desenvolvimento podem contribuir, de forma criativa e solidária, para a superação de crises que afetem a comunidade internacional. É o que Jordânia e Brasil fazem no Haiti, onde a Jordânia é o quinto maior contribuinte de tropas para a Minustah.

Majestade,

Tenho acompanhado seu empenho em criar condições de vida melhores



para o povo jordaniano; em levar saúde e educação a regiões marginalizadas. Meu governo está fazendo o mesmo no Brasil. Nossos países não serão verdadeiramente livres e seguros enquanto deixarem parcelas de suas populações para trás. Sabemos que muitos dos conflitos no mundo se amplificam à sombra da fome, da pobreza e da desesperança.

Mas os avanços obtidos por nossos países correm riscos. A crise financeira global pode atingir, de maneira injusta e particularmente dura, os países em desenvolvimento. A crise atual nos mostra que as instituições financeiras internacionais precisam ser urgentemente reformadas.

Estou certo de que continuaremos contando com o empenho de seu governo na construção de um mundo mais solidário e mais justo. Um mundo com paz no Oriente Médio. São essas as perspectivas e as esperanças que a visita de Vossa Majestade ao Brasil nos deixa.

Em meu nome e em nome do povo brasileiro, expresso meus melhores votos de saúde e felicidade para Vossa Majestade e para a Rainha Rania, desejando paz e prosperidade ao povo jordaniano.

Muito obrigado.

(\$211A)



Mensagem lida em nome do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de comemoração do Dia do Aviador e entrega de medalhas da Ordem do Mérito Aeronáutico

Brasília-DF, 23 de outubro de 2008

Em 23 de outubro de 1906, os gramados dos campos de Bagatelle, na França, assistiram à inauguração de uma nova etapa na trajetória da humanidade. Naquele dia, o primeiro vôo do 14-Bis simbolizou a vitória da persistência e da criatividade sobre as limitações técnicas e humanas. E recompensou os visionários que sonhavam compartilhar com os pássaros a amplitude dos céus a bordo de um veículo mais pesado que o ar.

O feito magnífico do brasileiro Alberto Santos Dumont coroou uma extraordinária série de contribuições para o progresso tecnológico, durante a qual o Pai da Aviação concebeu outros inúmeros inventos de destaque, ampliando sua participação no elenco de conquistas científicas.

Em seu singelo vôo, o 14-Bis elevou o nome do Brasil a uma inegável posição de destaque mundial. E sinalizou o alvorecer de uma epopéia que, ao longo do tempo, faria de nossa aviação uma das mais respeitadas do planeta.

Contamos com uma complexa malha de ligações aeroviárias. Uma frota de grande porte. E uma estrutura de apoio sólida e eficaz. Tais fatores ratificam a dimensão estratégica da aviação brasileira no cenário internacional.

Inserida nesse brilhante cenário, contamos com uma Aeronáutica que interage fortemente com todos os aspectos da vida nacional.

Herdeira das mais dignas tradições da Aviação Naval e da Aviação do Exército, a Força Aérea Brasileira conquistou, definitivamente, o carinho e a admiração do povo brasileiro.

Sua história é marcada pela defesa da liberdade nos céus da Itália. Pelo Correio Aéreo Nacional, pioneiro na integração do nosso território. E, mais



recentemente, por implementar um moderno e inteligente sistema de controle do espaço aéreo.

A Aeronáutica também oferece permanente e valiosa contribuição ao desenvolvimento social e à defesa da democracia do nosso País. Por meio de suas asas, leva a assistência, o socorro e a esperança às comunidades isoladas. E carrega, consigo, um pouco das diversificadas culturas deste imenso Brasil.

A verdade é que a Força Aérea Brasileira está cada vez mais dinâmica e resoluta no cumprimento de sua destinação constitucional: assegurar a inviolabilidade de nossas fronteiras aéreas, conduzir o progresso e a integração, levar saúde aos distantes povoados indígenas e estender a mão às vítimas do infortúnio. Essa é a nossa Força Aérea, orgulho do povo brasileiro.

Parabenizo, neste instante, todos os agraciados com a distinta Ordem do Mérito Aeronáutico.

Reafirmo a importância de sua atuação em prol da Força Aérea Brasileira e vislumbro em cada personalidade condecorada um profundo amor à Pátria e ao senso de dever, valores que servem de Norte aos guardiões de nossos céus.

Parabéns, Força Aérea Brasileira. Parabéns, aviadores e aviadoras – que Deus continue a proteger os nossos vãos.

Muito obrigado.

(\$212)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos**

Salvador-BA, 28 de outubro de 2008

Excelentíssimo senhor José Sócrates, Primeiro-Ministro da República de Portugal,

Meu caro companheiro Jaques Wagner, Governador da Bahia,

Senhores ministros portugueses, Luís Amado, dos Negócios Estrangeiros; Manuel Pinho, da Economia e da Inovação; Mário Lima, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações; José António Pinto Ribeiro, da Cultura,

Ministros que me acompanham nesta viagem, Celso Amorim, das Relações Exteriores; Juca Ferreira, da Cultura; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Hélio Costa, das Comunicações; Marcio Fortes, das Cidades; Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional; e Pedro Brito do Nascimento, do Esporte,

Embaixador Seixas da Costa, em nome do qual saúdo os demais integrantes da delegação portuguesa,

Embaixador Celso Marcos Vieira de Souza, embaixador do Brasil em Lisboa,

Meu caro amigo João Henrique Carneiro, Prefeito de Salvador,

Meu caro amigo José Sergio Gabrielli, Presidente da Petrobras,

Meu caro Alan Kardec,

Meus amigos da imprensa,

Senhoras e senhores,

Receber o meu amigo primeiro-ministro José Sócrates, em Salvador, na Bahia, é relembrar que Portugal e Brasil são unidos pelo extraordinário



potencial de sua amizade. Foi desta cidade, a primeira capital luso-brasileira, que portugueses e brasileiros partiram juntos para conquistar o Mundo Novo, para construir uma nova pátria.

A celebração aqui de mais uma edição da Cúpula Brasil-Portugal reafirma nosso compromisso de assentar em bases cada vez mais sólidas essa parceria secular. Dom João deu um magnífico exemplo logo ao desembarcar nesta cidade em 1808: decretou a abertura dos portos brasileiros ao exterior e fundou uma escola para formar médicos, a primeira faculdade de Medicina do País. Dava início, assim, às profundas transformações que forjariam o Brasil de hoje.

É com este país que Portugal hoje mantém crescentes trocas comerciais, investimentos e parcerias econômicas. Acima de tudo, são relações nascidas do trabalho daqueles que saíram de suas casas para buscar uma nova vida no outro lado do Atlântico. E por isso, e por si só, deveríamos manter sempre no centro de nossas atenções as comunidades imigrantes.

Senhoras e senhores,

Desde nossa última Cúpula, em 2005, o comércio bilateral teve aumento superior a 60%, alcançando o recorde de US\$ 2 bilhões. Portugal já é o sétimo maior investidor no Brasil: são mais de US\$ 8 bilhões em investimentos portugueses no Brasil em áreas estratégicas como energia, telecomunicações e turismo. É o caso da Telecom Portugal, que será a primeira empresa a se instalar no Parque Tecnológico de Salvador.

Também se multiplicam as inversões brasileiras em Portugal, em setores tão distintos quanto siderurgia, publicidade e informática.

Eu tive o prazer de participar da cerimônia em que a Embraer anunciou a decisão de abrir duas unidades para a produção de aeronaves no Alentejo. E as possibilidades de novos investimentos são ainda maiores, sobretudo quando nossas empresas forjam parcerias.



É isso que Petrobras e Galp Energia estão fazendo na área de biocombustíveis, para produzir biodiesel no Nordeste brasileiro e para exportá-lo para Portugal, quiçá para outros países da Europa.

Pode parecer ingênuo comemorar os números de nossas relações econômicas e comerciais no meio de uma crise financeira global de duração e conseqüências ainda imprevisíveis, mas eu acho que é exatamente isso que precisamos fazer. Temos que insistir no comércio, nos investimentos e nas parcerias, justamente para não cair na espiral do derrotismo e da especulação.

Hoje, mais do que nunca, precisamos insistir na conclusão das negociações da Rodada de Doha. Um acordo agora enviaria um forte sinal positivo da capacidade de articulação da comunidade internacional. É, também, o momento de desemperrar as negociações comerciais entre o Mercosul e a União Européia.

Nossos países estão tomando as medidas necessárias para navegar na crise com o mínimo de sobressaltos e de acidentes de percurso. No Brasil estamos dando seguimento ao Plano de Aceleração do Crescimento, que ajudará a manter o nível das atividades produtivas e os empregos. Ao mesmo tempo, contribui diretamente para a modernização da infra-estrutura econômica do nosso país. Este também é o momento para a reflexão coletiva, por parte de todos os países, ricos e pobres. Isso, para nós, está mais do que claro.

Na Cúpula do G-20, financeira, em Washington, dentro de duas semanas, precisamos tomar a decisão de iniciar as urgentes reformas estruturais do sistema financeiro internacional, reformas que venho defendendo há muito tempo. A presença do Brasil nessa discussão é prova de que as economias emergentes não podem mais ser ignoradas e que não podem ser reduzidas a vítimas de um receituário que nunca valeu para os países que estão no epicentro da crise. Temos, acima de tudo, a responsabilidade de defender os interesses dos países mais pobres, que serão os mais



prejudicados se não agirmos rapidamente, para evitar o agravamento do caos financeiro global.

Meus caros amigos e amigas,

Agradecemos o apoio português à candidatura do Brasil a integrar o grupo de novos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. Entendemos esse gesto como expressão de confiança na capacidade de o Brasil contribuir para essa nova arquitetura que se faz necessária.

É justamente para defender práticas mais transparentes e concertadas que proponho realizar uma nova Cúpula sobre o Desenvolvimento Sustentável em 2012, no Rio de Janeiro. Vamos pensar em conjunto como levar prosperidade para nossos cidadãos, sem comprometer o futuro das próximas gerações.

É também dentro dessa perspectiva que contamos com importante delegação portuguesa na Conferência Internacional sobre Biocombustíveis, agora em novembro, em São Paulo. Para mostrar que o etanol e o biodiesel podem ser poderosas ferramentas para combinar proteção ambiental e segurança energética com combate à fome e à pobreza.

Meu caro amigo e companheiro José Sócrates,

Receba meu reconhecimento pela contribuição portuguesa para o êxito dos trabalhos da Cúpula União Europeia e Brasil. Contamos com seu continuado empenho para assegurar que a Segunda Cúpula, em dezembro próximo, esteja à altura das potencialidades dessa parceria.

Portugal e Brasil são sócios em uma empreitada ainda mais ambiciosa. Reitero meu compromisso com a promoção da língua portuguesa como idioma global. Já é mais do que hora para que nossa língua seja adotada nos fóruns multilaterais. Nesta Cúpula assinamos atos que fortalecem nossos mecanismos de consultas nas esferas política e consular.

Todos esses avanços, juntamente com o nosso diálogo aprofundado sobre os temas centrais da agenda internacional, mostram que as relações



entre Portugal e Brasil vão muito além dos vínculos tradicionais forjados sobre o nosso passado comum, mostram que estamos construindo uma sólida agenda para o futuro.

Meu caro amigo Primeiro-Ministro Sócrates,

Eu lhe disse agora há pouco que na hora do almoço nós vamos discutir um pouco sobre a crise econômica. E eu penso que Portugal e Brasil podem, juntos, contribuir para dar sugestões e idéias em dois momentos importantes. Primeiro, Portugal participa dos fóruns da União Européia. Segundo, o Brasil participa dos fóruns do G-20 Financeiro, e fizemos ontem uma reunião com os ministros do Mercosul – os ministros da Fazenda e os Bancos Centrais. Estamos num processo de acumulação de informações para que possamos formatar novas sugestões para o mundo financeiro internacional.

Uma das coisas que mais me deixa à vontade e certo de que seremos exitosos nessa nossa empreitada é que para a opinião pública mundial os mercados já não são tão infalíveis como pareciam ser há alguns anos. Para esses mesmos formadores de opinião pública, que ajudaram a construir o Consenso de Washington ou o pensamento único, já está ficando claro que as instituições financeiras, que durante tantos e tantos anos foram orientadoras de políticas, eu diria quase todas com pouco resultado, para os países em desenvolvimento, já não têm mais razão de funcionar como vinham funcionando até há pouco tempo.

Até mesmo o sistema financeiro global, com bancos considerados megabancos, que tantas vezes tentaram orientar como os governantes dos países pobres e emergentes deveriam governar os seus países, ou que muitas vezes ainda dizem qual o país que tem risco e qual o país que não tem risco, mesmo esses bancos estão a demonstrar que, durante muito tempo, se preocuparam em dar palpite na economia de outros países, sem se preocupar em administrar a sua própria empresa ou a sua própria casa.

É por isso que eu disse, no discurso que fiz em setembro, na sede das



Nações Unidas, que é chegada a hora da política. Nós fomos eleitos. Nós assumimos compromissos com o povo de cada um dos nossos países. E eu penso que o Estado volta a ter um papel extraordinário, porque todas essas instituições, que passaram três décadas negando o papel do Estado, na hora que tem uma crise procuram o Estado em que elas não confiam, para socorrê-las das crises provocadas por elas mesmas.

Por isso é que chegou a hora da política. Por isso é que chegou a hora de os políticos entrarem em ação e proporem, não em defesa do Estado, mas em defesa das populações que nós representamos, que o sistema financeiro tem a obrigação, como todo outro segmento da sociedade, de ganhar o seu dinheiro aplicando em coisas que gerarão riquezas, que gerarão produtos, que gerarão empregos. Nós não podemos admitir que o sistema financeiro internacional brinque com a sociedade. Nós não podemos permitir que alguém fique rico trocando apenas papéis, às vezes papéis que perpassam oito, nove, dez instituições, todas ficando ricas, sendo que poucas vezes se gerou a produção de um paletó, de um botão ou de um alfinete.

Portanto, eu penso que Portugal pode, junto à União Européia, fazer a força política que precisa fazer, que nós aqui na América Latina, no G-20 Financeiro... no dia 8 foi o encontro dos ministros da Fazenda em Washington. A gente fazer valer os interesses soberanos de cada nação a partir da lógica da geração de empregos, da distribuição de renda, da criação de novos postos de trabalho, de novas universidades e, de uma vez por todas, abolir o cassino em que foi transformada parte do sistema financeiro internacional.

A coisa é tão vergonhosa que muitos bancos importantes fizeram questão de fingir que não era com eles. Desde setembro nós conhecemos a crise do *subprime*, mas somente agora é que estamos conhecendo quais as instituições que estavam envolvidas e que poderiam ter evitado a crise chegar ao tamanho que chegou se tivessem assumido responsabilidades em 2008, ou ainda, quem sabe, em 2007.



O mais importante de tudo isso, Sócrates, é que eu penso que fazer valer a força da política não é um discurso eminentemente ideológico. É um discurso para garantir que o sistema financeiro, como o governo, como qualquer outra instituição, tenha liberdade para trabalhar desde que não esteja causando prejuízo à sociedade ou ao país a que ele pertence.

O Brasil não precisaria estar sofrendo essa crise. O nosso sistema financeiro não está metido no *subprime*. O governo tem R\$ 504 bilhões de reais para investimentos até 2010. As grandes empresas brasileiras têm grandes investimentos no setor siderúrgico, no setor ferroviário, nas rodovias brasileiras, nos portos brasileiros, no setor siderúrgico, na agricultura. Nós trabalhamos honestamente durante seis anos para colocar a economia brasileira num padrão de economia respeitável no mundo inteiro. É por isso que nós conseguimos juntar US\$ 207 bilhões em reservas; é por isso que nós conseguimos equilibrar e ter uma balança comercial robusta; é por isso que nós fizemos os ajustes fiscais que deveríamos fazer no Brasil.

Entretanto, por que nós estamos vivendo sinais da crise? Porque alguns setores da economia brasileira resolveram investir numa coisa chamada derivativos. Não era fazer *hedge*. Era além do *hedge*, que é uma segurança para quem exporta. Resolveram ganhar um pouco mais, tentando construir um cassino após o *hedge* para ganhar com a especulação da desvalorização do dólar e da valorização do real.

Portanto, quem foi para a jogatina, perdeu. E é um sinal extraordinário para que as pessoas descubram que aqui neste país, eu duvido que tenha um momento em que os empresários ganharam tanto dinheiro como ganharam nesses últimos anos. Duvido que o sistema financeiro brasileiro já ganhou o tanto de dinheiro que ganhou nesses últimos anos. Portanto, ninguém tinha o direito de tentar, de forma, eu diria, ilícita, mais do que aquilo que o próprio sistema produtivo do País oferecia.

Eu acho, meu amigo, que nós temos uma oportunidade. Houve um



tempo em que os políticos andaram de cabeça baixa, porque o mercado podia tudo, todo mundo tinha soluções, só o Estado é que não podia nada. Agora chegou a vez, não de fazermos o Estado voltar a se intrometer na economia e fazer fábricas, um monte de coisas – não é isso que nós queremos – mas é um Estado que tenha força política para regular a economia do País, para regular o sistema financeiro e permitir que eles utilizem, para crescer, a mesma prática que um trabalhador humilde utiliza para ter um aumento de salário, para comprar uma televisão ou uma geladeira.

É por isso que tenho dito: chegou a vez e a hora da política ocupar o seu papel nas grandes decisões do mundo, e nós temos uma grande oportunidade.

Muito obrigado, meu amigo.

(211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do 25º Salão Internacional do Automóvel**

São Paulo-SP, 29 de outubro de 2008

Meu caro Governador do estado de São Paulo, José Serra,
Meu caro Prefeito Kassab,
Ministros Miguel Jorge e Edison Lobão,
Meu caro Alberto Goldman, Vice-Governador do estado de São Paulo,
Senador Eduardo Suplicy,
Deputados federais aqui presentes,
Deputadas,
Senhor Jackson Schneider, presidente da Anfavea,
Senhor Juan Pablo De Vera, presidente da Alcântara Machado,
Senhor Jörg Henning, presidente da Abeiva,
Senhor Paulo Butori, presidente do Sindipeças,
Senhor Sérgio Reze, presidente da Fenabreve,
Senhora Viviane Sena, presidente do Instituto Ayrton Senna,
Meu caro Grana, presidente da Confederação Nacional dos
Metalúrgicos,
Empresários do setor automotivo,
Fornecedores,
Dirigentes de concessionárias,
Meus amigos e minhas amigas,

Esta 25ª Feira do Automóvel em São Paulo se dá num momento, eu diria, extraordinário do nosso país. E ela se dá num momento em que nós levantamos de manhã, tomamos café com a notícia de crise, almoçamos com a notícia de crise, jantamos com a notícia de crise. E se assistirmos ao jornal da



meia-noite, terá mais crise para quem quiser perder o sono à noite.

Entretanto, é importante que a gente faça uma reflexão de que é uma crise possivelmente tão ou mais séria do que a crise de 1929, é uma crise que nasce no coração da principal economia do mundo, e que depois de nascer na principal economia do mundo se espalha por toda a Europa. E durante todo esse período, desde setembro do ano passado quando ouvimos falar pela primeira vez no *subprime*, eu tenho feito questão de ser uma espécie de pregador do otimismo neste país. Tem gente que não gosta. Tem gente que gostaria que eu também estivesse pregando o pessimismo.

Eu me lembro de uma vez, eu tinha um amigo que tinha tido um enfarto. E todo mundo que tem enfarto, obviamente quem não morre, os que ficam vivos, passam a contar para a gente a história do seu enfarto: a dor no braço, a dor no peito. E esse meu amigo me contou tantas vezes a história do enfarto dele que eu passei a andar, no bolso, com aqueles comprimidos que a gente põe embaixo da língua. Porque eu passei a me imaginar estando num lugar qualquer, sentindo uma dor no braço, uma dor no peito, e não tivesse nem o médico perto e nem o comprimido. Andei, Serra, dois anos com aquele comprimido no bolso, na expectativa de que se viesse a dor... Eu já estava querendo tomar até se doesse o braço direito.

Ora, todos nós sabemos que tem uma crise. Uma crise que nasce um pouco da irresponsabilidade daqueles que querem ganhar dinheiro sem produzir absolutamente nada, daqueles que querem ficar ricos da noite para o dia, como se a economia do mundo fosse um cassino. E nós sabemos que o sistema financeiro, inclusive instituições muito importantes no mundo inteiro quebraram, e que precisou o Estado aportar recursos para que os correntistas que depositavam naquele banco tivessem a garantia de que o seu dinheiro não iria desaparecer.

Se nós analisarmos as crises que tivemos nos anos 90 – a asiática, a russa e a mexicana –, nós vamos chegar à conclusão de que as três juntas,



que causaram muitos problemas ao Brasil e a outros países emergentes, as três crises juntas envolveram aproximadamente US\$ 200 bilhões. Esta crise já envolveu mais de US\$ 4 trilhões e ainda não se sabe se já chegou ao fundo do poço e se vai começar, agora, o poço a encher outra vez. O dado concreto é que em alguns países essa crise já começa a chegar na economia real. Certamente, nós temos perspectivas de que terão problemas de diminuição de consumo em alguns países importantes, a começar pelos Estados Unidos da América do Norte.

Entretanto, eu fiz questão de vir a essa Feira porque amanhã de manhã eu tenho que tomar café lá em El Salvador, em São Salvador, com o Evo Morales, para discutir também a relação Brasil-Bolívia. Eu fiz questão de vir a essa Feira pra dizer que nós temos que olhar para a crise com a atenção que ela merece de nós, mas nós não podemos entrar em síndrome de pânico e paralisar as nossas atividades por causa da crise. Por que?

Primeiro, porque o sistema financeiro brasileiro é sólido e está provado que é mais sólido do que os deles que tentavam nos ensinar como fazer as coisas. Segundo, porque nós temos uma capacidade de mercado interno que eles não têm de crescimento como o nosso, porque eles já cresceram demais em outros tempos. Terceiro, porque nós temos uma diversificação na nossa balança comercial infinitamente mais ampla do que a gente tinha há algum tempo. Tudo isso são indicadores favoráveis ao nosso país, além das reservas que nós temos, além do dinheiro do compulsório, além do sistema financeiro mais sólido.

Agora, nós acabamos de receber a informação a mim transmitida pelo ministro Guido Mantega e pelo ministro Meirelles, que o Banco Central americano disponibilizou hoje US\$ 30 bilhões em troca de reais para permitir que o Brasil tenha, além dos 206 de reservas, mais US\$ 30 bilhões para facilitar a vida, sobretudo daqueles que precisam exportar. E ontem já começou



a funcionar a conta CCC que permite que os nossos exportadores tenham tranqüilidade.

Ontem eu chamei o Schneider no meu gabinete aqui em São Paulo... na sexta-feira haverá uma reunião entre o ministro Meirelles e o ministro Guido Mantega com a indústria automobilística para que a gente discuta todos os instrumentos necessários para não permitir que uma indústria de ponta como a indústria automobilística, que tem uma cadeia geradora de empregos como tem a indústria automobilística, possa sofrer qualquer problema por falta de crédito: este é um problema sério que nós estamos enfrentando.

Portanto, tanto o Banco do Brasil como a Caixa Econômica Federal, pela medida provisória que mandamos ao Congresso Nacional, estarão a disposição para comprar tantas quantas carteiras for necessário, sobretudo de bancos de investimento e de empresas financeiras da própria indústria automobilística que nós queremos irrigar para que não falte crédito. Porque não é possível que na hora que o pobre começa a ter acesso a um carro neste país apareça uma crise americana que atrapalha o brasileiro até no direito de comprar o seu carro.

Então, nós vamos tomar conta de alguns setores da economia que nós achamos que são cruciais. Um deles... eu quero reafirmar aqui o que eu já disse pros presidentes da indústria automobilística, e nisso estão de acordo comigo o governador, o prefeito, o vice-governador e eu diria todas as pessoas de bom senso no Brasil, para que a gente não tenha esse setor dinâmico passando pelas privações que passaram nos anos 80. A segunda coisa é também ainda no setor automobilístico, o crédito Finame, para garantir que as indústrias que produzem máquinas e implementos agrícolas possam continuar a produzir e a vender, não apenas para o Brasil, mas vender para outros continentes.

A terceira é a questão da construção civil. Nós estamos vivendo um momento excepcional da construção civil. Obviamente nós precisamos cuidar



de duas coisas: primeiro, do crédito para as pessoas que querem comprar casa, do financiamento para os empresários que querem investir, e ao mesmo tempo, um quarto problema, que é garantir capital de giro para pequenas e médias empresas brasileiras continuarem tocando suas atividades sem causar dano a economia brasileira.

Eu não quero dizer para vocês, não quero nem ser profeta do apocalipse nem quero ser o vendedor aqui do máximo de otimismo, não. Eu quero apenas dizer para vocês: este país nunca esteve tão bem para enfrentar essa e outras crises. O que nós não podemos é aceitar que o pânico, o medo, a desconfiança, gerem qualquer problema da gente fazer as compras que a gente tem que fazer.

Esses dias, Serra, eu fui a um comício do Marinho lá em São Bernardo e eu disse ao povo: “olha, eu acho que vocês têm que comprar”. As pessoas terminaram o comício foram para o bar tomar cerveja e falaram: “vamos beber que o presidente mandou a gente gastar”. Eu acho que com bom-senso as pessoas que tiverem um plano para comprar o seu carro, para comprar sua geladeira, para comprar sua televisão, obviamente tem que medir o tamanho da prestação dentro daquilo que é o orçamento que vai pro seu bolso no final do mês. Acho que as pessoas têm que continuar comprando, porque se acontecer o contrário, aquilo que ainda não é crise na produção brasileira, passa a ser. Na hora em que as pessoas deixarem de comprar, a empresa deixa de produzir, o comércio deixa de vender, o Serra vai perder imposto, o Kassab vai perder imposto, o governo federal vai perder imposto. Aí, a crise, que ainda não chegou no setor produtivo brasileiro, pode chegar se a gente permitir que o pânico tome conta das nossas atividades cotidianas.

Por isso, eu queria fazer um apelo à indústria automobilística. No começo deste ano vocês me anunciaram investimentos da ordem de US\$ 22 bilhões no Brasil, até 2010. O Serra recebeu oferta de muitas empresas que iam se instalar aqui. E eu queria dizer para vocês que não há nenhuma razão



para vocês pararem com os investimentos. Este país ainda tem um potencial muito grande de mercado interno. Eu já disse para todo mundo que não me negarei a ser garoto-propaganda dos produtos brasileiros, para abrir novos mercados em lugares que o Brasil ainda tem potencial para vender. E a América Latina, nós ainda nem chegamos perto de atender o nosso potencial, e acho que o momento é de ousadia.

Quando a gente vai visitar um paciente amigo da gente num hospital, a gente não fica doente porque ele está doente. E tampouco a gente vai dizer para ele: “Olha, conheço alguém que morreu com essa doença”. A gente vai dizer para ele: “Olhe, levante a cabeça, tenha fé que você vai sarar”. É assim que a gente tem que dizer.

Não há nenhuma razão para o Brasil entrar numa crise psicológica. As dificuldades que alguns países têm, nós não temos. Nós já liberamos R\$ 100 bilhões do compulsório para irrigar o crédito neste país. Nós temos mais dinheiro do compulsório, temos as reservas para poder garantir as nossas exportações, e temos muita capacidade produtiva.

Eu, como Presidente da República, queria terminar dizendo para vocês: espero que a suntuosidade desta Feira demonstre, primeiro, que nós não somos um país de Terceiro Mundo, ou seja, nós somos um país que pode disputar, em igualdade de condições, com os países do Primeiro Mundo. Segundo, quanto mais investimentos vocês fizerem, mais consumidores nós vamos criar para este país.

Eu espero que no dia 15, na reunião do G-20 Financeiro, em que 20 países vão discutir a questão da crise internacional... E vocês podem saber que o mercado financeiro internacional precisa de regulação. Não pode todo o setor da economia ser regulado e a especulação financeira não ter regulação. É preciso que as pessoas levem mais a sério que o sistema financeiro, que já ganha muito dinheiro, pode continuar ganhando muito mais dinheiro sem precisar fazer da ação do sistema financeiro uma jogatina de Las Vegas.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Investindo na produção todos nós ganharemos.

Por isso, eu espero que a indústria automobilística continue vendendo os carros como vinha vendendo nos últimos anos. Se tiver problema em financeira de indústrias, na sexta-feira eu espero que vocês coloquem, com muita abertura, para o Ministro Guido e para o Meirelles, para que a gente possa dar aos consumidores brasileiros que querem ter direito à sua paixão nacional, comprar o seu carrinho em suaves prestações.

Um abraço. E boa Feira para todos vocês.

(\$211A)